

SANDRA DE OLIVEIRA PEREIRA

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL, COMPORTAMENTO E
CONSUMO SUSTENTÁVEIS DE JOVENS
UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das
exigências do Programa de Pós-
Graduação em Economia Doméstica,
para obtenção do título de *Magister
Scientiae*

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2016

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

P436p
2016

Pereira, Sandra de Oliveira, 1982-

Percepção ambiental, comportamento e consumo
sustentáveis de jovens universitários / Sandra de Oliveira
Pereira. – Viçosa, MG, 2016.

xii, 123f. : il. ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.105-111.

1. Educação ambiental - Estudantes universitários.
2. Comportamento do consumidor - Estudantes universitários.
3. Sustentabilidade e meio ambiente. 4. Percepção - Estudantes universitários. I. Universidade Federal de Viçosa. Outros Órgãos. Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica. II. Título.

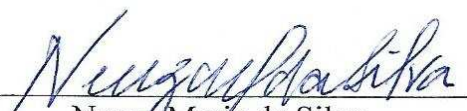
CDD 22 ed. 372.3570711

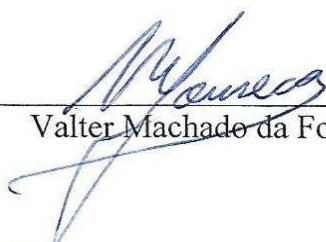
SANDRA DE OLIVEIRA PEREIRA

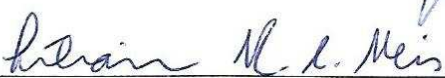
**PERCEPÇÃO AMBIENTAL, COMPORTAMENTO E
CONSUMO SUSTENTÁVEIS DE JOVENS
UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das
exigências do Programa de Pós-
Graduação em Economia Doméstica,
para obtenção do título de *Magister
Scientiae*

APROVADA: 16 de dezembro de 2016.


Neuza Maria da Silva


Valter Machado da Fonseca


Lílian Perdígão Caixêta Reis
(orientadora)

É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem sua benção sobre mim, eu nada seria.

À Universidade Federal de Viçosa, onde há exatamente quinze anos cheguei para ficar.

À minha família, por estar sempre ao meu lado e por acreditar em mim, especialmente à minha mãe Rita e ao meu pai José Carlos.

Ao meu esposo Júlio, pelo carinho e companheirismo nos momentos difíceis, e pela compreensão quando estive ausente.

À minha orientadora, professora Lílian Perdigão Caixêta Reis, por acreditar na minha capacidade e por tornar esse momento mais leve.

Ao professor Rodrigo Siqueira Batista, por ter me dado a primeira dica que culminou na construção desta pesquisa.

Aos meus amigos, pelo carinho e amizade, especialmente a Crislene, por ter me ajudado nas correções da proposta inicial de pesquisa.

Aos meus amigos e colegas de trabalho do Departamento de Medicina e Enfermagem da UFV, pelo companheirismo, pelo apoio, por estarem sempre por perto ouvindo minhas reclamações e angústias, especialmente Adriana Bhering, Adriana Gouveia, Paulo e Rodrigo Barros. Ao Chefe do departamento, professor Bruno, pela disposição em ajudar na conciliação do trabalho e estudos. À professora Andréia pela compreensão.

Aos meus colegas de mestrado por poder compartilhar esse momento de grande aprendizagem, e em especial a Delma, Roberta e Catarina, pela amizade e por partilharem informações e conhecimentos, tornando tudo muito mais fácil e prazeroso.

À Jessilene Freitas, bolsista do PIBIC, pela grande ajuda com as transcrições e por estar sempre disposta a ajudar. E ao Gilberto Venâncio Luiz pela disposição em auxiliar na utilização do SPSS.

Aos universitários, participantes da pesquisa, que dedicaram parte do seu tempo para responder ao questionário e à entrevista, e a todos que colaboraram para que eu chegasse até eles.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE QUADROS	vii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	xi
APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	2
OBJETIVOS	7
Geral:	7
Específicos:	7
CAPÍTULO 1	8
REVISÃO DE LITERATURA	8
1.1 A Preocupação Ambiental e o Consumo Sustentável	8
1.2 Consciência Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável	12
1.3 Comportamento do Consumidor e sua Relação com o Meio Ambiente	16
1.4 O Processo de Tomada de Decisão do Consumidor	18
1.5 Meio Ambiente e Práticas Educativas no Ensino Superior	22
1.6 Contribuições da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano para o Estudo do Comportamento em Inter-relação com a Educação Ambiental	26
CAPÍTULO 2	31
METODOLOGIA	31
2.1 Caracterização da pesquisa	31
2.2 Local do estudo	32
2.3 População e Amostra	33
2.4 Procedimentos de coleta de dados	40
2.5 Questões éticas	42
2.6 Análise de dados	43
CAPÍTULO 3	46
Avaliação da Consciência Ambiental e sua Relação com o Comportamento de Consumo Sustentável	46
3.1 Dimensões da Consciência Ambiental	46
3.1.1 Grau de Consciência Ambiental	50
3.2 Dimensões do Comportamento de Consumo Sustentável	53
3.2.1 Intenção de compra de produtos ecológicos	53

3.2.2 Hábitos de consumo sustentável.....	56
3.3 Relação entre a consciência ambiental e o comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários	61
CAPÍTULO 4	66
Consciência Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável: a perspectiva dos jovens universitários	66
4.1 Entre o Conhecimento e a Consciência Ambiental	66
4.1.1 Percepções sobre a Consciência ambiental	66
4.1.2 Percepções sobre o Consumo sustentável	72
4.1.3 Influência das fontes de informação no processo de decisão dos jovens universitários ..	76
4.2 Entre a Preservação Ambiental e o Consumo	83
4.2.1 Critérios de escolha e suas implicações ambientais	83
4.2.2 Comportamento ecológico dos jovens universitários: entre o certo e o errado	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
ANEXO A – QUESTIONÁRIO.....	112
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	114
ANEXO C – HÁBITOS DE CONSUMO SUSTENTÁVEL	116
ANEXO D – ANÁLISE DE VARIÂNCIA - ANOVA	117
ANEXO E – ANÁLISE DE VARIÂNCIA - ANOVA.....	118
ANEXO F – TESTE T	119
APÊNDICE A – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UFV	120
APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	121
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG - 2016.	47
Tabela 2: Variáveis do Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	48
Tabela 3: Variáveis do Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	49
Tabela 4: Variável do Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	49
Tabela 5: Média geral das variáveis da Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	51
Tabela 6: Classificação do Grau de Consciência Ambiental. Viçosa/MG - 2016	51
Tabela 7: Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG - 2016.	52
Tabela 8: Intenção de compra de produtos ecológicos pelos jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	53
Tabela 9: Variável da Intenção de compra de ecológicos pelos jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	55
Tabela 10: Variável Intenção de compra de produtos ecológicos peos jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	56
Tabela 11: Hábitos de consumo sustentável dos jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	56
Tabela 12: Variável Hábitos de consumo sustentável dos jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	60
Tabela 13: Grau de Consciência Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável dos jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	61
Tabela 14: Correlação entre o Grau de Consciência Ambiental e o Comportamento de Consumo Sustentável em relação a Área Acadêmica dos entrevistados. Viçosa/MG - 2016	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil socioeconômico e demográfico dos jovens universitários Campus UFV. Viçosa/MG - 2016	36
Quadro 2: Perfil socioeconômico e demográfico dos jovens universitários Campus UFV. Viçosa/MG - 2016	37
Quadro 3: Relação de entrevistados por área acadêmica e curso Campus UFV. Viçosa/MG - 2016	39
Quadro 4: Conceitos de Consciência Ambiental segundo os jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	67
Quadro 5: Conceitos de Consumo Sustentável segundo os jovens universitários. Viçosa/MG - 2016	72
Quadro 6: Critérios usados pelos entrevistados na escolha de Alimentos, Produtos Eletrônicos e Artigos de Vestuário. Viçosa/MG - 2016.....	84

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
AC	Análise de Conteúdo
ALCESTE	Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CCA	Cetro de Ciências Agrárias
CCB	Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
CCE	Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas
CCH	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
EC	Environmental Concern
ECCB	Ecological Conscious Consumer Behaviour
IES	Instituição de Ensino Superior
ISO	Organização Internacional para Padronização
MG	Minas Gerais
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Viçosa
SINT	Síntese dos Indicadores Sociais
SPSS	Software Statistical Package for the Social Science
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFV	Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

PEREIRA, Sandra de Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2016. **Percepção Ambiental, Comportamento e Consumo Sustentáveis de Jovens Universitários.** Orientadora: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

O estilo de vida da sociedade, através do aumento nos padrões de consumo, encontra-se entre os principais fatores responsáveis pelo agravamento da degradação ambiental. Nesse sentido, a educação ambiental, especialmente no ensino superior, adquire relevância estratégica na condução dos jovens universitários para uma mudança de comportamento em busca do consumo sustentável. No entanto, muitas instituições ainda não encontraram o caminho para trabalhar a temática na formação de seus discentes, visto que há uma dificuldade para a construção de projetos institucionais que integrem a questão ao processo educativo. Diante dessa realidade este estudo teve como objetivo investigar se a conscientização ambiental está associada a um comportamento de consumo sustentável por universitários, e em que medida a compreensão dos problemas ambientais impacta na decisão de compra desses jovens. Este estudo, de abordagem quanti/qualitativa, com caráter descritivo-exploratório foi realizado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), com jovens universitários matriculados no último ano dos cursos de graduação. A pesquisa foi realizada em duas etapas: 1- aplicação de questionário *on-line*, obtendo-se uma amostra de 148 jovens; 2- entrevista semiestruturada com 20 universitários. Para análise dos dados quantitativos utilizou-se o *software* estatístico SPSS, e qualitativos, a técnica de Análise de Conteúdo. Recorreu-se à Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano para realizar a análise dos dados. Constatou-se que os jovens universitários pesquisados apresentaram alto grau de consciência ambiental, e esta possui um relacionamento positivo, porém fraco, com o comportamento de consumo sustentável, isto é, além da consciência ambiental, existem outros fatores que influenciam o consumo dos jovens universitários como: preço; falta de informação sobre os produtos, empresas e das implicações das escolhas de compra para o meio ambiente; incentivo ao consumismo e falta de políticas de reciclagem do lixo. As principais redes de informação para a decisão de compra e práticas sustentáveis pelos jovens encontram-se no microsistema, contexto familiar e instituição de ensino, apesar de a UFV ter ocupado o quinto lugar na classificação pelos estudantes. Dentre os

critérios utilizados durante a decisão de compra, o principal aspecto considerado é o preço, as implicações ambientais não fazem parte das escolhas dos universitários pesquisados. Enfim, constatou-se uma defasagem na educação ambiental, pois as atividades existentes na UFV são consideradas insuficientes para mobilizar os jovens universitários a exercerem ações pró-ambientais. Os discentes demonstraram interesse em contribuir para a preservação do meio ambiente, porém relataram necessidade de haver mais projetos, campanhas e palestras voltados para a conscientização da comunidade acadêmica. Declararam ainda ser importante essa abordagem dentro de seus cursos, uma vez que, mesmo naqueles em que o profissional atuará diretamente com o meio ambiente, a formação é mais voltada para atender questões financeiras do mercado ou à legislação. Contudo, espera-se que este estudo contribua para um maior engajamento da UFV, e mesmo dos discentes, na busca por soluções para os problemas ambientais, e propõe-se que, de alguma forma, essa temática esteja inserida na grade curricular dos diferentes cursos de graduação do ensino superior.

ABSTRACT

PEREIRA, Sandra de Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, December, 2016. **Environmental Perception, Sustainable behavior and Consumption of Young People in the University.** Advisor: Lílían Perdigão Caixêta Reis.

The society life style, through the increase of patterns of consumption, lies among the main factors responsible for the environmental degradation aggravation. Thus, the environmental education, specially in higher education, acquires strategic relevance in conducting young university students to a behavior change seeking for sustainable consumption. However, many institutions have not found yet the way to work on this theme in teachers training, once there is difficulty to construct institutional projects that join it to the educational process. Considering this reality, this study aimed to investigate if the environmental awareness is associated to a behavior of sustainable consumption by university students and, how the comprehension of the environmental problems impact the buying decision of these young people. The present study relies on quantitative and qualitative approach, characterized as descriptive-exploratory, it was held in the Federal University of Viçosa (Universidade Federal de Viçosa - UFV) with young university students enrolled last year in undergraduation courses. The research was carried out in two steps: 1 – applying an on-line questionnaire in a sample of 148 young students; 2- semi-structured interview with 20 university students. The software SPSS was used to analyze the quantitative data, and the Content Analysis was used for analyzing the qualitative data. The Bioecological Theory of Human Development was used to perform data analysis. It was found that the young university students researched presented high level of environmental awareness positive, but weakly related to a sustainable consumption behavior, it means that besides the environmental awareness there are other factors that influence the consumption of young university students such as: price, lack of information about products, companies and the consequences for the environment about the buying choices, consumption incentives and lack of politics for garbage recycling. The main net of information for buying decisions and sustainable practices of the young people are found in the microsystems, familiar context and teaching institutions, besides UFV has occupied the fifth place in the students classification. From the criteria used during the buying

decision, the main aspect is the price, the environmental implications are not considered by the students. Finally, it was found a discrepancy in environmental education, because the existing activities at UFV are considered not enough to mobilize the young students to have pro-environmental attitudes. The teachers showed interest in contributing for the environment preservation. However, they reported the necessity to invest on projects, campaigns and speaks toward the awareness in the academic community. They also claimed the importance of this approach in their courses, even in courses that are related to environmental matters, the student is more prepared to act in financial issues or legislation. However, it is intended by this study to contribute for more interest of UFV and teachers in searching solutions for environmental problems and, it is also proposed to insert this theme in curricular in different undergraduation courses.

APRESENTAÇÃO

Em 2001, ingressei no curso de graduação em Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa-MG, com conclusão no ano de 2005. Logo em seguida dei continuidade aos estudos no curso de graduação em Educação Infantil na instituição, apesar de não concluir o mesmo. No ano de 2010, ingressei nesta universidade como servidora técnico-administrativa atuando como assistente de laboratório. Em 2015, retornei às atividades acadêmicas como estudante do programa de pós-graduação em Economia Doméstica.

Essa trajetória na instituição, através da vivência com as atividades docentes e também a proximidade com os jovens universitários, contribuíram para identificar a necessidade de uma pesquisa que abordasse a questão ambiental na UFV, fato que motivou a realização desta.

Através de um levantamento bibliográfico foi possível observar que havia uma defasagem dessa abordagem no ensino superior, constatando que os jovens universitários possuíam uma consciência ambiental, no entanto essa não se refletia em um comportamento de consumo sustentável.

Portanto, como ex-aluna e servidora dessa universidade, senti-me responsável por colaborar para o crescimento da instituição através da melhoria da qualidade do ensino, por meio do fornecimento de dados consistentes para que esta possa desenvolver ações que contribuam para um maior engajamento dos jovens universitários com a questão ambiental, além de promover a realização de novos estudos e de intervenções que direcionem para a sustentabilidade ambiental.

INTRODUÇÃO

O estilo de vida da sociedade, marcado pelo consumismo, encontra-se entre os principais fatores que contribuem para o agravamento da degradação ambiental. Essa insaciabilidade acarreta um comportamento de consumo, em que a busca por novidades leva as pessoas a comprarem e descartarem objetos em um ritmo muito intenso, impulsionando ainda mais os problemas ambientais. Esse comportamento resulta em uma crise socioambiental, cuja responsabilidade não deve ser atribuída somente ao desenvolvimento industrial, cada indivíduo contribui com uma pequena parcela para que as alterações ambientais ocorram, pois o consumidor tem um papel fundamental na preservação dos recursos naturais. O movimento em prol de uma solução dos problemas ambientais implica em uma mudança de atitude e comportamento de toda a sociedade (BRASIL, 2006; TAMBOSI et al., 2014; POLLI; KUHNEN, 2011).

Nesse engajamento pró-ambiental pode-se apontar a juventude como uma geração estratégica para o enfrentamento da crise e para a mudança de concepções sobre o meio ambiente, devido a sua potencialidade de mobilizar a sociedade em favor da transformação dos atuais padrões de consumo e produção. Os jovens são vistos como essenciais para a adequação das atividades da população a novos padrões de sustentabilidade, por isto, é importante que estes desenvolvam uma consciência das implicações da ação humana para com o meio ambiente (BRASIL, 2009),

Essa etapa constitui um período de especial relevância no curso de vida de um indivíduo, visto que há uma forte tendência por emergir experiências que influenciarão nas escolhas e decisões dos jovens, impactando assim, tanto em seu desenvolvimento biológico, físico e psicológico, quanto no desenvolvimento comportamental frente às

situações vivenciadas em seu contexto de interação. Determinadas características que são específicas dos jovens propiciam essa mobilização em prol das causas socioambientais.

Na fase de juventude, o ser humano vive momentos muito especiais. Sua forma de sentir se transforma, ocorre um certo nível de sofrimento interior de insatisfação e de busca. A busca de amigos confidentes, a busca de valores pessoais e de interação com o mundo. [...] Amplia-se a sensibilidade pelas futuras gerações e pela qualidade da vida atual. O sentido de corresponsabilidade adquire uma nova dimensão e surge o interesse por construir seu espaço de ação social e ambiental. O impulso pela ação participativa toma vulto com a vontade de expressar suas ideias e opiniões sobre as problemáticas e suas propostas de soluções (BRASIL, 2006, p. 94).

Devido a essas características, os jovens se tornam peças fundamentais na transformação socioambiental. Para isto, precisam desenvolver uma consciência ecológica em que haja uma coabitação igualitária entre os seres no planeta. Leff (2007) sugere que a consciência ecológica é capaz de mudar valores sociais, tais como o forte consumismo. Entretanto, segundo o autor, para que isto ocorra se faz necessário chegar a um consenso sobre os novos paradigmas da economia. As políticas públicas direcionadas para as ações ambientais devem ser incentivadas e cobradas, e os consumidores devem se sentir como agentes ativos e transformadores dessa realidade.

O investimento em políticas públicas é importante para a efetividade das ações pró-ambientais, especialmente dos jovens consumidores, pois a percepção de que suas ações são valorizadas fará com que estes as mantenham, do contrário, se sentirão desmotivados e, mesmo possuindo a consciência de que seu comportamento inadequado impactará no meio ambiente e no desenvolvimento das futuras gerações, sem os devidos incentivos não se mobilizarão em prol das questões socioambientais.

Nesse sentido, a educação ambiental adquire relevância na condução do processo de transição para uma sociedade sustentável (LEFF, 2001). A educação é considerada estratégia necessária para a mudança de concepções e práticas na relação que a sociedade estabelece com o meio ambiente, sendo a universidade um importante espaço social para reflexão, formação e difusão de novas concepções ambientais, com objetivo de motivar o educando a desenvolver o senso crítico capaz de compreender e atuar na sociedade (MARTINS, 2011; BRASIL, 2006).

A consciência dos riscos socioambientais derivados do estilo de vida deve proporcionar a criação de um processo pedagógico em que se parte do entendimento de que o homem pode optar por comportamentos, atitudes e ações políticas baseados na

eficiência econômica, prudência ecológica e justiça social. A sociedade, em especial, o jovem, sob a perspectiva da sustentabilidade, deverá ser cada vez mais reflexiva, mais dependente do conhecimento gerado e socializado. O investimento na educação no contexto natureza/sociedade será estratégico na construção desse projeto (LEFF, 2001).

O contexto universitário exerce um papel fundamental no processo de conscientização do consumidor ao se estabelecer como mediador do conhecimento ambiental e como local de troca de saberes. Sua função é proporcionar aos discentes, condições para que estes se desenvolvam (BRASIL, 2006).

Apesar desta constatação, muitas instituições ainda não encontraram o caminho para trabalhar a temática em sala de aula ou até mesmo na execução de projetos que possam envolver toda a comunidade acadêmica. Há uma dificuldade para a construção de projetos institucionais que integrem a temática ao processo educativo, sendo a educação ambiental praticada de modo pontual e, portanto, desconectada do projeto político-pedagógico de muitas instituições de ensino superior (BATISTA; RAMOS, 2011).

Isso reflete no comportamento de seus discentes. Estudos mostram que a maioria dos jovens universitários pesquisados entende a importância de se estabelecer uma relação sustentável para com o meio ambiente, mas este pensamento ainda não representa uma atitude compartilhada por grande parte deles (GOMES; GORNI; DREHER, 2011; TAMBOSI et al., 2014). Os jovens demonstram possuir uma consciência ambiental, mas quando questionados quanto a um comportamento de consumo sustentável, muitas vezes, “respondem em função daquilo que é socialmente aconselhável e aceitável, e não em função daquilo que são efetivamente as suas práticas de consumo” (GOMES; GORNI; DREHER, 2011, p. 11).

Nos últimos anos, apesar da discussão ambiental entre os jovens vir recebendo maior destaque, ainda há um déficit de projetos ambientais voltados para estes, especificamente para os jovens universitários. Segundo estudos de Marcomin e Silva (2009), estes possuem uma visão fragmentária da concepção de educação ambiental, remetida a datas “comemorativas” ou a planos de ação isolados, como a reciclagem de lixo e o plantio de árvores, apresentando certa confusão de termos, conceitos e expressões empregados na área ambiental. Esse fato pode ser um indicativo de que as questões ambientais são abordadas de forma incipiente pelas instituições de ensino

superior, o que pode exercer influência sobre o comportamento ecológico¹ dos universitários.

Diante dessa perspectiva, este estudo se propôs a investigar se os jovens universitários da Universidade Federal de Viçosa estão se tornando mais conscientes das consequências de seus atos para o meio ambiente e se esta consciência os leva a um comportamento de consumo mais sustentável. Nesse sentido, os seguintes questionamentos orientaram o desenvolvimento deste estudo:

- (a) Qual a relação que os jovens estabelecem entre a preservação ambiental e o consumo?
- (b) Os critérios utilizados na escolha de produtos levam em consideração suas implicações para o meio ambiente?
- (c) A inserção desses jovens na academia gera mudanças na sua concepção ambiental?
- (d) Quais as dificuldades encontradas por esses estudantes para o exercício de uma prática de consumo mais consciente?

Para Serrano (2003), conhecer como os jovens se posicionam diante dos diferentes discursos ambientais e o que eles levam em consideração ao escolher determinado produto ou marca, se torna necessário para que verifique a efetividade da Educação Ambiental recebida, o nível de percepção e práticas de consumo frente à crise ambiental.

Essa compreensão é importante visto que em breve os jovens universitários estarão inseridos no mercado de trabalho, tomando decisões que, direta ou indiretamente, afetarão a sociedade. Esses futuros profissionais terão a possibilidade e oportunidade de atuarem como multiplicadores da consciência ambiental tanto no seu trabalho, quanto nas famílias, entre os amigos, enfim, por toda a sociedade, além de poderem contribuir mais ativamente, incentivando melhorias nas políticas públicas para o meio ambiente.

Além disso, esta pesquisa poderá contribuir com subsídios à gestão organizacional da Universidade Federal de Viçosa (UFV) para o planejamento de ações ambientais que envolvam seus discentes e mesmo, toda a comunidade acadêmica.

¹ Comportamento ecológico significa o mesmo que pró-ecológico ou pró-ambiental, ou seja, um conjunto de ações em favor do meio ambiente, conscientes e intencionais ou não, que podem ser aprendidas e internalizadas, tornando-se parte do cotidiano das pessoas (PATO; TAMAYO, 2006, p.290). É uma conduta efetiva, antecipada e destinada à preservação do meio ambiente ou minimização de sua deterioração (CORRAL-VERDUGO, 2006, p.114).

Espera-se ainda que os dados encontrados possam servir como base para que outras pesquisas sejam realizadas, e contribuir para a elaboração de políticas públicas envolvendo a questão ambiental e os jovens, em uma busca por reverter a crise ambiental e a reordenação das tendências do estilo de vida atual por meio da mobilização dos consumidores em prol do meio ambiente.

No que concerne à estrutura da presente dissertação, esta se encontra organizada em quatro capítulos: no primeiro capítulo tem-se a revisão de literatura, no segundo capítulo encontra-se delineada a metodologia de pesquisa, e no terceiro e quarto capítulo apresentam-se os resultados da pesquisa e sua discussão.

A revisão de literatura, primeiro capítulo, aborda os seguintes temas: A Preocupação Ambiental e o Consumo sustentável; Consciência Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável; Comportamento do Consumidor e sua relação com o meio ambiente; O Processo de Tomada de Decisão do Consumidor; e por fim, um paralelo da inter-relação Meio Ambiente e as Práticas Educativas no Ensino Superior. Neste capítulo apresenta-se ainda, a Teoria da Bioecologia do Desenvolvimento Humano que fundamenta a discussão deste estudo.

No segundo capítulo, Metodologia, faz-se um delineamento dos procedimentos utilizados para a investigação, o qual se encontra estruturado da seguinte forma: caracterização da pesquisa, local de estudo, população e amostra, procedimentos de coleta de dados, questões éticas para a realização da pesquisa e por fim, as técnicas utilizadas para a análise dos dados.

Os resultados alcançados e sua discussão foram divididos em dois capítulos, conforme mencionado, sendo estes organizados segundo os objetivos proposto pela pesquisa: Capítulo quatro – Avaliação da Consciência Ambiental e sua Relação com o Comportamento de Consumo Sustentável; Capítulo cinco – Consciência Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável: a perspectiva dos jovens universitários.

Por último, tecem-se as considerações finais do estudo, com a síntese dos resultados alcançados e as principais ponderações sobre a abordagem ambiental no ensino superior.

OBJETIVOS

Geral:

Este estudo teve como objetivo investigar se a conscientização ambiental de jovens universitários está associada a um comportamento de consumo sustentável, e em que medida a compreensão dos problemas ambientais impacta na decisão de compra desses jovens.

Específicos:

- Identificar o grau de consciência ambiental dos jovens universitários e sua relação com o comportamento de consumo sustentável;
- Analisar a percepção dos universitários sobre a questão ambiental e verificar a influência das fontes de informações para o processo de decisão desses jovens;
- Conhecer os critérios de escolha que os jovens universitários utilizam em suas compras e analisar se as implicações ambientais são consideradas;
- Compreender os fatores que dificultam um comportamento ecológico pelos jovens consumidores.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DE LITERATURA

Para ancorar e fundamentar essa discussão optou-se por apresentar uma revisão da literatura sobre os temas: A Preocupação Ambiental e o Consumo sustentável; Consciência Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável; Comportamento do Consumidor e sua relação com o meio ambiente; O Processo de Tomada de Decisão do Consumidor; e por fim, um paralelo da inter-relação Meio Ambiente e as Práticas Educativas no Ensino Superior, uma vez que para uma intervenção nessa questão, com o objetivo de minimizar os problemas ambientais, torna-se necessário que essa discussão faça parte de todas as modalidades de ensino, com atenção especial ao ensino superior.

Ainda neste capítulo são apresentadas as Contribuições da Teoria da Bioecologia do Desenvolvimento Humano para o Estudo do Comportamento em Inter-relação com a Educação Ambiental, a qual fundamenta este estudo.

1.1 A Preocupação Ambiental e o Consumo Sustentável

As preocupações decorrentes da ameaça ao equilíbrio dos ecossistemas, com o risco de escassez dos recursos naturais e a manutenção da vida no planeta, iniciou-se nas últimas décadas do século XX e início de século XXI, uma série de debates gerando uma demanda de toda a sociedade traduzindo em maior pressão pela

institucionalização de soluções para a questão ambiental, principalmente através da sustentabilidade (PORTILHO, 2010; OLIVEIRA et al., 2013).

O consumo sustentável é motivo de debate entre os órgãos governamentais e ambientais desde os anos 70. Se inicialmente a crise ambiental era atribuída ao crescimento demográfico, a partir dessa década, com a realização da Conferência de Estocolmo, tornou-se explícito o argumento de que a causa da crise ambiental estava localizada, principalmente, nas nações industrializadas devido à grande produção e consumo demandados por estas (PORTILHO, 2010).

A partir da década de 1990, especialmente durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), Rio-92, com a criação da Agenda 21, a atenção se volta para o consumo e para a forma como o progresso e o desenvolvimento das sociedades impactam a natureza, devido ao nível e padrão de consumo da população, apontando a responsabilidade do estilo de vida e as práticas de consumo como fatores críticos em relação à crise ambiental (PORTILHO, 2010; CINEDEZE, 2013; OLIVEIRA et al., 2013).

Segundo Portilho (2010, p. 26), existem inúmeros discursos que direcionam os problemas ambientais, relacionando-os ou à produção ou ao consumo, com deslocamento que vai do preservacionismo ao conservacionismo e deste ao “socioambientalismo”. Denota-se também, uma preocupação que vai da extinção de espécies à redução dos recursos naturais. A autora conclui que existem diferentes interpretações sobre os problemas ambientais, além de consideráveis negociações e conflitos entre os atores envolvidos.

Levando-se em consideração as ponderações de Portilho (2010), este estudo se direcionou para o consumo, procurando-se compreender como os jovens consumidores se posicionam diante da busca pelo consumo sustentável. Esse direcionamento apresenta muitas contradições, uma vez que, e segundo a autora, envolvem práticas culturais, de identidade e valores, que dificultam o relacionamento entre a crise ambiental e o consumo. Diante dessas contradições, identifica-se a relevância de estudos para explorar essas questões.

É importante reforçar que se reconhece o papel fundamental da produção como um direcionador para o consumo sustentável. Conforme Layrargues (2002), os indivíduos são obrigados a consumir bens que se tornam obsoletos antes do tempo, já que cada vez mais sua durabilidade é reduzida, comprometendo a sua funcionalidade

logo após saírem das fábricas. Essa obsolescência, sustenta o consumismo e a cultura do descartável, sendo estes, responsáveis por uma série de problemas ambientais. A obsolescência planejada e a descartabilidade são elementos vitais para o modo de produção capitalista.

As políticas de consumo sustentável devem incluir instrumentos que levem a mudanças tecnológicas no desenho dos produtos, informação nos rótulos e manipulação dos preços, segundo Portilho (2010). Mas, para se reestruturar as práticas de consumo, integrando a preocupação ambiental, é preciso haver também, mudanças no debate público sobre a relação entre consumo e qualidade de vida, encorajando essa integração através de um processo político e não como imposições autoritárias ou modismos de grupos elitizados.

O Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2015), define consumo sustentável como a escolha de produtos que utilizam menos recursos naturais em sua produção, sendo facilmente reaproveitados ou reciclados, e ainda garantindo emprego decente para quem os produz. Significa comprar aquilo que é realmente necessário, estendendo a vida útil dos produtos o quanto possível. Consumir de maneira sustentável envolve escolhas conscientes, responsáveis, com a compreensão de que essas escolhas terão consequências ambientais e sociais – positivas ou negativas.

Consumo sustentável é o consumo de bens e serviços respeitando os recursos ambientais. Este consumo se dá de maneira que garanta o atendimento das necessidades das gerações atuais sem danificar o atendimento das necessidades das gerações futuras, implicando em redução de consumo (HANSEN; SCHRADER, 1997 apud GOMES; GORNI; DREHER, 2011).

O que diferencia consumo sustentável de consumo verde, segundo Alves et al (2011), é a escolha do produto a ser comprado. No consumo verde, o foco está na inovação tecnológica. Os produtos verdes são aqueles em que são consideradas as questões ambientais na produção, consumo e descarte, como por exemplo o uso de matéria-prima renovável, geração mínima de resíduos ou reaproveitamento destes, e, ao ser descartado possui rápida decomposição. Esse tipo de consumo apresenta grandes benefícios ambientais, mas possui limitações quanto à escolha dos produtos, uma vez que a oferta desses é reduzida além do preço ser mais elevado (GOMES; GORNI; DREHER, 2011; ALVES et al., 2011).

Conforme Portilho (2010), o consumo sustentável além de envolver uma

mudança na forma de produção das indústrias e do comportamento dos indivíduos no mercado, propõe-se que o consumo esteja também ligado a estratégias de políticas públicas. Dentro do consumo verde o consumidor aparece como o principal agente de mudanças, onde suas escolhas e demandas são responsáveis por estimular a modernização ecológica das indústrias, mas o consumo sustentável vai além, uma vez que prioriza as ações do consumidor enquanto práticas políticas. Isso se justifica, segundo a autora, pois, tanto o “superconsumo” quanto o “subconsumo” podem ser apontados como causa da degradação social e ambiental, e, em meio às desigualdades sociais existentes no mundo, estas não permitem que o consumo seja analisado da mesma forma para todos. Como exemplo, tem-se os países desenvolvidos que consomem muito mais recursos naturais que os subdesenvolvidos.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2015), consumo consciente, consumo verde, consumo responsável são nuances do consumo sustentável, onde cada um foca em uma dimensão do consumo.

Mas, independentemente do tipo de ações empregadas em prol do meio ambiente, estas são de grande valia e contribuem para a sustentabilidade ambiental. De acordo com Portilho (2005), a sociedade vem exibindo uma maior preocupação com a natureza, além de alguns consumidores já perceberem a necessidade de mudança de hábito de consumo. No entanto, Tamashiro et al. (2012) e Gomes, Gorni e Dreher (2011), afirmam que a maioria dos consumidores ainda utiliza o preço e a qualidade dos produtos como critérios para nortear suas aquisições, o que ocorre especialmente no grupo de jovens consumidores. Contudo, estão em concordância ao dizer que alguns consumidores já se dizem propensos a considerar atributos sustentáveis em suas compras.

O preço dos produtos pode ser considerado como uma das barreiras encontradas pelos jovens para a implementação da educação ambiental em relação ao consumo. Os jovens acabam dando preferência aos produtos com baixo custo e não aos sustentáveis. O número de jovens adeptos ao consumo mais consciente e sustentável ainda pode ser visto como minoria. Uma justificativa pode estar ligada à oferta constante de novos modelos de produtos tecnológicos, como por exemplo, celulares, smartphones, computadores, tablets, vídeos games, etc. Os jovens acabam se adaptando a uma competição por novidades em função dos seus grupos de convivência (GOMES; GORNI; DREHER, 2011).

Contudo, para Cinedeze (2013), o conceito de consumo sustentável está presente na mente do consumidor, mas é preciso ser mais trabalhado e divulgado para que se torne uma prática constante em suas vidas, principalmente no segmento dos jovens consumidores. Mesmo sendo praticado por uma pequena parcela da população, ele é bastante promissor.

1.2 Consciência Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável

A preocupação com o comportamento e a responsabilidade do consumidor diante das ações de consumo ganha destaque a cada dia, tornando crescente o número de movimentos ambientalistas destinados a pressionar governos, organizações e indivíduos a desenvolver maior envolvimento com as questões ambientais. Essas têm um grande potencial para produzir tanto a crítica ao consumismo, à exploração inadequada dos recursos naturais, quanto para reafirmar importantes valores sociais que pressupõem novas relações com o meio ambiente (BORGES, 2012; PORTILHO, 2005).

No entanto, a indústria cultural, através da mídia, manipula as “massas”, e a juventude é o seu principal alvo, estabelecendo padrões de consumo uniformes e difíceis de serem saciados (BRASIL, 2006).

Segundo o Ministério do Meio Ambiente, os jovens são os que mais compram produtos por prazer, por estar na moda ou para manter a imagem ou status. Influenciados pela mídia, compram o que veem na televisão, mesmo que seja algo que não precisam (BRASIL, 2012).

Por isto, é importante promover condições para que os jovens desenvolvam a consciência de suas ações e comportamentos para a manutenção do meio ambiente, uma vez que o consumidor consciente fará escolhas mais sustentáveis, além de pressionar as empresas a também produzir de forma sustentável.

A consciência ambiental é formada por valores, crenças e conhecimentos ecológicos aprendidos ao longo da vida. Constitui-se como a parte cognitiva da atitude e está intimamente ligada ao nível de informação recebida, acrescida das recordações e da informação que o consumidor recebe sobre os produtos e marcas ecológicas. Os conhecimentos e experiências podem ser decisivos no momento da aquisição de produtos ecologicamente corretos. Adquirindo estes produtos o consumidor atesta que

seus valores estão em consonância com as questões ambientais e que, de sua parte, existe preocupação com o meio ambiente (TAMBOSI et al., 2014; GOMES; GORNI; DREHER, 2011).

O consumidor consciente leva em conta, ao escolher os produtos que compra, o meio ambiente, a saúde humana e animal, as relações justas de trabalho, além de questões como preço e marca. Além disso, ele sabe que pode ser um agente transformador da sociedade por meio do seu ato de consumo, e que estes atos têm impactos tanto para si, como para a sociedade e o meio ambiente. Esse consumidor busca o equilíbrio entre a sua satisfação pessoal e a sustentabilidade, procurando disseminar o conceito e a prática do consumo consciente (BRASIL, 2014).

Silva e Maciel (2007) dizem que para serem responsáveis em relação ao meio ambiente, as pessoas precisam de informações sobre as conexões entre suas atitudes e ações como consumidoras, e a degradação ambiental. Os consumidores devem ser informados sobre a necessidade de mudanças no estilo de vida, de modo que a liberdade em desfrutar dos benefícios materiais seja contrabalançada por um sentimento de responsabilidade.

No entanto, para que uma mudança de comportamento ocorra existem muitos aspectos a serem considerados, segundo Pato (2005), dentre eles, encontra-se a incongruência entre as questões socioambientais e a consciência ambiental, de um lado, e os comportamentos prejudiciais ao meio ambiente e a exploração indiscriminada dos recursos naturais, de outro. Além de informação, é necessária motivação para as ações de preservação ambiental. Muitas das incongruências entre conscientização e comportamento encontram-se nos valores e crenças, que estão nas bases desse comportamento influenciando-o diferentemente. O comportamento é um reflexo dos valores e crenças.

Nos resultados da pesquisa *O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável*, apresentada pelo Ministério do Meio Ambiente, constatou-se que a consciência ambiental dos brasileiros quadruplicou em um período de 20 anos (de 1992 a 2012). Boa parte dos pesquisados conseguem identificar problemas ambientais e já internalizam conceitos como o de consumo sustentável. Os dados apontam também, um aumento significativo da consciência, principalmente entre os jovens e os mais velhos (acima de 51 anos), visto que ao longo de duas décadas estes eram os que menos conheciam as questões ambientais (BRASIL, 2012).

No entanto, isso ainda não implica em um comportamento de consumo sustentável por grande parte dos brasileiros. O conhecimento ambiental, apesar de ser considerado como um indicador da possibilidade de ação consciente do consumidor, não parece significar um comportamento de compra sustentável, segundo Gomes, Gorni e Dreher (2011). Mesmo os consumidores sendo informados sobre os problemas ambientais, há resistência a uma mudança de hábitos de consumo; muitas vezes não querem pagar ou não podem pagar mais caro por produtos ecológicos (OLIVEIRA et al., 2013).

Portilho (2005) também afirma que, o simples acesso a conhecimentos relacionados à questão ambiental não leva a estilos de vida e práticas ecológicas. A excessiva quantidade de informação sobre a temática, muitas vezes altamente especializadas, impossibilita um julgamento correto, pois boa parte dessa informação é incompreensível, o que pode levar a incertezas e controvérsias.

A partir da investigação acerca da percepção, do interesse, do conhecimento e das práticas ambientais de universitários, Borges (2012) relata que esses jovens se consideram bem informados sobre o assunto, mas isto não significa que irão sempre colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Para a autora, informação não implica atuação. Nos resultados da pesquisa, questões como a reciclagem de materiais, coleta seletiva, e a compra de produtos ecologicamente corretos ou de produtos de empresas ambientalmente responsáveis, foram pouco citadas. Opções como boicote a empresas e/ou produtos que agridem o meio ambiente, contribuir com dinheiro ou trabalhar como voluntário em organizações de defesa do meio ambiente, não fazem parte do cotidiano dos jovens.

De acordo com Iglesias, Caldas e Rabelo (2014), a frequente exposição a uma variedade de problemas ambientais, como os que caracterizam o cenário de consumo, gera comportamentos de ignorar mensagens relevantes e reações de adaptação que impedem ações mais sustentáveis. Com a sobrecarga de informações, o ser humano tende a descartar boa parte delas.

Outro fator, conforme afirmam Layrargues (2002) e Portilho (2010), se deve à sociedade ser materialista e devotada à cultura do consumismo, sendo que a redução do consumo representa sacrifício, privação e renúncia. E esse estilo de vida é apreciado e desejado pela maioria da população, o que dificulta perceber uma outra forma de vida

social. Por isto, a redução do consumo, uma das premissas do consumo sustentável, será árdua, visto que é preciso reverter valores culturais enraizados.

Tambosi et al. (2014) também constataram em sua pesquisa, uma divergência parcial entre a intenção de compra e o hábito de consumo dos jovens universitários. Outro fato constatado na pesquisa foi que, com o aumento da idade dos pesquisados, a preocupação com os hábitos de consumo sustentáveis e também, a consciência ambiental aumentavam.

Ao identificar a percepção/preocupação ambiental e seus determinantes pela comunidade acadêmica da Universidade Federal de Viçosa, Carvalho et al. (2015) constataram a preocupação com o meio ambiente entre 9% dos entrevistados. Dentre os estudantes dos cursos de graduação, 8,7% tinham o meio ambiente como uma preocupação, e entre os professores, somente 3,7%. O estudo aponta também, a existência de um nível de preocupação ambiental maior no contexto nacional que na universidade, estando os grupos de maior renda, entre os que manifestavam menor preocupação ambiental. No entanto, a comunidade universitária se mostrou disposta a mudar de hábitos em função de problemas ambientais, como as alterações climáticas.

Carvalho et al. (2015) consideram a preocupação com o meio ambiente como um passo significativo para alcançar a sustentabilidade ambiental. O conhecimento seria uma forma de aumentar a preocupação das pessoas em relação aos problemas ambientais, uma vez que a compreensão das mudanças climáticas fez com que um maior número de entrevistados discordasse do desmatamento e da poluição em favor do crescimento econômico.

Embora o conhecimento dos problemas ambientais não seja considerado como um indicador efetivo para o consumo sustentável, é preciso conhecimento para que os consumidores desenvolvam uma consciência ambiental; e esta só levará a um comportamento mais adequado por parte da sociedade, por meio de estratégias educacionais. A educação é fundamental para a adoção de atitudes e comportamentos responsáveis em relação ao meio ambiente (TAMBOSI et al., 2014). A ideia de educação ambiental relaciona-se com desenvolvimento sustentável na medida em que é a mudança de consciência e comportamento perante a interação homem-natureza que resultará numa melhor utilização dos recursos escassos (MARTINS, 2011).

É preciso desencadear um processo contínuo de sensibilização e conscientização dos consumidores através de ações proativas, estimuladas pelo

processo educativo. As instituições de ensino podem ser um instrumento de divulgação dessa educação ambiental (BRANDALISE et al, 2009).

Os problemas ambientais têm causas comportamentais, segundo Corral-Verdugo (2006), e para suas soluções devem-se considerar as mudanças no comportamento individual e em grupo. O comportamento pró-ambiental depende, em grande parte, da maneira com que a pessoa adquire e organiza informações sobre o ambiente e de como as converte em ações em prol deste.

1.3 Comportamento do Consumidor e sua Relação com o Meio Ambiente

O estudo do comportamento humano é complexo, envolvendo vários fatores que afetam a tomada de decisão do consumidor. Neste processo estão incluídas as particularidades individuais e também a história social e cultural, exercendo influências no comportamento de consumo. Assim, é necessário para a compreensão desse comportamento o envolvimento de várias áreas do conhecimento como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Economia, dentre outras. Conhecer os fatores envolvidos nas decisões do consumidor é vital para qualquer estratégia direcionada a incentivar o consumo sustentável (GOMES; GORNI; DREHER, 2011; GIGLIO, 2010; ALVES et al., 2011).

O comportamento do consumidor compreende o estudo das atividades envolvidas na seleção, compra, uso ou descarte de produtos, serviços, ideias ou experiências para satisfazer as necessidades e desejos de um indivíduo ou grupos (SOLOMON, 2008).

Kotler e Armstrong (2013) apresentam quatro características que afetam as compras do consumidor: culturais (cultura, subcultura, classe social), sociais (grupos de referência, família, papéis e status), pessoais (idade e estágio no ciclo de vida, ocupação, situação financeira, estilo de vida, personalidade e autoimagem) e psicológicas (motivação, percepção, aprendizagem, crenças e atitudes).

Para Solomon (2008), a cultura refere-se a um conjunto de valores, ideias, artefatos e símbolos que ajudam os indivíduos a se comunicar, interpretar e avaliar como membros da sociedade. Pode ser definida como valores, crenças, preferências e

gostos passados de uma geração para outra.

Segundo Alves et al. (2011), cultura, subcultura, status social, família, fatores demográficos e grupos de referência, considerados influências externas, possuem papel decisivo no perfil do consumidor ambiental porque contribuem para definir seus valores e representações junto à sociedade. Em conjunto com as influências internas (percepção, aprendizado, memória, personalidade, envolvimento e atitudes), irão caracterizar o consumidor em termos de autoimagem e estilo de vida mais responsável para com o meio ambiente.

A compreensão dos aspectos culturais e pessoais relacionados às ações que visem a preservação ou não do meio ambiente e promovam a qualidade de vida, podem ajudar a esclarecer a relação que a população estabelece com o meio ambiente, tornando-se possível a identificação da realidade vivenciada pelas pessoas e a consciência desta sobre os problemas ambientais (PATO, 2005).

Cada indivíduo age de uma maneira em relação aos diferentes estímulos ambientais oferecidos e à sua percepção sobre o consumo. Ao adquirir um produto os consumidores podem estar propensos a buscar por aqueles que internalizem a questão ambiental, como certificados ambientais, embalagens recicláveis, uso de tecnologias de produção mais limpa ou produtos que utilizam componentes menos nocivos ao ambiente em sua fabricação (ALVES et al., 2011).

No processo de decisão de consumo, o consumidor pode exercer papel favorável ou desfavorável ao meio ambiente. No curto prazo o comportamento de consumo poderá ser favorável já que atenderá às necessidades da pessoa, mas em muitos casos, a médio e longo prazo poderá ser extremamente desfavorável tanto para a sociedade quanto para o indivíduo, devido aos vários processos implicados na produção, uso e descarte (ALVES et al., 2011).

Ao preferirem produtos favoráveis ao meio ambiente, os consumidores acabam pressionando as empresas a produzir com responsabilidade, sem degradar o meio ambiente (TAMASHIRO et al., 2012). Por isto, é necessário que o consumidor esteja engajado em ações como cobrar das empresas essa preocupação ou o boicote dos produtos e serviços que agredem o meio ambiente (ALVES et al., 2011).

Alves et al. (2011) acreditam que essa mobilização por parte dos consumidores, podem contribuir para mudanças na relação estabelecida entre o homem e o meio ambiente. A responsabilidade por promover um mundo melhor não é somente das

empresas. Além de estabelecer condutas ambientais mais conscientes, os consumidores precisam exercer seu papel ao exigir produtos e serviços que visem a preservação do meio ambiente.

A melhoria comportamental do cidadão deve ter como foco a juventude. A sensibilização ambiental por meio da conscientização dos jovens desempenha, cada vez mais, um importante e vital papel para a preservação do meio ambiente e a busca do desenvolvimento sustentável. Apesar disso, segundo Martins (2011), o consumo exacerbado imposto pelo capitalismo é um vilão substancial na relação desigual entre sociedade e natureza.

É importante verificar se a preocupação com as questões ambientais e os hábitos de consumo sustentáveis permeia o cotidiano dos consumidores e fazem parte de suas escolhas, uma vez que nem o rigor da legislação ambiental nem as campanhas em prol da sustentabilidade parecem ter se mostrado completamente eficientes até o momento (TAMBOSI et al., 2014).

1.4 O Processo de Tomada de Decisão do Consumidor

O crescimento populacional demanda um aumento de recursos do planeta para manutenção da vida humana, e este, aliado à crescente “necessidade” da população por bens materiais acarreta um comportamento de consumo, em que a busca por novidades leva as pessoas a comprar e descartar objetos em um ritmo muito intenso, impulsionando ainda mais os problemas ambientais. Portanto, cabe ao consumidor, entre outras coisas, cobrar das organizações governamentais e comerciais, políticas públicas e de responsabilidade socioambiental empresarial, além de realizar escolhas conscientes, tendo como premissa a minimização do impacto dessas tanto para si, como para as relações sociais, econômicas e a natureza, com vistas a alcançar o desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2014; PORTILHO, 2010).

A compra é uma resposta a um problema, ou seja, o consumidor identifica a necessidade de compra de um novo produto quando percebe uma diferença entre seu estado atual e o estado desejado. O processo de tomada de decisão é dividido em cinco etapas: reconhecimento do problema, busca de informações, avaliação de alternativas, escolha do produto e avaliação pós-compra. E para entender como a informação é

obtida, como as crenças são formadas e quais os critérios de escolha de produtos pelos consumidores, os passos da tomada de decisão devem ser cuidadosamente estudados (SOLOMON, 2008).

O problema pode surgir como resultado de duas situações: reconhecimento da necessidade ou reconhecimento da oportunidade. O reconhecimento da necessidade ocorre quando há falta de um determinado produto ou serviço. Neste caso, o estado real do consumidor pode movimentar-se para baixo. Quanto ao reconhecimento da oportunidade, este ocorre quando o estado ideal do consumidor move-se para cima, ou seja, o consumidor deseja um produto ou situação melhor que o atual (SOLOMON, 2008).

Assim, ao ter a consciência dos problemas ambientais e reconhecer a necessidade de aquisição de produtos levando-se em conta a preservação ambiental, o consumidor partirá para a segunda etapa do processo de tomada de decisão, a busca de informação sobre a aquisição de produtos ecológicos ou que causam menor impacto ambiental. “O comportamento de busca do consumidor é o conjunto de ações tomadas para identificar e obter informações que resolvam o problema detectado” (ALVES et al., 2011, p. 97).

Durante a busca de informação, o consumidor procura dados adequados para tomar uma decisão razoável. Esses dados podem ser derivados do conhecimento que já possui (pesquisa interna) e/ou através de pesquisa externa, em que as informações são obtidas a partir de comerciais, amigos ou pela observação de outras pessoas (SOLOMON, 2008). Alves et al. (2011) dizem que os consumidores realizam muita busca externa quando estão altamente envolvidos e comprometidos com a solução do problema. Além disso, essa busca pode ser influenciada, pela disponibilidade de tempo, aumento do risco percebido, maior nível educacional, renda, status social e características da situação de mercado.

Segundo Solomon (2008), os consumidores tendem a fazer mais pesquisas externas ao comprar itens simbólicos, como roupas, em função de consequências sociais desagradáveis, caso a escolha seja errada.

Kotler e Armstrong (2013) dizem que o consumidor pode obter informações de diversas fontes: pessoais (família, amigos, vizinhos, conhecidos), comerciais (propaganda, vendedores, sites, distribuidores, embalagens, vitrines), públicas (mídia de massa, busca na internet) e experimentais (manuseio, exame, utilização do produto).

Os autores acrescentam que, o consumidor recebe a maior parte das informações de fontes comerciais, controladas pelo marketing. No entanto, acreditam que as referências mais eficientes tendem a ser as pessoais.

À medida que são obtidas informações adicionais, a consciência e o conhecimento do consumidor em relação às marcas e aos atributos do produto aumenta (KOTLER; ARMSTRONG, 2013). No caso dos produtos ecológicos, Alves et al. (2011) consideram que o maior desafio é concorrer com os produtos convencionais por estarem estabelecidos no mercado.

A terceira etapa do processo de decisão é a avaliação das alternativas. A escolha deve ser feita a partir das alternativas disponíveis, utilizando-se de critérios para restringi-las. De acordo com Solomon (2008), nesta etapa são despendidos grande parte dos esforços da decisão de compra, sendo os produtos organizados em categorias, determinando com quais serão comparados.

O consumidor compara as opções identificadas, como potencialmente capazes de resolver o problema que iniciou o processo de decisão. São observados os vários atributos e qual a importância e a qualidade deles. Por meio da avaliação de alternativas, o consumidor obtém as informações necessárias para fazer sua escolha, podendo esta última ser influenciada por diferentes fontes de informação no momento da compra, pelas experiências anteriores com o produto e crenças criadas com as propagandas (ALVES et al., 2011).

O consumidor avaliará o produto utilizando-se de critérios considerados importantes (preço, qualidade, marca, requisitos ambientais, etc.) (ALVES et al., 2011). Os critérios de avaliação são as dimensões utilizadas para julgar as opções concorrentes. Critérios em que os produtos se diferem tem maior peso no processo de decisão aos que são semelhantes. Além disso, quando há alto envolvimento por parte do consumidor, este tende a pensar mais nos prós e contras das diferentes opções (SOLOMON, 2008).

Segundo Alves et al. (2011) e Bedante (2004), os consumidores visam qualidade e preço ao comprar um produto. Se o preço for um fator importante para o consumidor, ele pode ter a decisão de comprar um produto convencional a um com menor impacto para o meio ambiente. E, pelo fato dos produtos ecologicamente corretos serem mais caros, Bedante (2004) acredita que a parcela da população sensível a preço dificilmente estará disposta a pagar um valor mais elevado por um produto que

possua apelo ambiental. E isso pode ocorrer, principalmente, em consumidores de baixa renda que naqueles de maior renda.

Além do preço e da qualidade, os consumidores, quando buscam um produto ecologicamente correto segundo Bertolini, Rojo e Lezana (2012), observam as seguintes características dos produtos: fabricados ou embalados com materiais reciclados; recicláveis ou com embalagens recicláveis; com selos ambientais; com fabricantes certificados pela ISO 14.001; fabricantes possuem ações ambientais; origem orgânica; biodegradáveis; e consomem menos energia ou água.

Segundo Alves et al. (2011), os critérios e a maneira como são restringidas as alternativas variam com o processo de decisão adotado, podendo ser determinados pelo produto a ser comprado e também, pelo envolvimento do consumidor. Kotler e Armstrong (2013) acrescentam que a avaliação das alternativas de compra depende das características pessoais e da situação específica da compra.

Após realizar a avaliação das alternativas, passa-se para a quarta etapa. Geralmente o consumidor escolhe uma delas, a decisão de compra do produto. E na quinta etapa ocorre a avaliação pós-compra, em que o consumidor experimenta o produto ou serviço, e testa a sua tomada de decisão, podendo haver satisfação ou insatisfação (ALVES et al., 2011).

Faz parte da etapa do pós-compra, a disposição do produto, sua reutilização ou descarte. Esta é de extrema relevância, pois a partir do momento que o consumidor toma a decisão de qual produto comprar, nesse momento, a escolha do consumidor poderá refletir no meio ambiente, sendo as empresas corresponsáveis pelos resíduos gerados, segundo Alves et al. (2011). O autor acrescenta que a disposição final de produtos e, ou embalagens, embora seja parte do processo de consumo, na maioria das vezes é negligenciada pelo consumidor.

Para Alves et al. (2011), o envolvimento do consumidor com as questões ambientais, em conjunto com as demais influências externas e internas, irão contribuir para sua formação ambiental e para o processo de decisão de compra.

1.5 Meio Ambiente e Práticas Educativas no Ensino Superior

A crise ambiental não é crise ecológica, mas crise da razão. Os problemas ambientais são, fundamentalmente, problemas do conhecimento.

Enrique Leff²

A produção do conhecimento deve contemplar as inter-relações do meio natural com o social, com vista à compreensão do princípio de que a educação para o meio ambiente seja realizada e analisada a partir dos determinantes desse processo, tendo como finalidade construir valores, conceitos, habilidades e atitudes capazes de possibilitar a atuação consciente dos atores sociais. É necessário considerar o papel dos envolvidos e as formas de organização social, numa perspectiva que priorize um novo perfil de desenvolvimento com ênfase na sustentabilidade socioambiental (JACOBI, 2003; LOUREIRO, 2003).

O ato de conhecer acontece no processo social, do qual o diálogo é a mediação. As características do ser humano são constituídas pelo processo comunicativo, e seu progresso só é possível através do diálogo (SOUZA; PEREIRA, 2011). A formação da consciência crítica das relações sociais é derivada do processo educacional. Loureiro (2003) cita Paulo Freire (1983), quando este diz que a consciência implica no movimento dialógico entre desvelamento crítico da realidade e a ação social transformadora, segundo o princípio de que os seres humanos se educam reciprocamente, e também, mediados pelo mundo.

Os princípios e valores ambientais devem ser enriquecidos com uma pedagogia que induza nos educandos uma visão da multicausalidade e das inter-relações dos processos que integrem seu mundo de vida nas diferentes etapas do desenvolvimento, gerando um pensamento crítico e criativo (LEFF, 2001, p. 243).

A partir de uma perspectiva humanizadora do processo educativo, é possível entender a necessidade da presença do enfoque ambiental no ensino superior, compreendendo que a tarefa da educação é formar para uma atitude responsável e a partir de uma consciência e responsabilidade social (BATISTA; RAMOS, 2011).

² LEFF, Enrique. **Saber Ambiental:** Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.

A educação ambiental é um instrumento para tentar sanar ou minimizar os problemas ambientais. Ela auxilia no aprendizado de forma a ajudar a compreender, apreciar e saber lidar com os sistemas ambientais. Portanto, ela deve buscar valores que conduzam a uma convivência harmoniosa com o ambiente (BRANDALISE et al., 2009). Por isto, deve ter como proposta modificar o comportamento, ou seja, mudar os padrões de consumo das sociedades modernizadas (SERRANO, 2003).

Segundo Loureiro (2003, p. 38), a educação ambiental é uma práxis educativa que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes capazes de possibilitar o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável dos atores sociais no ambiente, devendo-se respeitar os princípios pedagógicos para não gerar resultados inócuos ou duvidosos.

Nesse sentido, enquanto prática dialógica, com o objetivo de desenvolver a consciência crítica, deve estar comprometida com uma abordagem da problemática ambiental e a inter-relação dos aspectos sociais, ecológicos, econômicos, políticos, culturais, científicos, tecnológicos e éticos (SERRANO, 2003). Apesar de tudo isso, acaba concorrendo com os apelos ao consumo veiculados pelos meios de comunicação; e mesmo havendo campanhas ambientais, o que prevalece ainda é o apelo ao consumismo (BRANDALISE et al., 2009).

O modelo de educação ambiental existente em todo o país apresenta algumas incongruências denominadas por Loureiro (2003) de: naturalismo - não situa os problemas no contexto histórico; tecnicismo - as soluções técnicas de manejo de recursos naturais são apontados como capazes de resolver os problemas ambientais, sem considerar os aspectos políticos, econômicos e ideológicos que contextualizam esse processo; e o romantismo ingênuo - busca pelo que é “ecologicamente correto”, desconsiderando a dinâmica da natureza e a ação humana sobre esta.

Como exemplo, Loureiro (2003) cita os projetos escolares de coleta seletiva de resíduos, por reproduzirem uma educação ambiental voltada para a reciclagem, sem discutir a relação produção-consumo. A questão social e os benefícios implicados nesse processo, muitas vezes, não são abordados. Há uma negação do consumismo e da cultura de consumo que prima pelo descartável, não observando o resíduo como algo que foi gerado em função das atitudes das pessoas, e, para o seu tratamento, não implica somente a reciclagem, mas sim uma mudança de comportamento.

Segundo Layrargues (2002), muitos programas de educação ambiental nas escolas são implementados de modo reducionista; não propõe uma reflexão crítica dos valores culturais da sociedade de consumo, do consumismo, do industrialismo, do modo de produção capitalista e dos aspectos políticos e econômicos da questão do lixo. A discussão conduzida está deslocada da formação da cidadania, já que não prioriza a implementação de alternativas para o tratamento do lixo por intermédio da regulação estatal ou dos mecanismos de mercado.

Para o autor, a visão crítica do consumo como gerador de resíduos não é estimulada devido a problemas de ordem político e econômico, uma vez que a mudança no estilo de vida, através da redução do consumo, provocaria uma redução dos lucros. O discurso ecológico prioriza a reciclagem, em relação à redução do consumo e à reutilização, pois não ameaça o sistema dominante, já que não questiona o consumismo.

Segundo Martins (2011, p. 4 e 5), as pessoas são manipuladas a adquirirem determinadas concepções que favorecem e mantêm uma classe social dominante, formada por uma sociedade idealista e materialista. Esses ideais são sustentados pelas universidades, que deveriam ser o berço de novas concepções, reforçando uma ideologia que molda o educando conforme a classe dominante.

O Ensino Superior que em tese poderia se configurar como lócus privilegiado para a implantação de políticas de conhecimento para a construção de uma nova racionalidade ambiental, dadas as suas características formativas que se assentam na articulação da tríade ensino, pesquisa e extensão, ainda não foi capaz de impulsionar reflexões consequentes em termos de organização de propostas curriculares comprometidas com a busca de constituição de um conhecimento gerador de mudanças na racionalidade instrumental que ainda orienta e organiza as práticas didático pedagógicas hegemônicas, incapaz de abdicar do formalismo burocrático que as erige e sustenta (SILVA, 2013, p.24).

O educando não é levado a construir o mundo, mas sim adaptar-se a um mundo já construído. Os estudantes são influenciados por diferentes meios, como os de comunicação, através das propagandas/marketing, e pelas relações sociais, construindo valores sociais, culturais e políticos que os acompanharão durante a vida (MARTINS, 2011).

De acordo com Loureiro (2003, p. 88), as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, em geral, não possuem uma política clara e definida para a educação ambiental. O que existe são iniciativas isoladas de alguns docentes que promovem a

produção acadêmica, cursos de extensão, especialização e linhas de pesquisa em programas de pós-graduação.

Para o autor, o desconhecimento da direção das IES sobre o tema, sua relevância e complexidade; a ausência, por parte do Ministério da Educação, de política de fomento que incorporem nos projetos pedagógicos a questão ambiental como eixo transversal; a baixa compreensão, por parte dos profissionais, acerca dos princípios da educação ambiental aplicados às disciplinas acadêmicas; e a falta de compartilhamento de materiais e documentos produzidos e de articulação entre os grupos de pesquisa, contribuem para essa defasagem no ensino superior brasileiro.

Por isto é necessário a criação de um projeto político pedagógico de qualidade, que aborde a questão nas diferentes áreas de formação e que mobilize o discente na defesa do meio ambiente. A instituição educacional tem um importante papel a ser desempenhado na educação dos jovens universitários, no sentido de proporcioná-los momentos de reflexão sobre suas ações em relação ao meio ambiente (MARTINS, 2011).

As universidades, no papel de formadoras de novos profissionais, devem promover a discussão e o estudo de temas relacionados ao meio ambiente, não só por estudantes da área ambiental, mas pelos demais cursos de graduação, visto que a questão ambiental encontra-se dentro de um contexto bastante complexo, demandando uma postura integrativa de diferentes áreas do conhecimento, devido à sua natureza interdisciplinar e interinstitucional (MATEUS; SANTOS; JACOVINE, 2012).

Como exemplo disso, uma pesquisa desenvolvida com estudantes universitários húngaros, segundo Oliveira et al. (2013), apontou uma forte correlação entre a intensidade da educação ambiental recebida e o conhecimento ambiental dos estudantes, e também com o nível de comprometimento desses jovens. O foco da educação ambiental parece ser importante na formação de atitudes sobre o consumo sustentável.

No entanto, a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos com a educação ambiental depende também da receptividade dos educandos, bem como do reconhecimento, pela sociedade, da importância desse ensino para as mudanças de comportamentos tão necessárias na atualidade (CARVALHO, 2010).

De acordo com Marcomin e Silva (2009) e Loureiro (2003), as Instituições de Ensino Superior devem representar um espaço para reflexão e formação de profissionais preparados para tomar decisões que visem não somente o desenvolvimento econômico,

mas também a sustentabilidade. A universidade precisa envolver a problemática ambiental à sua política institucional, como o objetivo de propiciar ao aluno um método de investigação científica e de aprendizagem, condizente com o exercício da cidadania.

1.6 Contribuições da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano para o Estudo do Comportamento em Inter-relação com a Educação Ambiental³

A partir da proposta de investigação da consciência ambiental e do comportamento de consumo em inter-relação com a educação ambiental no ensino superior, serão tecidas algumas considerações utilizando-se do embasamento na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano proposta por Urie Bronfenbrenner.

Primeiro é importante justificar a escolha dessa teoria. Calegare e Silva-Junior (2012) nos ajudam nessa empreitada, uma vez que, os autores em seu artigo “Inter e/ou transdisciplinaridade como condição ao estudo de questões socioambientais”, discutem a necessidade de uma abordagem na qual a relação que o homem estabelece com o meio ambiente seja investigada sob uma perspectiva inter e transdisciplinar. Entendemos que a teoria de Bronfenbrenner oferece critérios para esse tipo de análise.

Para Calegare e Silva-Junior (2012, p. 229), pode-se compreender a interdisciplinaridade como uma nova inteligibilidade, que requer o rompimento com a racionalidade da ciência moderna e o modo científico padronizado de conhecer; como uma interseção metodológica de disciplinas segundo seus diferentes graus; e como intercâmbio de saberes da ciência moderna com conhecimentos tradicionais.

Loureiro (2003) acrescenta que a interdisciplinaridade pressupõe a reciprocidade, a mutualidade e o fim da compartimentalização, tendo em vista uma percepção integral do ser e a compreensão do humano enquanto parte da natureza. É a interação entre disciplinas, podendo ocorrer por meio de diferentes níveis: desde a utilização de métodos e incorporação teórico-conceitual de outras disciplinas até a aproximação de duas ou mais disciplinas que estabeleçam afinidade e diálogo.

Já a transdisciplinaridade busca a unidade do conhecimento através do diálogo entre as diferentes dimensões da realidade, aliando teoria e prática para compreensão

³ Ressalta-se que parte desse aporte teórico refere-se a um artigo que será publicado na Revista INTERthesis, elaborado pela pesquisadora e por sua orientadora (PEREIRA; REIS, no prelo).

dos fenômenos. Consideram que “a compreensão das questões socioambientais por uma única disciplina, não consegue apreender a complexidade dessa problemática”, estas requerem novos conhecimentos teóricos e práticos para sua compreensão e resolução (CALEGARE; SILVA-JUNIOR, 2012, p. 227 e 233).

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano pode ser considerada como um importante caminho para auxiliar na compreensão dos fatores envolvidos na relação com o meio ambiente, uma vez que o comportamento pode ser determinado pelo ambiente e pela maneira como esse é percebido pelas pessoas. E ainda, possibilita a observação, dentro dos sistemas ecológicos, das fontes de informação para as práticas sustentáveis e também nas escolhas dos produtos durante a decisão de compra.

A interlocução entre os paradigmas que norteiam a Bioecologia do Desenvolvimento humano e a Educação Ambiental remete ao pensamento sistêmico, que visa olhar e compreender os seres humanos em interação com os contextos sociais e culturais, a cooperação entre indivíduos, grupos e comunidades, e a construção de uma sociedade ecologicamente equilibrada (YUNES; JULIANO, 2010).

O modelo bioecológico permite avaliar a contribuição do indivíduo para o seu próprio desenvolvimento, ou seja, através da construção do conhecimento. Bronfenbrenner procurou integrar os aspectos biológicos, psicológicos e comportamentais, unindo-os dinamicamente aos sistemas ecológicos, desenvolvidos anteriormente por ele, explicando assim, a denominação bioecológico. Esse modelo propõe a inter-relação de quatro aspectos: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (PPCT) (BRONFENBRENNER, 2011).

Com relação à Pessoa, Bronfenbrenner (2011) ressalta a importância de se considerar suas características, incluindo-se suas convicções, nível de atividade, temperamento, além de metas e motivações. Esses aspectos podem ser definidos e delimitados pelo Contexto no qual o desenvolvimento ocorre e também, como o Processo é realizado.

O Contexto é caracterizado por qualquer evento ou condição fora do organismo, que pode influenciar ou ser influenciado pela pessoa, sendo este, classificado em quatro subsistemas: Microsistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema (COLLODEL-BENETTI et al., 2013). Esse ambiente ecológico é concebido por Bronfenbrenner como uma série de estruturas encaixadas, em constante interação uma com a outra, representando os diferentes ambientes em que o indivíduo

transita, afetando-o direta ou indiretamente (BRONFENBRENNER, 2002). A forma como estão dispostos, auxiliam a descrever e analisar os contextos de vida (proximais e distais) do desenvolvimento humano (COLLODEL-BENETTI et al., 2013).

No nível mais interno está o ambiente imediato contendo a pessoa em desenvolvimento, o microssistema (compreende a casa, a escola, e as pessoas com quem ela interage face a face). A inter-relação entre dois ou mais microssistemas dos quais a pessoa participa ativamente é denominada mesossistema. Já o exossistema é formado pelos ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento não está diretamente inserida, mas estes ambientes influenciam em seu comportamento e desenvolvimento. As ações estabelecidas nestes sistemas encaixados, interconectados, são determinadas pela cultura ou subcultura, as quais são responsáveis pelas características ideológicas e pelos estilos de vida refletidos em objetos e práticas de socialização, denominadas macrossistema (BRONFENBRENNER, 2002/2011, p.8 e p.21).

Já o Processo é dependente e variável em função das características da Pessoa e do Contexto, ou seja, conforme afirma Bronfenbrenner (2011), sujeito aos seus efeitos moderadores interativos, que podem ser positivos ou negativos. Segundo Collodel-Benetti et al. (2013, p. 92), esse é o principal mecanismo responsável para o desenvolvimento em função das interações recíprocas que acontecem de maneira gradativa, entre o sujeito e as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente imediato.

O processo abrange formas particulares de interação do organismo com o ambiente, chamadas processo proximal, operando ao longo do tempo. Estende-se para além do contexto imediato, sendo direcionado pelos domínios mais distantes do micro, do meso e até mesmo do exossistema, ou seja, o macrossistema. Neste, através das ideologias, valores e crenças ali presentes e da organização das instituições sociais, como por exemplo, as políticas públicas, contribuem para o seu direcionamento (BRONFENBRENNER, 2011).

O Tempo, cronossistema, foi incorporado aos elementos da teoria posteriormente. O cronossistema adiciona dimensões de tempo às estruturas existentes ao captar as mudanças do meio, refletindo nos atributos da pessoa, nos processos proximais e nos parâmetros do contexto (COLLODEL-BENETTI et al., 2013). É o período em que acontecerão as mudanças e transformações para que se tenha um desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2011).

Este pode ser um dos aspectos mais importantes para a efetividade da educação ambiental na vida dos indivíduos, uma vez que essa se demonstra presente nas práticas

pró-ambientais à medida que esse processo se torna contínuo.

O desenvolvimento humano é fruto das interações bidirecionais entre o indivíduo biopsicologicamente ativo e todo o sistema ecológico humano (DESSEN; COSTA JUNIOR, 2005). Desse modo, a compreensão da inter-relação dos sistemas e seus aspectos, são necessários para o entendimento da forma como o indivíduo se comporta no ambiente e as informações recebidas. Essas informações, quando adquiridas dos grupos envolvidos no microsistema, influenciarão nas ações da pessoa e esta as repassará especialmente para o grupo familiar. Com isso, o comportamento que se possui em função de uma consciência ambiental, irá refletir nas ações dos familiares e, conseqüentemente, será disseminando por toda a sociedade.

Nessa relação bidirecional, Bronfembrenner enfatiza a maneira como a pessoa percebe os diferentes estímulos e como estes podem ser alterados em função da exposição e interação com ambiente. Quando a pessoa em desenvolvimento é estimulada em suas ações, ela adquire uma concepção mais ampliada, mais diferenciada pela qual percebe o ambiente. Torna-se motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelem as suas propriedades (BRONFENBRENNER, 2002).

Mas o indivíduo é capaz de moldar, mudar e recriar o meio no qual se encontra (BRONFENBRENNER, 2002). Portanto, como o comportamento pode ser moldado ou alterado em função do ambiente de interação, para haver uma conscientização ambiental aliada a um comportamento que vise a preservação e manutenção do meio ambiente, é necessário haver constantes estímulos por meio da educação ambiental, iniciando-se na infância e permanecendo durante todo o curso de vida. A pessoa em desenvolvimento precisa ser motivada e estimulada a estabelecer um comportamento mais responsável para com o meio ambiente. Se o processo de conscientização e sensibilização ambiental não for constante, seu comportamento vai se modificando, adaptando-se ao novo ambiente.

A deficiência de uma educação ambiental que se preocupe com a conscientização da população, pode ser um dos explicadores para o não estabelecimento de um comportamento ecológico pelos jovens universitários. Se houvesse uma educação ambiental efetiva e constante é possível que tais comportamentos se mostrassem diferentes. Os problemas ambientais devem ser analisados sob uma ótica social, estando o processo educativo, pautado numa postura

crítica da inter-relação com o meio ambiente e no diálogo entre os vários contextos sociais.

O desenvolvimento sustentável passa pelas dimensões biopsicossociais do ser humano, e ao processo educacional, cabe a função de desenvolver no cidadão uma consciência crítica e reflexiva sobre o ambiente, considerado um bem comum, direito natural e essencial à vida (BRASIL, MEC, 1993 citado por ZANDONÁ, 1997, p. 15).

A Educação Ambiental e a bioecologia do desenvolvimento humano buscam construir um novo paradigma de relações dos seres humanos com a natureza. As duas perspectivas apontam a educação como ferramenta e espaço de reflexão e produção de conhecimento, podendo colaborar com a construção de uma noção de cidadania que abarque valores humanitários por meio de uma consciência associada ao senso de pertencimento (YUNES; JULIANO, 2010).

Atividades de educação ambiental buscam a transformação no contexto cultural e social de crianças e jovens, ou seja, mudanças em seu processo psicossocial, desenvolvendo pessoas que cuidem de seu ambiente, pensando na coletividade. “É no processo de aprendizagem que questões de cidadania e responsabilidade social são fortalecidas” (SILVA; HIGUCHI; FARIAS, 2015, p. 1032).

O meio ambiente – tanto o natural quanto o social – e o desenvolvimento humano, são condições fundamentais para a manutenção da qualidade de vida. A preocupação ecológica deve permitir a compreensão do meio e a interdependência entre os diversos elementos que conformam o ambiente (ZANDONÁ, 1997).

A apropriação do conhecimento ambiental é o início para mudanças de comportamento, no entanto os programas de educação ambiental não devem ser vistos apenas como produtor de conhecimento e gerador de mudanças comportamentais, mas como possibilidade de vivências de solidariedade, compromisso, cooperação e cidadania, oferecendo, principalmente aos jovens, a possibilidade de construir a sua história (SILVA; HIGUCHI; FARIAS, 2015).

“O envolvimento de jovens em programas de educação ambiental dá voz para esses desenvolverem mudanças psicossociais e construir sua trajetória de vida pautada no compromisso social, ou seja, no exercício da cidadania” (SILVA; HIGUCHI; FARIAS, 2015, p. 1044), possibilitando que este conhecimento se estenda para outros ambientes como a escola, a família, a comunidade, tendo a oportunidade de participar de uma transformação social.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa encontra-se estruturada da seguinte forma: Caracterização da Pesquisa; Local de Estudo; População e Amostra; Procedimentos de Coleta de Dados; Aspectos éticos da pesquisa e por fim, a Análise dos Dados.

2.1 Caracterização da pesquisa

A fim de investigar se a conscientização ambiental dos estudantes universitários está associada a um comportamento de consumo sustentável, e em que medida a compreensão dos problemas ambientais impacta na decisão de compra desses jovens, esta pesquisa apresenta enfoque quanti-qualitativo com caráter descritivo-exploratório, realizada em duas etapas: na primeira etapa foi empregada abordagem quantitativa para auxiliar na obtenção de dados e questões que necessitassem de maior delineamento e exploração; na segunda fase foi realizado um estudo qualitativo.

Acredita-se que ao adotar as abordagens quantitativa e qualitativa em um estudo que envolve a subjetividade de seus atores, como é o caso do comportamento ecológico dos jovens universitários, os fenômenos se tornarão mais compreensíveis, além de fornecer direções para futuras pesquisas. O uso conjunto destas abordagens proporciona a identificação de variáveis específicas, a compreensão global do fenômeno, o controle dos vieses, a visão dos envolvidos, o enriquecimento das constatações obtidas e a

confirmação da validade e da confiabilidade das descobertas (WEBER; DESSEN, 2009, p. 26).

Nas Ciências Sociais, o uso da pesquisa qualitativa é altamente recomendado por auxiliar nas respostas a questões muito particulares, atuando em um nível da realidade que não pode ou não deve ser quantificado, trabalhando com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A produção humana permeada pelo mundo das relações, das representações e da intencionalidade dificilmente pode ser traduzida em números e indicadores quantitativos. “O Ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada por seus semelhantes” (MINAYO, 2010, p. 21).

As abordagens qualitativa/quantitativa são apontadas como divergentes por alguns estudiosos, enquanto para outros estas apresentam-se em convergência. Conforme Minayo (2010); Creswell (2007); Weber e Dessen (2009) um método é complementar ao outro por possibilitar o entendimento dos significados de um fenômeno. Enquanto o método quantitativo visa “descrever e explicar fenômenos que produzem regularidades, são recorrentes e exteriores ao sujeito, a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados”. Portanto, segundo Minayo (2010, p.22) “quando bem trabalhados, produzem riquezas de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa”.

2.2 Local do estudo

Este estudo foi realizado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), localizada na cidade de Viçosa, situada na Zona da Mata do Estado de Minas Gerais.

O Estado de Minas Gerais é formado por 12 mesorregiões (853 municípios) com uma população total estimada em 20,7 milhões, concentrando 339 Instituições de Ensino Superior com 631 mil estudantes matriculados. A mesorregião da Zona da Mata possui 142 municípios com 50 Instituições de Ensino Superior presencial e 66.904 matriculados nos cursos dessas instituições. Já a cidade de Viçosa, no recenseamento de 2010, possuía aproximadamente 72 mil habitantes, contando com uma Instituição de Ensino Superior pública (Universidade Federal de Viçosa), além de possuir duas

Instituições de Ensino Superior privadas que oferecem cursos presenciais (IBGE, 2010; SEMESP, 2015; UFV, 2015).

A população de jovens entre 15 e 29 anos de Viçosa, no recenseamento de 2010, era de aproximadamente 10.423, no entanto, por ser uma cidade universitária, conta com uma população flutuante de cerca de 20 mil pessoas, incluindo-se aí jovens universitários que se deslocaram de outras regiões para cursar o ensino superior (IBGE, 2010; UFV, 2015).

A Universidade Federal de Viçosa é composta de três *campi* localizados nas cidades de Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba, no entanto, essa pesquisa abrange apenas o campus de Viçosa. Este possui 49 cursos de graduação, incluindo os cursos de Educação a Distância (EaD), contando com 11.560 estudantes matriculados. Os cursos são distribuídos em quatro Áreas ou Centro: Ciências Agrárias - CCA (20,97%), Ciências Biológicas e da Saúde - CCB (18,51%), Ciências Exatas e Tecnológicas - CCE (30,43%), Ciências Humanas, Letras e Artes - CCH (30,09%) (UFV em Números, 2016).

Para oferecer uma educação de excelência, a Universidade Federal de Viçosa vem acumulando larga experiência em ensino, pesquisa e extensão, base de sua filosofia de trabalho, tornando-se referência nacional e internacional, o que torna relevante a escolha desse local para estudo (UFV, 2016).

2.3 População e Amostra

A população estudada foi constituída por jovens universitários dentre aqueles matriculados no último ano dos cursos de graduação da UFV. Anualmente são diplomados, aproximadamente, 1600 estudantes, 325 (20,31%) do Centro de Ciência Agrárias, 321 (20,06%) do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 375 (23,43%) do Centro de Ciência Exatas e tecnológicas e 580 (36,25%) discentes do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (UFV em Números, 2016).

Os jovens que participaram da pesquisa encontravam-se na faixa de idade entre 15 e 29 anos conforme caracterização do Estatuto da Juventude, disposto na Lei n. 12.852, de 05/08/2013, que define como jovem as pessoas que se encontram nessa faixa etária (BRASIL, 2013).

O Estatuto da Juventude é um instrumento que consolida os direitos dos jovens, considerando-se vários aspectos, dentre esses o direito à educação, à sustentabilidade e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado (BRASIL, 2013), ou seja, promover uma educação ambiental para que se possa alcançar o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida dessa e das futuras gerações.

Portanto, a delimitação da população investigada se justifica pelo potencial dessa geração em se mobilizar na luta pelas causas ambientais.

2.3.1 Amostra da Pesquisa Quantitativa

Primeiramente, na busca por identificar e convidar os discentes a participar dessa etapa da pesquisa, elaborou-se um ofício direcionado aos coordenadores de cada curso de graduação, solicitando nome e *e-mail* dos possíveis formando do ano de 2016. Alguns destes ofícios foram entregues e prontamente atendidos. No entanto, a coordenadora do curso de graduação em Economia Doméstica forneceu o contato do administrador do sistema *Sapiens* da UFV, o qual possui acesso à relação dos possíveis formandos do ano de 2016, facilitando o contato com a população a ser investigada.

Como o sistema *Sapiens*, além de permitir identificar os possíveis formando de todos os cursos da UFV, possibilita o direcionamento de mensagens de correio eletrônico para esse grupo, isso proporcionou uma maior agilidade no contato com a amostra investigada. Desse modo, foram enviados *e-mails* para 1722 possíveis formandos, informando-os sobre a pesquisa e convidando-os a participar através de acesso ao *link* do questionário cadastrado no *google docs*. Boa parte dos *e-mails* retornaram à caixa de mensagem da pesquisadora, sendo necessário o reenvio da mensagem. Algumas retornaram novamente e outras foram entregues.

Desse modo, nesse primeiro contato foram obtidas poucas respostas. Foi necessário reenviar mensagem via *Sapiens*, mesmo assim o número de respostas não atendeu às expectativas da pesquisa, podendo se justificar devido à maioria dos *e-mails* cadastrados no sistema *Sapiens* ser institucional, não sendo este, muito acessado pelos universitários. Para tanto, buscou-se, mais uma vez, contato com os discentes através das redes sociais, também não obtendo grande êxito.

Contudo, no total foram obtidas 159 respostas. No entanto, como de antemão não foi possível identificar a idade dos estudantes, sendo enviado questionário a todos

os universitários do último ano de graduação, foi necessário excluir da amostra 11 participantes que se encontravam com idade superior a 29 anos, limite de idade definida para compor a amostragem da pesquisa.

Assim, a amostra final foi composta por 148 estudantes que responderam à solicitação, ou seja, aqueles que quiseram contribuir espontaneamente com a pesquisa e que encontravam-se na faixa de idade entre 15 e 29 anos.

2.3.2 Participantes da Pesquisa Qualitativa

A segunda etapa da pesquisa foi constituída por entrevista semiestruturada, realizada com 20 discentes.

O número de entrevistados, a princípio, baseou-se na técnica de saturação, isto é, até que houvesse uma variedade significativa de respostas ou estas estivessem se repetindo. Essa saturação pôde ser constatada pela pesquisadora, no entanto, optou-se por dar continuidade às entrevistas, uma vez que se entendeu que a distribuição em números iguais de entrevistados por centro de ciências, possibilitaria um equilíbrio entre as respostas, não deixando vieses, os quais poderiam ocorrer em função da área de formação dos jovens universitários. Portanto, foram entrevistados cinco discentes de cada centro, sendo um por curso, com exceção da Agronomia, no qual foram entrevistados dois discentes, devido à necessidade de solucionar dúvidas quanto às respostas do primeiro entrevistado.

Os jovens universitários foram identificados através de lista inicialmente fornecida por alguns coordenadores de curso, conforme mencionado anteriormente, e também por indicação de outros graduandos da UFV ou por amigos daqueles discentes que se encaixavam no perfil da pesquisa. Essa forma de abordagem facilitou o contato com os entrevistados, permitindo que estes aceitassem agendar um encontro com a pesquisadora e assim, participar dessa etapa da pesquisa.

2.3.3 Perfil socioeconômico e demográfico dos participantes

O Quadro 1 apresenta o perfil socioeconômico e demográfico dos participantes da primeira etapa da pesquisa e o Quadro 2, as mesmas informações sobre os entrevistados na segunda etapa.

Quadro 1: Perfil socioeconômico e demográfico dos jovens universitários Campus UFV. Viçosa/MG – 2016.

Características		Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
GÊNERO	Feminino	93	62,84
	Masculino	55	37,16
IDADE	De 20 a 22 anos	44	29,73
	De 23 a 25 anos	90	60,81
	De 26 a 29 anos	14	9,46
ESTADO CIVIL	Solteiro (a)	136	91,89
	Casado (a)	5	3,38
	Divorciado (a)	2	1,35
	União estável	5	3,38
ÁREA ACADÊMICA	Ciências Agrárias	22	14,86
	Ciências Biológicas e da Saúde	32	21,62
	Ciências Humanas Letras e Artes	52	35,14
	Ciências Exatas e Tecnológicas	42	28,38
ORIGEM	Rural	12	8,11
	Urbana	136	91,89
MORADIA	Família	33	22,30
	Amigos	97	65,54
	Sozinho (a)	18	12,16
RENDA FAMILIAR	Até R\$ 1.000,00	17	11,49
	R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00	25	16,89
	R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00	37	25,00
	R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00	24	16,22
	R\$ 4.001,00 a R\$ 5.000,00	16	10,81
	Mais de R\$ 5.000,00	29	19,59
TOTAL		148	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 2: Perfil socioeconômico e demográfico dos jovens universitários Campus UFV. Viçosa/MG – 2016.

Características		Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
GÊNERO	Feminino	14	70,0
	Masculino	6	30,0
IDADE	De 20 a 22 anos	7	35,0
	De 23 a 25 anos	10	50,0
	De 26 a 29 anos	3	15,0
ESTADO CIVIL	Solteiro (a)	20	100,0
	Casado (a)	-	-
	Divorciado (a)	-	-
	União estável	-	-
ÁREA ACADÊMICA	Ciências Agrárias	5	25,0
	Ciências Biológicas e da Saúde	5	25,0
	Ciências Humanas Letras e Artes	5	25,0
	Ciências Exatas e Tecnológicas	5	25,0
ORIGEM	Rural	2	10,0
	Urbana	18	90,0
MORADIA	Família	3	15,0
	Amigos	15	75,0
	Sozinho (a)	2	10,0
RENDA FAMILIAR	Até R\$ 1.000,00	1	5,0
	R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00	2	10,0
	R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00	6	30,0
	R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00	5	25,0
	R\$ 4.001,00 a R\$ 5.000,00	4	20,0
	Mais de R\$ 5.000,00	2	10,0
TOTAL		20	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação ao gênero dos participantes da pesquisa, pôde-se observar uma maior prevalência das mulheres nas duas etapas da investigação (62,34% e 70%). Essa característica também esteve presente nos trabalhos de Gomes, Gorni e Dreher (2011), Pinheiro e Pinheiro (2007) e de Silva et al. (2016) em que, respectivamente, 52,7%, 64,5% e 68% dos respondentes eram do sexo feminino.

A maior presença do sexo feminino na pesquisa pode estar ligada ao maior número de mulheres cursando o ensino superior, conforme apontado pela Síntese dos Indicadores Sociais 2014 (SINT2015). Outra justificativa pode estar relacionada ao interesse em cuidar do meio ambiente, uma vez que nos resultados encontrados por

Pinheiro e Pinheiro (2007), mais da metade das mulheres entrevistadas (57%), afirmaram cuidar do meio ambiente ao passo que uma parcela menor de homens (47%) o fizeram. Portanto, embasando-se nesses autores, participar deste estudo pode também representar um ato de cuidado para com o meio ambiente, uma vez que contribuirá para a melhoria da relação universidade/universitários/meio ambiente.

Já com relação à idade dos participantes, estes se encontram em grande parte, na faixa de idade entre 23 e 25 anos, prevalecendo a idade média de 23 anos. Essa prevalência pode ser explicada pela característica da amostra, constituída essencialmente por jovens do último ano de graduação, corroborando o nível apontado pela Síntese dos Indicadores Sociais 2014 (SINT2015), o qual indica a idade entre 18 e 24 anos como adequada à frequência do jovem no ensino superior, correspondendo a 58,5% em 2014, já a faixa etária de 25 a 29 anos estaria no final do seu ciclo escolar havendo, portanto, um número reduzido desses jovens nesta etapa do ensino. Esse perfil da população pesquisada pode justificar também a maior frequência de estudantes solteiros.

Conforme apresentado anteriormente, no campus da UFV são oferecidos 49 cursos de graduação divididos em quatro Centros de Ciências (Agrárias; Biológicas e da Saúde; Humanas, Letras e Artes; Exatas e Tecnológicas). Dos 148 estudantes que responderam ao questionário *on-line*, 35% pertencem ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Isso pode ser justificado pelo fato de a cada ano graduar um número maior de estudantes desse centro, conforme apontam os dados UFV em números: 2015 – 633 graduados e 2016 – 580 graduados. No entanto, observou-se um número reduzido de participantes do Centro de Ciências Agrárias, 22 discentes (14,86%) na primeira etapa da pesquisa, causando surpresa, uma vez que esses discentes estão em formação para lidar com as diferentes questões ambientais, esperando-se desses, maior desprendimento em contribuir com pesquisas nessa temática.

Quanto aos discentes que participaram da entrevista, o fato citado anteriormente não ocorreu, visto que se procurou alcançar o mesmo número de respondentes para cada área acadêmica. Os cursos analisados nessa etapa foram os seguintes:

Quadro 3: Relação de entrevistados por área acadêmica e curso Campus UFV. Viçosa/MG – 2016.

Área Acadêmica		Entrevistados
CIÊNCIAS AGRÁRIAS	Agronomia	2
	Engenharia Florestal	1
	Gestão de Cooperativas	1
	Agronegócio	1
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE	Ciências Biológicas (Bacharelado)	1
	Ciências Biológicas (Licenciatura)	1
	Medicina	1
	Enfermagem	1
	Medicina Veterinária	1
CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES	Direito	1
	Letras	1
	Economia Doméstica	1
	Geografia	1
	Pedagogia	1
CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS	Engenharia Ambiental	1
	Ciências da Computação	1
	Matemática	1
	Engenharia de Alimentos	1
	Engenharia Mecânica	1
TOTAL		20

Fonte: Dados da pesquisa.

Nas duas etapas da pesquisa prevaleceu a participação de jovens universitários do meio urbano, 91,89% e 90% respectivamente. Conforme Brasil (2006), com a saída massiva dos jovens do campo, é possível observar na juventude rural uma nova predisposição para responder aos apelos de mobilização e às práticas “ecologicamente corretas” em função do modelo de desenvolvimento vigente nas áreas rurais. No entanto, os jovens das cidades também têm a possibilidade de transformar as precariedades da infraestrutura urbana em demandas “ambientais” e ações concretas. “Os jovens rurais e urbanos se conectam com as questões de seu tempo, fazendo dialogar velhos problemas com novas motivações. Hoje, no campo e na cidade, há grupos de jovens ambientalistas” (BRASIL, 2006, p. 10), portanto, espera-se igual engajamento desses com as questões ambientais e que estes possam ser motivados a sempre continuar nessa empreitada.

Com relação à moradia dos participantes, 65,54% e 75% residem com amigos, isso ocorre devido à grande maioria dos discentes da UFV serem de outras cidades,

vindo a cursar o ensino superior na cidade de Viçosa, onde passam a residir em repúblicas com os amigos.

No quesito renda familiar, não houve diferença significativa entre os pesquisados. A renda mais prevalente entre os participantes das duas etapas varia entre R\$ 2001,00 a 3000,00 (25,67% e 30%), posicionando esses jovens universitários na classe social C1 segundo os critérios de classificação econômica da ABEP (2016).

2.4 Procedimentos de coleta de dados

Conforme mencionado, este estudo foi dividido em duas etapas: em um primeiro momento foi utilizado como instrumento de coleta questionário com perguntas objetivas (Anexo A), em um segundo momento, foi realizada entrevista semiestruturada (Anexo B).

O questionário contemplou questões relativas às características socioeconômicas e demográficas dos entrevistados, além de conter dados relativos à investigação dos aspectos relacionados à consciência ambiental, comportamento do consumidor ecologicamente consciente e hábitos de consumo sustentável.

Já o roteiro de entrevista foi composto por dezoito questões divididas em duas temáticas: conhecimento e a consciência ambiental, preservação ambiental e consumo. Além dessas questões, foram investigadas as características socioeconômicas e demográficas dos entrevistados conforme apresentadas no questionário, primeira etapa.

2.4.1 Avaliação do grau de Consciência Ambiental

Para avaliar o grau de consciência ambiental dos jovens universitários foi utilizada uma escala adaptada da Escala EC (*Environmental Concern*) utilizada por Bedante (2004), Gomes, Gorni e Dreher (2011), Tambosi et al. (2014) e Silva et al. (2016), já o comportamento ecológico do consumidor foi avaliado tomando como base a utilizada por Lages e Neto (2002), Bedante (2004), Gomes, Gorni e Dreher (2011), Tambosi et al. (2014) e Silva et al. (2016).

Estes instrumentos de coleta foram desenvolvidos por Straughan e Roberts (1999), a partir da validação da pesquisa realizada anteriormente por Roberts em 1996, que objetivou relacionar as variáveis demográficas e psicográficas com a consciência

ecológica do consumidor. Esse estudo foi realizado com estudantes universitários (SILVA et al., 2016; BEDANTE, 2004).

A escala ECCB foi traduzida e replicada no Brasil por Lages e Neto (2002) e a escala EC por Bedante (2004), sendo adaptadas pela pesquisadora, com base nos objetivos deste estudo e amparada nos trabalhos de Gomes, Gorni e Dreher (2011) e Tambosi et al. (2014), os quais utilizaram estas escalas em suas pesquisas com universitários no Brasil.

Para sua operacionalização, foi adotada a escala de Likert de 5 pontos que buscou identificar o grau de concordância ou discordância dos jovens universitários em relação às afirmativas apresentadas, sendo que “1” representa uma discordância máxima (discordo totalmente) e 5 uma concordância máxima (concordo totalmente), para mensuração dos itens.

O instrumento de coleta foi cadastrado no *Google Docs*, ferramenta para disponibilização de pesquisas (*surveys*) *on-line* e gratuita na internet. Posteriormente foi enviado, por meio de correio eletrônico, *link* de acesso ao questionário, juntamente com uma carta informando sobre a pesquisa e seu levantamento, solicitando o preenchimento do questionário. Este ficou disponível para resposta de abril a junho de 2016.

2.4.2 Entrevista em profundidade

Num segundo momento, e para atender à segunda etapa da pesquisa, foi efetuada entrevista com a utilização de roteiro semiestruturado e gravação de áudio (mediante autorização dos participantes). O uso dessa técnica é justificado devido à possibilidade que ela proporciona para a descoberta de perspectivas, pontos de vistas e opiniões sobre os fatos, podendo estes variar em função da situação local e dos contextos sociais, culturais, econômicos e históricos, presentes na fala dos atores envolvidos (WEBER; DESSEN, 2009), dados que não são possíveis identificar na primeira etapa da investigação, uma vez que os dados quantitativos não possibilitam a descoberta dos aspectos implícitos nas respostas dos investigados.

Assim, as perguntas definidas para a entrevista foram elaboradas a partir das respostas obtidas na primeira etapa e mediante levantamento de informações que demandaram respostas discursivas, levando ao conhecimento da opinião dos entrevistados e a obtenção de resultados mais detalhados dos fatores implicados na

conscientização ambiental e no comportamento de consumo sustentável pelos universitários.

Essa etapa teve como objetivo aprofundar as conclusões sobre a temática, levando a um maior entendimento da questão estudada, uma vez que os dados quantitativos não possibilitam a descoberta dos aspectos implícitos nas respostas dos investigados.

Optou-se por identificar e analisar os critérios de escolha de alimentos, produtos eletrônicos e artigos de vestuário, uma vez que estes fazem parte do cotidiano de consumo dos jovens universitários. A juventude é uma grande consumidora de produtos tecnológicos, e, segundo Arrais (2011), durante a compra de equipamentos eletrônicos, os jovens universitários observam o design ou a qualidade, preço e a tecnologia utilizada em sua fabricação. A busca por estarem sempre atualizados, utilizando o último lançamento de um produto, leva a um hábito de consumo em que as implicações ambientais, muitas vezes, não são consideradas. Assim como os eletrônicos, os artigos de vestuário são intensamente influenciados pela moda, pelo *status*, sendo que a necessidade e o desejo intensificam a compra e o descarte destes produtos.

As entrevistas foram realizadas individualmente, no período de junho a agosto de 2016, e tiveram uma duração média de 30 minutos. O local e horário foram definidos pelo participante, porém somente uma entrevista foi realizada na casa do entrevistado, as demais foram realizadas no campus da UFV, especificamente na biblioteca e departamentos dos cursos dos jovens ou da pesquisadora.

Após as entrevistas, os áudios foram transcritos com o auxílio de uma bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Viçosa (PIBIC).

2.5 Questões éticas

Todos os aspectos éticos dispostos na resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados durante a execução desta pesquisa. O levantamento de dados somente foi iniciado após apreciação e aprovação pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Viçosa, através do

CAAE: 53436816.3.0000.5153 e parecer de número 1.445.557 (Apêndice A), e também, mediante autorização da Pró-reitoria de ensino da UFV (Apêndice B).

Antes de iniciar a coleta de dados, em cada etapa houve apresentação e explicação sobre a pesquisa, bem como foi solicitado aos participantes o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C), além de ser solicitada autorização para gravação da entrevista.

2.6 Análise de dados

2.6.1 Primeira Etapa - Quantitativa

Na abordagem quantitativa, os dados foram preparados com auxílio do software *Microsoft® Excel®* 2013, sendo analisados de forma exploratória, realizando-se a exclusão da amostra, os participantes que se encontravam fora do perfil da pesquisa (com idade superior a 29 anos). Além disso, essa análise possibilitou a identificação de perguntas que necessitassem de um maior aprofundamento por meio de entrevista em profundidade. Posteriormente, os dados foram tabulados e analisados por meio de métodos estatísticos descritivos simples, utilizando-se o *software Statistical Package for the Social Science* – SPSS versão 22.0, calculando-se frequências, médias e desvios-padrão.

Para analisar a relação entre a consciência ambiental e o comportamento de consumo sustentável, foi realizada a Análise de Correlação – r de Pearson (Coeficiente de Pearson), e para verificar a existência de correlações entre o perfil socioeconômico dos entrevistados, foram realizados o Teste-T para correlações com duas variáveis independentes (gênero e origem) e Análise de Variância (Anova) para correlações com três ou mais variáveis (renda, moradia e a área acadêmica), adotando-se o nível de significância de 95% e 5% de margem de erro.

2.6.2 Segunda Etapa - Qualitativa

Quanto aos dados qualitativos, depois de transcritas as entrevistas, foi realizada leitura minuciosa de uma cada delas, buscando-se retirar as palavras chaves que representavam as respostas a cada pergunta. Estas foram agrupadas, observando-se as

semelhanças com que ocorriam entre os entrevistados, procedendo-se assim, à análise de conteúdo, cujo método, segundo Bardin (2008), é composto por um conjunto de técnicas de análises das comunicações, através da utilização de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que facilitam a identificação do que está implícito nessas.

A análise de conteúdo, conforme propõe Bardin (2008), configura-se na decomposição do discurso e na identificação de unidades de análise ou grupos de representações para uma categorização dos fenômenos, proporcionando uma compreensão destes a partir das percepções dos entrevistados. Minayo (2010) acrescenta, esta possibilita a utilização de inferências que partem da descrição dos conteúdos explícitos na comunicação para se chegar a dimensões que vão além da mensagem (MINAYO, 2010).

Dentre os procedimentos da análise de conteúdo na pesquisa qualitativa, destaca-se a categorização, inferência, descrição e interpretação dos resultados obtidos com o auxílio da fundamentação teórica, podendo este caminho variar de acordo com os objetivos da pesquisa e do pesquisador (MINAYO, 2010).

Desse modo, com base nos registros das entrevistas, foram criadas cinco subcategorias, conforme os objetivos específicos do presente estudo, dentre as quais, foram agrupadas as repostas dos jovens universitários. Logo após, essas subcategorias foram organizadas em duas categorias: Conhecimento e Consciência Ambiental, Preservação Ambiental e Comportamento de Consumo.

2.6.3 Interpretação dos Resultados⁴

Em um primeiro momento buscou-se apresentar os dados obtidos na primeira etapa da pesquisa, conforme os objetivos propostos, realizando-se sua interpretação e discussão através dos subsídios teóricos, e também, embasando-se nas respostas obtidas na segunda etapa, as quais possibilitaram maior entendimento de algumas variáveis. Em um segundo momento, foram realizadas interpretações e discussão dos resultados da

⁴ Ressalta-se que, embora previsto no projeto de pesquisa original, o software Alceste (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto), não foi utilizado nesta pesquisa, pois, ao submeter os dados à análise neste programa, constatou-se que o mesmo não conseguiu agrupar as falas dos entrevistados em uma sequência lógica.

entrevista em profundidade, acompanhadas das falas dos participantes do estudo e ancorando-se na literatura.

Para favorecer a distinção da análise dos dados coletados nas duas etapas, os resultados foram organizados em dois capítulos: Avaliação da Consciência Ambiental e sua Relação com o Comportamento de Consumo Sustentável; Consciência ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável: a perspectiva dos jovens universitários, que serão apresentados a seguir.

É importante esclarecer que não se intencionou fazer generalizações, mas sim focar a atenção para desvelar os fatos a partir da perspectiva dos jovens, procurando conhecer como eles experimentam e interpretam a questão ambiental.

CAPÍTULO 3

Avaliação da Consciência Ambiental e sua Relação com o Comportamento de Consumo Sustentável

Esta primeira etapa da pesquisa visou analisar o grau de consciência ambiental dos jovens universitários e verificar se esta possui relação com o comportamento de consumo sustentável.

Para avaliar o grau de consciência ambiental foi utilizada a Escala EC (*Environmental Concern*), e para a investigação do comportamento de consumo sustentável utilizou-se a Escala ECCB (*Ecologically Conscious Consumer Behavior*), propostas por Straughan e Roberts (1999) e adaptadas de Gomes, Gorni e Dreher (2011) e Tambosi et al. (2014), conforme já referido nos procedimentos de coleta de dados.

Os dados foram coletados por meio de questionário *on-line*, contendo um total de 32 questões (ver Anexo A), utilizando-se a escala de Likert, de 5 pontos que vai de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”, sendo respondido por 148 jovens universitários.

3.1 Dimensões da Consciência Ambiental

A mensuração da consciência ambiental, segundo Bedante e Slongo (2004 apud Silva et al., 2016), é possível por meio da utilização de algumas técnicas como: oferecer a opção de escolha de alternativas entre a proteção ambiental e interesses econômico-políticos futuros; questionar o indivíduo sobre sua percepção quanto às questões ambientais; e verificar se este contribui para realização de ações em prol do meio

ambiente. No presente estudo recorreremos à primeira sugestão, elaborando questões que implicam em fazer escolhas entre posicionamentos opostos.

Desse modo, o grau de consciência ambiental foi analisado a partir das 10 primeiras questões do questionário *on-line*. A Tabela 1 apresenta as análises das médias e do desvio padrão das respostas obtidas para cada uma das variáveis/indicadores utilizadas no estudo. As médias mais altas correspondem a uma maior concordância com a afirmativa ou, no caso das três primeiras questões, uma maior discordância é mais positiva em relação à consciência ambiental. Essas são, portanto, inversas.

Segundo Bedante (2004), as questões inversas foram formuladas para buscar minimizar os vieses de repostas em que os respondentes tendem a contestar ao questionário utilizando somente um lado da escala. Desse modo, assim como Bedante, foi feita a inversão dos pesos das respostas, sendo os valores iguais a 1 passaram a valer 5, igual a 2 passaram a valer 4, igual a 4 passaram a valer 2 e igual a 5 passaram a valer 1.

Tabela 1: Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

Escala EC	Média	Desvio padrão
As plantas e os animais existem, basicamente, para serem utilizados pelos seres humanos.	4,32	0,867
Os seres humanos têm o direito de modificar o meio ambiente para ajustá-lo às suas necessidades.	3,45	1,032
Os seres humanos não precisam se adaptar ao meio ambiente pois podem adaptá-lo às suas necessidades.	4,22	0,698
A humanidade está abusando seriamente do meio ambiente.	4,61	0,612
Os seres humanos devem viver em harmonia com a natureza para que possam sobreviver.	4,67	0,610
Quando os seres humanos interferem na natureza, isso frequentemente produz consequências desastrosas.	4,07	0,893
O equilíbrio da natureza é muito delicado e facilmente perturbado.	3,90	0,894
Para manter uma economia saudável teremos que desenvolvê-la de forma que o crescimento industrial seja controlado.	3,85	0,906
Existem limites de crescimento para além dos quais a nossa sociedade industrializada não pode se expandir.	3,53	1,006
Estamos nos aproximando do número limite de habitantes que a terra pode suportar.	3,21	0,942
Média geral das variáveis	3,98	0,453

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme exposto na Tabela 1 e de uma forma mais detalhada na Tabelas 2, os itens com maiores frequências de repostas em que os participantes disseram concordar totalmente com as afirmativas foram: “A humanidade está abusando seriamente do meio ambiente” (66,9%), “Os seres humanos devem viver em harmonia com a natureza para que possam sobreviver melhor” (72,3%). Além disso, a média de resposta dessas questões foi de 4,61 e 4,67, as maiores dentre os 10 indicadores da consciência ambiental. Já o desvio padrão, foi o mais baixo, 0,612 e 0,610, indicando que as respostas foram convergentes entre os jovens universitários, conforme se observa na Tabelas 2 e também, segundo os estudos de Silva et al. (2016).

Esse nível de concordância também foi encontrado por Gomes, Gorni e Dreher (2011), Tambosi et al. (2014) e Bedante (2004), demonstrando que os jovens apresentam uma preocupação com o modo abusivo com que os seres humanos estão explorando o meio ambiente e que deveriam viver em harmonia com a natureza, indicando portanto, segundo os autores, uma consciência ambiental.

Tabela 2: Variáveis do Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

Item da Escala EC	Discordo Totalmente		Discordo		Não Concordo Nem Discordo		Concordo		Concordo Totalmente	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
A humanidade está abusando seriamente do meio ambiente.	0	0,0	2	1,4	4	2,7	43	29,1	99	66,9
Os seres humanos devem viver em harmonia com a natureza para que possam sobreviver.	1	0,7	0	0,0	5	3,4	35	23,6	107	72,3

Fonte: Dados da pesquisa.

Frases relacionadas ao desenvolvimento econômico e industrial como “Para manter uma economia saudável teremos que desenvolvê-la de forma que o crescimento industrial seja controlado” e “Existem limites de crescimento para além dos quais a nossa sociedade industrializada não pode se expandir”, tiveram uma maior variação entre as respostas dos participantes, com elevado desvio padrão (Tabela 1 - desvio padrão 0,906 e 1,006; média 3,85 e 3,53) e ainda, um número considerável de participantes neutros, podendo indicar uma indecisão dos jovens, entre a importância de haver expansão econômica e a necessidade de preservar o meio ambiente.

Essa indecisão pode ter ocorrido devido a contradição existente nessas questões, uma vez que ao se falar em limitar o crescimento industrial, isso pode significar uma estagnação econômica, e assim, gerar uma crise no sistema capitalista.

Apesar disso, prevaleceu um maior grau de concordância com as afirmativas (45,9% e 37,2%), e um percentual mais baixo de discordância (“discordo” e “discordo totalmente”). A Tabela 3 mostra a frequência de respostas apresentadas pelos entrevistados.

Tabela 3: Variáveis do Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

Item da Escala EC	Discordo Totalmente		Discordo		Não Concordo Nem Discordo		Concordo		Concordo Totalmente	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Para manter uma economia saudável teremos que desenvolvê-la de forma que o crescimento industrial seja controlado.	1	0,7	12	8,1	31	20,9	68	45,9	36	24,3
Existem limites de crescimento para além dos quais a nossa sociedade industrializada não pode se expandir.	2	1,4	24	16,2	41	27,7	55	37,2	26	17,6

Fonte: Dados da pesquisa.

Outra questão que apresentou elevado desvio padrão e média baixa foi “Os seres humanos têm o direito de modificar o meio ambiente para ajustá-lo às suas necessidades” (Tabela 1: desvio padrão - 1,032; média - 3,45). Nesse caso, a Tabela 4, mostra que apesar da discordância com a afirmativa ser maior, esta apresentou uma grande percentagem de jovens universitários que não se posicionaram diante da questão (30,4%). Isso reforça o indício de que há uma indecisão entre esses ao se pensar na relação entre a preservação ambiental, o desenvolvimento econômico e o atendimento das necessidades dos seres humanos.

Tabela 4: Variável do Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

OS SERES HUMANOS TÊM O DIREITO DE MODIFICAR O MEIO AMBIENTE PARA AJUSTÁ-LO ÀS SUAS NECESSIDADES		
	N	%
Concordo Totalmente	2	1,4
Concordo	28	18,9
Não Concordo Nem Discordo	45	30,4

Discordo	47	31,8
Discordo Totalmente	26	17,6
Total	148	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Essas respostas podem ser derivadas também do viés dado à formação dos jovens universitários. Conforme apontado por dois jovens participantes da segunda etapa da pesquisa, sua formação é mais voltada para atender ao mercado de trabalho, tendo em vista o desenvolvimento econômico em detrimento de uma conscientização para atuar em favor da preservação ambiental.

[...] no curso [...] eles pregam muito isso, desde o primeiro semestre meu, que a gente é competidor um com o outro. O mercado de trabalho vai escolher, ou eu ou ele (E7, Agronomia).

No meu curso é aquilo, tipo, são pequenas ações. [...] Não teve nenhuma matéria que eu fiz em específico [...] mais pra cumprir a legislação, não pra conscientização (E9, Engenharia de Alimentos).

Devido a esses resultados, e apoiando-se nos argumentos de Batista e Ramos (2011), acredita-se ser necessária a inclusão de temas relativos ao meio ambiente nos currículos escolares e acadêmicos, que atendam não só às exigências do mercado de trabalho, mas principalmente, como uma função inerente a uma formação holística que se relacione diretamente com o exercício da cidadania através de uma consciência ambiental.

3.1.1 Grau de Consciência Ambiental

Após apresentar as análises das respostas obtidas para cada uma das 10 questões utilizadas no estudo, a seguir será analisado e discutido o grau de consciência ambiental dos jovens universitários.

O uso da análise descritiva teve como propósito, associar os valores atribuídos na escala Likert, de 1 a 5, e através do cálculo da média, desvio padrão e frequência, classificar a consciência ambiental dos jovens universitários. Para tanto, através das

variáveis de investigação discutidas no tópico anterior, obteve-se a média geral da consciência ambiental a qual é apresentada na Tabela 5.

Tabela 5: Média geral das variáveis da Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	N
Consciência Ambiental	3,98	0,453	2,90	5,00	148

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme é possível observar na Tabela 5, e, levando-se em consideração a escala likert de 5 pontos, segundo Bedante (2004), pode-se afirmar que a consciência ambiental dos jovens universitários da UFV, participantes desta pesquisa, é relativamente elevada, uma vez que apresentaram tendência positiva nos aspectos relacionados à preservação e manutenção do meio ambiente, ou seja, a média geral das variáveis manteve-se próxima ao ponto 4 da escala (3,98). É importante observar que a média mínima alcançada pelos respondentes foi de 2,90, no entanto, dois universitários tiveram pontuação máxima, média 5,00.

Desse modo, para classificar os jovens universitários quanto ao seu grau de consciência ambiental, optou-se por criar uma classificação seguindo os preceitos da Escala Likert – “Muito Baixo”, “Baixo”, “Moderado”, “Alto” e “Muito Alto” (Tabela 6).

Tabela 6: Classificação do Grau de Consciência Ambiental. Viçosa/MG – 2016.

Grau de Consciência Ambiental	Média
Muito Baixo	Entre 1,00 e 1,99
Baixo	Entre 2,00 e 2,99
Moderado	Entre 3,00 e 3,99
Alto	Entre 4,00 e 4,69
Muito Alto	Entre 4,70 e 5,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Um critério de classificação parecido foi utilizado por Silva et al. (2016): médias abaixo de três foram consideradas baixas, médias de três a quatro intermediárias, percepção moderada; acima de quatro, foram consideradas altas.

Bertolini e Possamai (2005), apesar de terem utilizado outra escala, proposta pelos próprios autores, e com pontos variando de 1 a 4, também utilizou uma classificação semelhante à deste estudo. Consciente em relação ao meio ambiente 4 a 3,5; Potenciais traços de consciência ambiental 3,5 a 2,5; Poucos traços de consciência ambiental 2,5 a 1,5; Não possui consciência ambiental 1,5 a 1.

A classificação do grau de consciência ambiental encontrada dentre o grupo de jovens universitários da UFV pesquisados encontra-se na Tabela 7.

Tabela 7: Grau de Consciência Ambiental entre os jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

Grau de Consciência Ambiental	N	%	Frequência Acumulada (%)
Baixo	1	0,7	0,7
Moderado	64	43,2	43,9
Alto	77	52,0	95,9
Muito Alto	6	4,1	100,0
	148	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com o índice de classificação criado, verifica-se que os jovens universitários da UFV, participantes desta pesquisa, possuem alto grau de consciência ambiental, sendo estes representados por 52% do total de participantes desta etapa da pesquisa. Além disso, observa-se que 43,2% desses universitários possuem um grau moderado de consciência ambiental.

Carvalho et al. (2015), pesquisando a percepção/preocupação ambiental e seus determinantes pela comunidade acadêmica da UFV, constataram que apenas 8,7% dos estudantes dos cursos de graduação tinham o meio ambiente como uma de suas preocupações.

A Pesquisa Nacional sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros (BRASIL, 2013), realizada com jovens com idades entre 15 e 29 anos, distribuídos em 187 municípios brasileiros, encontrou o mesmo resultado de Carvalho et al. (2015). Para esses jovens entrevistados, dentre os problemas que mais os preocupavam, o meio

ambiente encontrava-se em 10º lugar (questionamento sem indicação de temas). Já com relação aos três problemas que mais incomodavam no Brasil (havendo indicação de temas pela pesquisa), a destruição do meio ambiente ocupou o 6º lugar, constatando que o meio ambiente ainda não se encontra entre as principais preocupações dos jovens.

Apesar do número de participantes do presente estudo ter sido reduzido, não permitindo generalizações, o alto grau de consciência ambiental encontrado nesta pesquisa, e também, os resultados de Carvalho et al. (2015) e Brasil (2013), podem servir de alerta para os gestores públicos e educacionais, para a intensificação dessa abordagem tanto no ensino básico como no ensino superior, tendo em vista, contribuir para que a problemática seja incorporada ao cotidiano e faça parte da vida dos jovens, e assim, refletindo em seu comportamento de consumo sustentável, não deixando que o meio ambiente, fique em “segundo” plano.

3.2 Dimensões do Comportamento de Consumo Sustentável

A segunda parte do questionário *on-line* foi composta por 22 questões, com o objetivo de analisar o comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários. Esta foi ainda subdividida em duas conforme Bedante (2004), Gomes, Gorni e Dreher (2011) e Tambosi et al. (2014): Intenção de compra de produtos ecológicos (6 questões) e Hábitos de consumo sustentável (16 questões).

3.2.1 Intenção de compra de produtos ecológicos

Os resultados da investigação da intenção de compra de produtos ecológicos pelos jovens universitários são apresentados na Tabela 8, em que foram analisadas as médias e desvio padrão das respostas obtidas para cada uma das variáveis/indicadores utilizados no estudo.

Tabela 8: Intenção de compra de produtos ecológicos pelos jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

Questões	Média	Desvio padrão
Nas suas compras o preço sempre é mais importante	3,22	1,066
Prioriza compra de produtos em embalagens biodegradáveis	3,00	0,940

Compraria um produto numa embalagem reciclável em alternativa a comprar um produto similar numa embalagem não reciclável	4,21	0,693
Estaria disposto a comprar alguns produtos (que agora compro em embalagens menores) em embalagens maiores e com menor frequência	4,14	0,870
Compraria um produto numa embalagem pouco tradicional (por exemplo, redonda quando a maioria é quadrada) se isso se traduzisse na geração de menos resíduos sólidos (lixo)	4,42	0,690
Compraria um produto com uma embalagem menos atrativa se soubesse que todo o plástico e/ou papel desnecessário nesta embalagem tivesse sido eliminado	4,50	0,655
Média geral das variáveis	3,91	0,458

Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar dessa primeira parte da escala do comportamento de consumo sustentável se restringir à compra de produtos ecologicamente embalados, com exceção da primeira questão que é sobre o preço, essa possibilita conhecer a intenção dos jovens universitários com relação à compra de produtos que contribuem para a preservação do meio ambiente.

Como se observa na Tabela 8, a média geral de concordância com as variáveis foi relativamente alta e com baixo desvio padrão (3,91/0,458).

Especificamente, cada uma das variáveis, com exceção das duas primeiras, obteve média superior a 4, demonstrando que os jovens universitários da UFV possuem intenção de ao comprar produtos, priorizar aqueles que prejudiquem menos o meio ambiente, como aquisição de produtos em embalagens recicláveis (média - 4,21).

Gomes, Gorni e Dreher (2011) em sua pesquisa, também observaram essa intenção dos jovens universitários. Para os autores, isso mostra a atenção desses quanto à produção de lixo em virtude da embalagem, uma vez que se dispuseram, assim como nesta pesquisa, a substituir o tamanho e o tipo de embalagem dos produtos adquiridos (4,14/4,42), ou ainda, a não priorizar a estética da embalagem em função da redução do uso de plástico e papel (4,50).

No entanto, pelas respostas à segunda questão “Prioriza compra de produtos em embalagens biodegradáveis” é possível verificar que os jovens ainda não possuem esse comportamento de compra, visto que a média a essa variável foi 3,00. E ainda, conforme a frequência de respostas mostrada na Tabela 9, 46,6% dos jovens universitários se mantiveram neutros em relação a essa questão, além da proporção daqueles que concordavam ter sido basicamente a mesma dos que discordavam dessa ação.

Tabela 9: Variável da Intenção de compra de produtos ecológicos pelos jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

PRIORIZA COMPRA DE PRODUTOS EM EMBALAGENS BIODEGRADÁVEIS		
	N	%
Concordo Totalmente	9	6,1
Concordo	30	20,3
Não Concordo Nem Discordo	69	46,6
Discordo	32	21,6
Discordo Totalmente	8	5,4
Total	148	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Solomon (2008), a compra do consumidor é uma resposta a um problema. Reconhece-se um problema quando há uma diferença entre seu estado atual e o estado desejado. Mas conforme observado, apesar de os jovens universitários possuírem um alto grau de consciência ambiental, a princípio, já se observa que essa consciência não é o único fator determinante para sua decisão de compra de produtos ecológicos ou sustentáveis. Ou seja, os jovens conseguem identificar os problemas ambientais, mas isso ainda é pouco traduzido em comportamento de compra.

Esse resultado corrobora os encontrados por Brasil (2012), em que apontaram um aumento da consciência ambiental dos jovens brasileiros, mas, apesar do conhecimento das implicações do comportamento humano para o meio ambiente, isso ainda não implica em um comportamento de consumo sustentável. Oliveira et al. (2013) afirma que ainda há uma resistência à mudança de hábitos de compra, além dos jovens não querer e/ou não poder pagar mais por produtos que tenham atributos ecológicos.

Para os jovens universitários da UFV, o preço também se mostrou um importante indicador do comportamento de consumo de produtos ecológicos. Na primeira questão “Nas suas compras o preço sempre é mais importante”, como demonstrado na Tabela 8, a média de respostas a esse indicador foi de 3,22, considerada relativamente alta, já que a escala varia entre 1 e 5 pontos. Houve também um alto desvio padrão, 1,066, indicando uma variabilidade nas respostas dos participantes. Essa pode ser observada na Tabela 10.

Tabela 10: Variável da Intenção de compra de produtos ecológicos pelos jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

NAS SUAS COMPRAS O PREÇO SEMPRE É MAIS IMPORTANTE		
	N	%
Concordo Totalmente	18	12,2
Concordo	47	31,8
Não Concordo Nem Discordo	34	23,0
Discordo	47	31,8
Discordo Totalmente	2	1,4
Total	148	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se verifica na tabela acima, houve uma igualdade de participantes que concordavam e discordavam da afirmativa (31,8%), e ainda, 23% dos entrevistados se mantiveram em posição neutra (não concordavam nem discordavam), constatando que o preço é um fator que pode ser relevante na decisão de compra dos jovens universitários da UFV, sendo utilizado como critério de escolha dos produtos, uma vez que dividiu opiniões e também deixou alguns jovens indecisos quanto a sua posição.

Essa discussão será aprofundada na segunda etapa da pesquisa, quando se investigou os critérios de escolha de compra utilizados pelos jovens universitários.

3.2.2 Hábitos de consumo sustentável

A segunda parte da análise do Comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários, hábito de consumo sustentável, será descrita a seguir. A Tabela 11 contém a média e o desvio padrão das respostas oferecidas pelos participantes.

Tabela 11: Hábitos de consumo sustentável dos jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

Questões	Média	Desvio padrão
Quando tenho que escolher entre dois produtos iguais, eu escolho sempre o que é menos prejudicial às outras pessoas e ao meio ambiente.	3,33	1,039
Não compro produtos fabricados ou vendidos por empresas que prejudicam ou desrespeitam o meio ambiente.	2,83	0,943
Faço sempre um esforço para reduzir o uso de produtos feitos de	3,45	0,935

recursos naturais escassos.		
Quando possível, escolho sempre produtos que causam menos poluição.	3,68	0,933
Já convenci amigos e familiares a não comprar produtos que prejudicam o meio ambiente.	2,86	1,092
Para a minha casa não compro produtos que prejudiquem o meio ambiente.	2,70	0,837
Não compro um produto quando sei dos possíveis danos que ele pode causar ao meio ambiente.	3,14	1,079
Não compro produtos e alimentos que possam causar a extinção de algumas espécies animais ou vegetais.	3,40	1,117
Procuro comprar produtos feitos em papel reciclado.	3,22	1,007
Sempre que possível, compro produtos feitos de material reciclado.	3,52	0,958
Tento comprar apenas produtos que possam ser reciclados.	2,83	1,006
Evito comprar produtos que não sejam biodegradáveis.	2,88	0,975
Compro produtos naturais porque são mais saudáveis.	3,68	0,977
Prefiro alimentos sem fertilizantes químicos porque respeitam o meio ambiente.	3,64	1,057
Estou disposto a pagar um pouco mais por produtos e alimentos que estejam livres de produtos químicos que prejudiquem o meio ambiente.	3,45	1,133
Quando compro produtos e alimentos, a preocupação com o meio ambiente influencia a minha decisão de escolha.	3,22	1,000
Média geral das variáveis	3,24	0,651

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação a esse conjunto de questões, observa-se que a média de respostas é bem mais baixa que as do tópico anterior, intenção de compra de produtos ecológicos (3,24/3,91). Já o desvio padrão de cada uma das questões, conforme se observa na Tabela 11, foi bem mais alto. Esses resultados indicam que o hábito de consumo dos jovens universitários da UFV, participantes do estudo, muitas vezes não acompanha a perspectiva da sustentabilidade ambiental.

As questões que se destacaram com maiores médias foram aquelas que possuem a expressão “quando possível”, “sempre que possível”. “Quando possível, escolho sempre produtos que causam menos poluição” (3,68), “Sempre que possível, compro produtos feitos de material reciclado” (3,52). Isso mostra que os universitários, na possibilidade de ter um hábito de consumo sustentável, ao escolher entre dois produtos, procuram escolher o que é menos prejudicial às outras pessoas e ao meio ambiente (3,33), mas, desde que as condições para isto atendam aos seus critérios de escolha, o qual inclui o preço, como discutido na seção anterior.

Pelas respostas apresentadas, e embasando-se no estudo de Bedante (2004), pode-se observar uma falta de comprometimento desses jovens com o consumo sustentável, já que em expressões que avaliavam um maior engajamento do respondente como, “procuro comprar” ou “tento comprar”, as médias foram mais baixas. E, mesmo aquelas médias mais altas, verifica-se que estas encontram muito próximas da neutralidade, mostrando que os jovens, muitas vezes, preferiram não se posicionar.

Quanto ao consumo de produtos feitos de recursos naturais escassos, 36,5% concordam e 12,8% concordam totalmente em se esforçar para reduzir o uso desses produtos (3,45). Apesar disso, a média de respostas favorável à afirmativa “Para a minha casa não compro produtos que prejudiquem o meio ambiente”, foi baixa, apenas 2,70. Isso mostra que, mesmo sabendo dos possíveis danos que um produto pode causar ao meio ambiente, os jovens o compram, já que na afirmativa “Não compro um produto quando sei dos possíveis danos que ele pode causar ao meio ambiente”, apesar da média ser 3,14, a maioria dos respondentes preferiu não se posicionar, não concordaram nem discordaram.

E ainda, observou-se que os jovens universitários não levam em conta se a empresa é ambientalmente responsável – “Não compro produtos fabricados ou vendidos por empresas que prejudicam ou desrespeitam o meio ambiente” (2,83) – apenas 15,5% concordam e 5,4% concordam totalmente com a afirmativa. Tamashiro et al. (2012), corrobora essa informação. Nos resultados de sua pesquisa, constatou que uma pequena parcela dos respondentes vinculou suas compras às ações de responsabilidade socioambiental das empresas, acrescentando ainda que, no geral, eles não levam esse aspecto em consideração.

Segundo Gomes, Gorni e Dreher (2011), os universitários não têm percepção clara a respeito do poder e da responsabilidade do consumidor na preservação ambiental. Isso é observado tanto em relação ao não boicote (deixar de comprar produtos) pelos jovens às empresas que não possuem ação de responsabilidade socioambiental, como, quanto à mobilização das pessoas para uma compra mais consciente.

Esse último aspecto corrobora os resultados encontrados neste estudo. Somente uma pequena parcela dos jovens universitários da UFV (21,6% concordam e 7,4% concordam totalmente) disse já ter mobilizado pessoas para o consumo ecologicamente correto – “Já convenci amigos e familiares a não comprar produtos que prejudicam o meio ambiente” (2,86).

Já Silva, Higuchi e Farias (2015), em uma análise do engajamento de jovens participantes de um programa de educação ambiental, identificaram neles o sentimento de responsabilidade em mudar os hábitos das pessoas. Os jovens participavam da disseminação de cuidado ambiental e da intervenção em comportamentos de descuido ambiental de seus familiares, amigos e colegas de trabalho, apresentando uma responsabilidade ambiental. Mas, apesar disso, com relação às suas ações, não atingiam uma concretização destas, o que, segundo os autores, não deve ser visto como algo negativo, mas como uma pequena mudança para os jovens alcançarem a cidadania ambiental.

Em relação à compra de produtos alimentícios, a escolha dos jovens universitários já se apresenta de forma diferente. Esses, além de demonstrarem maior preocupação com os aspectos ambientais durante a compra de alimentos, se mostraram favoráveis a pagar um pouco mais por estes, característica essa, não identificada para os outros produtos ecológicos conforme já discutido. No entanto, é importante considerar que essa preocupação pode estar mais ligada à manutenção da saúde, e não, necessariamente, ao meio ambiente.

Bedante (2004) também encontrou em sua pesquisa resultados semelhantes. O autor acredita que a valorização do consumo de alimentos sem a adição de fertilizantes ou outros produtos químicos, se deva ao impacto direto que estes representam na saúde dos respondentes. Outro dado encontrado foi que as médias dos escores desses indicadores foram maiores que aquelas relacionadas à compra de produtos reciclados, assim como neste estudo.

Outro fator que apoia o questionamento quanto à posição dos jovens em relação ao consumo tendo em vista a preservação ambiental, pode ser observado pela queda nas médias de cada um dos quatro indicadores desse grupo: “Compro produtos naturais porque são mais saudáveis” (3,68), “Prefiro alimentos sem fertilizantes químicos porque respeitam o meio ambiente” (3,64), “Estou disposto a pagar um pouco mais por produtos e alimentos que estejam livres de produtos químicos que prejudiquem o meio ambiente” (3,45), “Quando compro produtos e alimentos, a preocupação com o meio ambiente influencia a minha decisão de escolha” (3,22). Além disso, no último deles, em função da questão “exigir” do respondente uma posição mais concreta em relação a escolha de compra em detrimento do meio ambiente, conforme destacado na Tabela 12, 38,5% dos respondentes se mantiveram neutros, ou seja, não concordaram nem

discordaram que durante a compra de produtos e alimentos, a preocupação ambiental influencia em sua decisão de escolha.

Tabela 12: Variável Hábitos de consumo sustentável dos jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

QUANDO COMPRO PRODUTOS E ALIMENTOS, A PREOCUPAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE INFLUENCIA A MINHA DECISÃO DE ESCOLHA		
	N	%
Concordo Totalmente	13	8,8
Concordo	46	31,1
Não Concordo Nem Discordo	57	38,5
Discordo	24	16,2
Discordo Totalmente	8	5,4
Total	148	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Essa mesma posição de neutralidade dos jovens universitários foi identificada por Gomes, Gorni e Dreher (2011), e ainda, assim como no presente estudo, esses autores também observaram um número expressivo de entrevistados que preferiram se manter neutros em relação aos questionamentos sobre o comportamento de consumo, bem como ocorreu no presente estudo, conforme pode ser observado no Anexo C. Isso pode se justificar pelo fato de o número de jovens adeptos do consumo sustentável ainda ser pequeno, e como afirmou Borges (2012), os jovens não deixam de comprar produtos que agredem o meio ambiente bem como das empresas que os produzem, e também, a compra de produtos ecologicamente corretos ou de produtos de empresas ambientalmente responsáveis são pouco citadas pelos jovens.

Desse modo, Gomes, Gorni e Dreher (2011) reforçam uma das premissas do consumo sustentável: a necessidade de mudança na postura das pessoas. Segundo Kotler (2000), o comportamento de consumo desvinculado da preservação ambiental tende a submeter as gerações futuras a um ônus econômico e social intolerável, resultando no esgotamento de recursos e na poluição, decorrentes do uso indiscriminado de produtos que contribuem para a degradação ambiental.

3.3 Relação entre a consciência ambiental e o comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários

Para analisar a relação existente entre a consciência ambiental e o comportamento de consumo sustentável, foi realizada a Análise de correlação – r de Pearson. Esse teste mostra a magnitude e o grau de relacionamento, e a probabilidade desse ocorrer devido ao erro amostral, dado que a hipótese nula seja verdadeira (não existe relacionamento real entre as duas variáveis) (DANCEY; REIDY, 2008). Os resultados dessa correlação são apresentados na Tabela 13.

Tabela 13: Grau de Consciência Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável dos jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

		Grau de consciência ambiental	Índice de consumo sustentável
Grau de consciência ambiental	Correlação de Pearson (r)	1	0,312**
	Sig. (2 extremidades) (p)		0,001
	N	148	148
Comportamento de consumo sustentável	Correlação de Pearson (r)	0,312**	1
	Sig. (2 extremidades) (p)	0,001	
	N	148	148

**, A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se observa na Tabela 13 existe um relacionamento positivo, porém fraco, entre o grau de consciência ambiental e o comportamento de consumo sustentável ($r = +0,312$, $p < 0,001$), isto é, quando o grau de consciência ambiental dos jovens universitários da UFV aumenta, há também um aumento no índice de comportamento de consumo sustentável destes.

O coeficiente de correlação (r) de 0,31 mostrou que 9,7% ($r^2 = 0,312 \times 0,312$) da variância no comportamento de consumo sustentável pode ser explicada pela variância no grau de consciência ambiental. Já 90,3% dessa não é explicada, ou seja, existem outros fatores que explicam o comportamento de consumo sustentável dos jovens, como preço, disponibilidade de produtos ecológicos, acesso à coleta seletiva, entre outros. O nível de probabilidade associado ($p < 0,001$) mostrou que é improvável que o resultado tenha ocorrido por erro na amostra, considerando a hipótese nula como verdadeira.

Esses resultados são corroborados por Gomes, Gorni e Dreher (2011) e Tambosi et al. (2014) quando constataram que o comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários divergiam parcialmente do seu nível de consciência ambiental.

Avaliou-se também a relação entre o grau de consciência ambiental e de comportamento de consumo sustentável quanto à origem, moradia e renda⁵ dos jovens universitários, no entanto, não houve diferença significativa entre os mesmos. Apenas nas variáveis gênero e área acadêmica houve diferença significativa em relação ao grau de consciência ambiental. Os dados revelaram que as mulheres possuíam maior grau de consciência ambiental se comparado aos homens (4,05 e 3,86 respectivamente).

Para a área acadêmica, o centro Ciências Biológicas e da Saúde se destacou, com média de 4,26, seu intervalo de confiança não apresentou valores em comum com as demais áreas. Já o centro de Ciências Agrárias obteve menor média de consciência ambiental (3,79), mas, com relação ao comportamento de consumo sustentável obteve maior média (3,50), porém, esta ainda se encontra baixa em relação à primeira. Esses dados podem ser observados na Tabela 14 e no Anexo D e E.

Tabela 14: Correlação entre o Grau de Consciência Ambiental e o Comportamento de Consumo Sustentável em relação a Área Acadêmica dos entrevistados. Viçosa/MG – 2016.

Características		Média	Desvio Padrão	Intervalo de Confiança (95%)	Sig
Grau de Consciência Ambiental	Ciências Agrárias	3.79	0.489	3.57 - 4.01	0,001
	Ciências Biológicas e da Saúde	4.26	0.327	4.14 - 4.37	
	Ciências Exatas e Tecnológicas	3.86	0.474	3.72 - 4.01	
	Ciências Humanas Letras e Artes	3.99	0.415	3.88 - 4.11	
	Total	3.98	0.453	3,91 – 4,05	
Comportamento de Consumo Sustentável	Ciências Agrárias	3.50	0.674	3.20 - 3.80	0,814
	Ciências Biológicas e da Saúde	3.46	0.476	3.29 - 3.63	
	Ciências Exatas e Tecnológicas	3.38	0.496	3.22 - 3.53	
	Ciências Humanas Letras e Artes	3.40	0.562	3.25 - 3.56	
	Total	3.42	0.541	3,33 – 3,51	

Fonte: Dados da pesquisa.

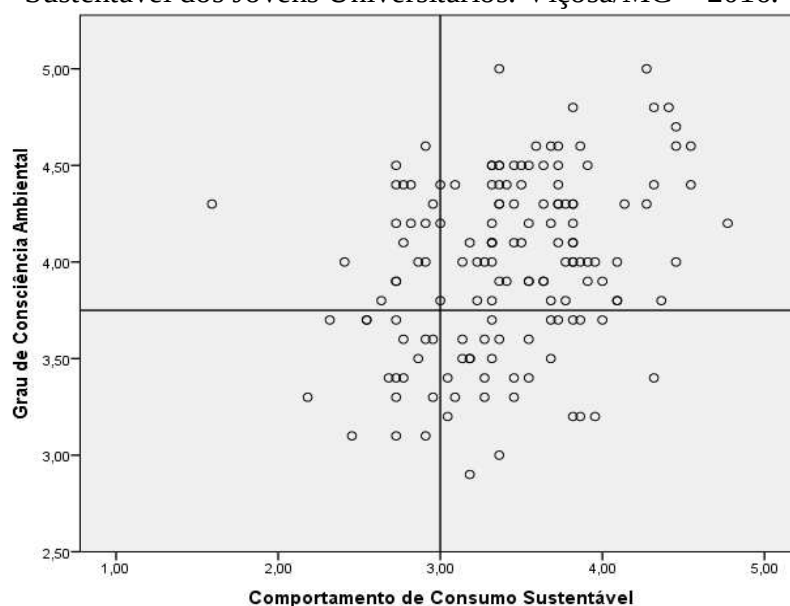
⁵ Para análise desses dados, foram realizados Teste-T para correlações com duas variáveis independentes (gênero e origem) e Análise de Variância (Anova) para correlações com três ou mais variáveis (renda, moradia e área acadêmica). As tabelas dessas análises encontram-se em anexo (ANEXOS D, E e F).

Portanto, em todos os centros de ensino nota-se que o grau de consciência ambiental não é acompanhado, na mesma proporção, por um comportamento de consumo sustentável. No diagrama de dispersão, Figura 1, é possível observar mais claramente a correlação positiva entre esses índices – à medida que o grau de consciência ambiental aumenta (eixo y), o comportamento de consumo sustentável (eixo x) também aumenta. Porém, essa correlação não é perfeita, pois há uma dispersão dos pontos significando que, conforme mencionado, não é somente a consciência ambiental que influencia o comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários da UFV.

Nesse diagrama, observa-se a presença de jovens com alto grau de consciência ambiental e baixo comportamento de consumo sustentável. O contrário também ocorreu, mas neste caso, é possível que os jovens não tenham sido sinceros quanto às suas respostas ou tenham respondido em função do que é aconselhável ou aceitável socialmente, ou seja, influenciados pelo macrosistema. Os valores ambientais podem influenciar o discurso, uma vez que são compartilhados pelo grupo social, mesmo que não se traduza em uma ação prática pelos jovens universitários.

Segundo Bronfenbrenner (1993 apud TUDGE, 2008), para que qualquer sistema de valores exerça influência sobre uma pessoa em desenvolvimento é necessário que este seja experienciado em um ou mais dos microsistemas nos quais ela esteja inserida, já que os macrosistemas, assim como os indivíduos em desenvolvimento dentro deles, estão sempre mudando.

Figura 1: Correlação entre a Consciência Ambiental e o Comportamento de Consumo Sustentável dos Jovens Universitários. Viçosa/MG – 2016.



As divergências observadas entre o grau de consciência ambiental e o comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários da UFV, podem ser originárias da defasagem de informação e conhecimento sobre as ações pró-ambientais, ou, conforme constataram Dubeux e Correa (2011 apud Silva et al., 2016, p. 3), o fato de os jovens terem informação sobre o comportamento sustentável, não os faz assumir uma postura favorável ao meio ambiente, pois detêm a informação, mas não a colocam em prática, isto é, não contribuem para a realização de projetos ambientais e relutam em abrir mão de algo pela natureza e pelo bem-estar social.

Em consonância com essa perspectiva, Layrargues (2002) e Portilho (2010) explicam que no sistema capitalista a redução do consumo representa sacrifício, privação e renúncia por parte da sociedade. O estilo de vida consumista é apreciado e desejado pela maioria da população, dificultando a percepção de outra forma de vida social. A mudança de hábitos de consumo envolve alteração em valores culturais enraizados.

O relato de uma jovem participante da segunda etapa da pesquisa, entrevista semiestruturada, corrobora os resultados apontados por Dubeux e Correa (2011) quanto ao hábito de consumo dos jovens.

Então, em questão de consciência a gente tem tido sim, a gente sabe muita coisa do quê que é certo, o que é errado sim, a gente só não coloca em prática, mas saber a gente sabe. (...) Na televisão, na internet, hoje é tão difusas as informações (E3, Direito).

Para haver uma mudança de hábito de consumo pelos jovens é preciso que haja uma educação ambiental capaz de mobilizá-los. A Educação Ambiental apresenta a possibilidade de ir além de uma simples conscientização, ela poderá questionar tanto a maneira como os homens estão reproduzindo suas vidas, como a relação que se estabelece com a natureza sob o sistema social capitalista. O papel da Educação Ambiental seria fornecer a “consciência ecológica” para a mudança de rota (BOMFIM; PICCOLO, 2011, p. 192).

Segundo Bomfim e Piccolo (2011), a Educação Ambiental não pode se fechar em si mesma, precisa questionar o modelo econômico e político escolhido. Os autores ainda citam Mészáros, quando este diz que:

A Educação Ambiental deveria ser mais crítica, sair do patamar da higienização e culpabilização simplista de todos os indivíduos, e passar a questionar o incentivo consumista da sociedade capitalista; apontar os principais responsáveis pela degradação ambiental; mostrar que o aumento no nível de consciência da crise ambiental proporcionalmente não a diminuiu; lembrar que, embora democratizada a responsabilidade, a experimentação das mazelas advindas da destruição da natureza não é tão igualitária, pois os pobres a sentem mais (MÉSZAROS, 2002 apud BOMFIM; PICCOLO, 2011, p. 192).

Enfim, para uma mudança de comportamento de consumo em busca da sustentabilidade ambiental, é preciso uma nova reflexão, tanto sobre a educação para esse fim, como da maneira como as pessoas, especialmente os jovens, percebem e se relacionam com o ambiente. Por isto no capítulo 4, a seguir, busca-se descrever os aspectos relacionados a esse comportamento dos jovens universitários, a partir de sua visão, analisando-se os fatores implicados na relação entre consciência ambiental e comportamento de consumo sustentável.

CAPÍTULO 4

Consciência Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável: a perspectiva dos jovens universitários

Nesta segunda etapa da pesquisa, com o objetivo de compreender melhor os fatores implicados na formação da consciência ambiental e do comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários, foram realizadas entrevistas em profundidade com vinte universitários de diferentes cursos, pertencentes aos quatro centros de ensino da UFV.

Os dados obtidos foram organizados através da criação de duas categorias de análise: Conhecimento e Consciência Ambiental, e Preservação Ambiental e Comportamento de Consumo, sendo estas divididas em cinco subcategorias. Com isso, foi possível obter uma melhor interpretação e análise do conteúdo das entrevistas, possibilitando responder aos objetivos específicos da pesquisa, conforme apresentados nas seções a seguir.

4.1 Entre o Conhecimento e a Consciência Ambiental

4.1.1 Percepções sobre a Consciência ambiental

Com o intuito de conhecer a percepção dos jovens quanto ao papel de cada indivíduo na preservação ambiental, estes foram indagados quanto à definição de consciência ambiental: Para você, o que quer dizer consciência ambiental? Os conceitos apontados encontram-se no Quadro 4:

Quadro 4: Conceitos de Consciência Ambiental segundo os jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

CONCEITO	ÁREA ACADÊMICA (N) ⁶			
	Agrárias	Biológicas	Exatas	Humanas
Ter noção do impacto das ações para o meio ambiente	1	4	1	1
Preservar o meio ambiente para as próximas gerações	2	1	1	1
Se responsabilizar, saber o que pode ser feito pelo meio ambiente, colocar em prática e conscientizar as pessoas ao seu redor	-	-	1	3
Uso de recursos sem prejudicar as gerações futuras	-	-	2	-
Conviver com a natureza respeitando seus limites (produção, uso e descarte)	1	-	-	-
Extração de recursos naturais, produção de maneira consciente e equilibrada com a natureza	1	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se pode observar, as respostas foram bem uniformes. Houve poucas variações na descrição do que seja a consciência ambiental, facilitando com que essas fossem agrupadas dando um panorama de como essa temática é compreendida pelos jovens universitários.

Observa-se que os conceitos mais citados pelos entrevistados, “Ter noção do impacto das ações para o meio ambiente” e “Preservar o meio ambiente para as próximas gerações”, foram mencionados pelas quatro áreas acadêmicas da UFV, com maior direcionamento das respostas (sete entrevistados) para o impacto das ações dos indivíduos sobre o meio ambiente. Esses conceitos apontam a preocupação dos jovens com a maneira como as pessoas se relacionam com as questões ambientais e como suas ações impactarão no futuro do planeta. No entanto, foi possível perceber que as ações pró-ambientais mais mencionadas pelos universitários são relacionadas às questões do cotidiano como a reciclagem, coleta seletiva do lixo, uso de transporte, água e energia elétrica.

[...] as nossas ações na verdade elas refletem no ambiente como um todo nas pequenas coisas como no uso excessivo de água, de

⁶ Para facilitar a visualização na tabela, optou-se por denominar as áreas de ensino como Agrárias (Centro de Ciências Agrárias), Biológicas (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde), Humanas (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) e Exatas (Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas).

energia, que é essas coisas que estão no nosso dia a dia, isso reflete pra gente não só no momento atual, mas para as próximas gerações também [...] (E2, Licenciatura em Ciências Biológicas).

Está relacionado à conscientização de estar mesmo preservando o meio ambiente, referente a coleta de lixo, desmatamento, a questão da poluição da água, dos rios... (E20, Geografia).

A água foi mencionada por treze jovens universitários. Uma vez que estamos passando por um período de escassez hídrica na cidade de Viçosa, e também, em nível nacional, observa-se a influência dos fatos que estão sendo vivenciados e o reflexo que estes podem ter na preocupação com o meio ambiente e no comportamento ecológico dos indivíduos. Carvalho (2010) afirma que são as vivências do dia a dia que educam e sensibilizam a sociedade, possibilitando a interação com o meio e a aprendizagem. É no dia a dia que as pessoas constroem sua personalidade e se nutrem de informações.

Enquanto não ta afetando diretamente, a gente fica muito acomodado. Igual eu falo da água, eu, hoje eu tenho muita preocupação com a água, igual lá em casa e em qualquer lugar que eu tiver... Mas é porque eu já passei vários, eu já passei dias sem água. [...] então depois que eu passei por isto, pode ter a água, pode ta caindo água que eu sempre economizo, mas é por isso, porque eu já senti na pele (E15, Cooperativismo).

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano também confirma esse fato. Segundo esta, o comportamento pode ser determinado pela maneira como o ambiente é percebido pelas pessoas, devido às múltiplas influências desse nas características comportamentais. A teoria alerta para a necessidade de se considerar o contexto de interação para a compreensão do processo de desenvolvimento dos indivíduos, levando-se em conta o ambiente natural, social e cultural – ambiente ecológico (BRONFENBRENNER, 2002).

De acordo com Silva et al. (2016), a consciência ambiental está alinhada às convicções do indivíduo em relação aos problemas ambientais, seu posicionamento por meio de ações e atitudes que manifestem comportamento pró-ambiental. Esse posicionamento ficou mais evidente nos cursos das ciências biológicas e da saúde e das

ciências humanas, letras e artes. Isso pode ter ocorrido pelo fato de serem cursos que lidam mais diretamente com os seres humanos e animais, vivenciando com maior frequência a repercussão das alterações ambientais sobre a vida e a sobrevivência desses no planeta.

Já um curso das ciências agrárias, Agronomia, cita a consciência ambiental como algo mais voltado para a produção, não focando no papel de cada indivíduo, do consumidor.

Acho que é tudo que está envolvido nos processos tanto de produção, extração de recursos naturais, produção da indústria, produção de alimentos ou qualquer outra produção de maneira consciente e equilibrada com a natureza (E5, Agronomia).

Em comparação, outro estudante do mesmo curso define a consciência ambiental tanto a relacionando aos aspectos da produção, como também enfatizando a importância das ações dos indivíduos para a preservação ambiental, fornecendo valiosas informações para uma boa relação homem-ambiente. É importante observar que sua origem é rural, ligada à agricultura familiar, o que também pode determinar o modo como vivencia os problemas ambientais.

Você conviver com a natureza, você vai utilizar os recursos mas você vai respeitar os limites que ela tem, assim como o humano também tem. Não pensar... Visar só o lucro. Respeitar os ciclos, respeitar os tempos das culturas, o que a terra dá de te dar, essa é uma consciência ambiental. Trabalhar também essa questão dos alimentos, saber aproveitar bem, colocar o lixo no lugar que é pra ser, o orgânico separado dos recicláveis, essa é a consciência ambiental. Vai causar algum impacto sim no ambiente, que só de tá vivo a gente já causa, mas com essa consciência de que é uma convivência, não é uma dominância. O homem não domina o ambiente e nem a natureza (E7, Agronomia).

Conforme exposto, as definições apresentadas pelos jovens universitários reforçam o posicionamento de que estas podem estar relacionadas às suas vivências mais imediatas dos problemas ambientais. Carvalho (2006) diz que nossos conceitos são como lentes em nossa visão da realidade. As pessoas ficam habituadas com o que veem com maior frequência, e essas visões são incorporadas aos seus conceitos. Mas estes não são a única tradução do mundo, sempre tem algo que é deixado de fora ou que pode ser recortado por outro ângulo, ou seja, os conceitos são passíveis de mudança à medida que o contexto se altera, conforme foi apontado por Bronfembrenner (2002/2011).

Carvalho (2006) acrescenta ainda que quando falamos de meio ambiente, essa noção frequentemente evoca as ideias de “natureza”, “vida biológica”, “vida selvagem”, “flora e fauna”, uma percepção da natureza como um fenômeno estritamente biológico, autônomo, estabelecendo uma oposição entre o mundo natural e o mundo humano. Mas essa visão sobre a natureza não é “natural”, podemos usar outras lentes em que a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente estabeleçam uma relação de mútua interação e co-pertença.

Para o estudante do curso de Medicina Veterinária, para se ter consciência ambiental é preciso compreender o meio onde se vive. A forma como o indivíduo compreende o meio determina como este irá se comportar, enfim, é ter conhecimento do que cada ação de um indivíduo vai gerar para o meio ambiente.

Pra mim é aquilo que a gente entende do meio que a gente vive, mais especificamente em relação à natureza, é aquilo que eu entendo que vai gerar, a forma que eu vou me comportar em relação a isso, entende? O que eu sei como que eu devo me comportar no ambiente que eu vivo em relação ao lixo que eu gero, em relação ao quanto as minhas atitudes são sustentáveis ou não, o quanto está agredindo o meio ambiente ou não (E6, Medicina Veterinária).

A fala deste estudante é corroborada pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano visto que esta considera como determinante do comportamento, além das características da pessoa, a maneira como o ambiente é percebido, devido às múltiplas influências do contexto nas características comportamentais, em um processo de interação mútua.

A interpretação que uma pessoa faz de uma mensagem pode ser diferente dependendo de quem a recebe, sua percepção. Desse modo, infere-se também que as definições de consciência ambiental apresentadas pelos demais entrevistados podem representar a forma com que estes se percebem no ambiente, uma vez que, segundo Brandalise et al. (2009), pessoas diferentes podem ver a mesma situação de modos distintos, e a interpretação do significado de um evento poderá determinar como esses indivíduos reagirão. Além disso, Tambosi et al. (2014) e Gomes, Gorni e Dreher (2011) acrescentam que a consciência é formada por valores, crenças e conhecimentos ecológicos aprendidos ao longo da vida, estando intimamente ligada ao nível de informação recebida, acrescida das recordações e da informação sobre produtos e marcas.

Da mesma forma que a reação se diferencia de pessoa para pessoa, os estímulos também colaboram com seu modo de agir e com o conhecimento ambiental. Alguns entrevistados apresentaram certa dificuldade em definir a consciência ambiental, principalmente aqueles cuja formação não é diretamente voltada para as questões socioambientais, podendo indicar uma defasagem no conhecimento desses jovens.

Difícil definir, quando eu penso nisso, quando eu sou ou não consciente (E4, Letras).

Eu não entendo muito porque eu nunca li, nunca fiz matéria a respeito, de consciência ambiental (E9, Engenharia de Alimentos).

Nossa! Consciência ambiental, sei lá, capacidade de... A consciência mesmo da pessoa com relação ao meio ambiente, não maltratar, tentar preservar... Não sei, muito abstrato... Acho que é isso (E12, Matemática).

Segundo Brandalise et al. (2009, p. 277), a conduta de proteção ao meio ambiente é determinada por estímulos positivos através da educação ambiental. A educação ambiental é o caminho para a compreensão e para saber lidar e manter os sistemas ambientais. Esta deve buscar valores que conduzam a uma convivência harmoniosa com o ambiente e as demais espécies. Portanto, para perceber os problemas ambientais e agir em favor de uma mudança de hábitos, é necessário ser consciente do

impacto das ações do homem sobre o meio ambiente, conforme citado pela maioria dos jovens universitários entrevistados. A partir do conhecimento e da percepção ambiental, as atitudes e o comportamento poderão ser modificados.

4.1.2 Percepções sobre o Consumo sustentável

Quanto à definição de consumo sustentável foi possível identificar oito conceitos citados pelos jovens universitários, conforme apresentados no Quadro 5:

Quadro 5: Conceitos de Consumo Sustentável segundo os jovens universitários. Viçosa/MG – 2016.

CONCEITO	ÁREA ACADÊMICA (N) ⁷			
	Agrárias	Biológicas	Exatas	Humanas
Consumir Somente o necessário	2	1	1	3
Uso dos recursos sem comprometer a capacidade de uso das gerações futuras	1	1	1	-
Consumo de produtos de forma a agredir menos o meio ambiente	-	2	1	-
Preocupar com reciclagem – reutilizar, reciclar e reaproveitar	1	-	-	1
Compra de produtos produzidos de maneira sustentável em relação ao social, o ambiental e o econômico	1	-	-	-
Produzir de forma sustentável	-	-	-	1
Utilizar recursos que sejam renováveis, reduzir consumo dos não renováveis	-	-	1	-
Consumir de forma moderada	-	1	-	-

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os conceitos apresentados no Quadro 5 foram as respostas dadas pelos jovens à pergunta: Para você, o que quer dizer consumo sustentável? O conceito mais presente na fala dos jovens universitários foi “Consumir somente o necessário”. Esse dado chama atenção, pois constata que o jovem consegue associar a sustentabilidade à redução do consumo.

⁷ Para facilitar a visualização na tabela, optou-se por denominar as áreas de ensino como Agrárias (Centro de Ciências Agrárias), Biológicas (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde), Humanas (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) e Exatas (Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas).

Apesar de possuir um significado diferente do conceito anterior, outro termo que contribui para a redução do consumo é “Consumir de forma moderada”, citado por um estudante de medicina. Tais conceitos estão em acordo com a definição apresentada por Gomes, Gorni e Dreher (2011), em que, entre outros, o consumo sustentável significa comprar aquilo que é realmente necessário levando-se em conta a garantia do atendimento das necessidades das gerações atuais e futuras, implicando assim, na redução do consumo.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) define “Consumo Sustentável” da seguinte forma:

Fornecimento de serviços e produtos que atendam às necessidades básicas, proporcionando uma melhor qualidade de vida enquanto minimizam o uso de recursos naturais e materiais tóxicos como também a produção de resíduos e a emissão de poluentes no ciclo de vida do serviço ou produto, tendo em vista não colocar em risco as necessidades das gerações futuras (PNUMA, 2012 apud BRASIL, 2013, p. 69).

A definição apresentada pelos jovens universitários ajuda a reforçar que a visão sobre o consumo está se alterando entre esses. Segundo Cardoso, Cairrão (2007 apud GOMES; GORNI; DREHER, 2011), os jovens vêm apresentando sinais de independência e de maturidade, comportamentos que revelam o desenvolvimento de uma consciência ecológica e ambiental, ligada à preservação da vida e das condições de coexistência da humanidade com a natureza, apesar de ainda se notar discrepâncias entre essa consciência e a prática.

Mas, observamos uma diversidade de respostas quanto a esse item. Três universitários (medicina veterinária, enfermagem e matemática) deram uma definição mais geral ao consumo sustentável: “Consumo de produtos de forma a agredir menos o meio ambiente”. Duas estudantes, do curso de cooperativismo e pedagogia, fizeram associação à reciclagem, à reutilização e ao reaproveitamento de materiais. No entanto, percebe-se que a estudante de cooperativismo, apesar de apresentar uma definição, não se sente segura quanto a essa, ou seja, não tem um conhecimento concreto do que seja consumir de forma sustentável, conforme a fala a seguir:

...eu vejo o consumo quando eu vou produzir ou consumir materiais. Igual eu, por exemplo, busco, faço muito artesanato com garrafa, aí isso pra mim, o reutilizar é um consumo sustentável, então eu não sei se é, mas pra mim é isso (E15, Cooperativismo).

Uma universitária do curso de agronegócio utilizou-se de um conceito mais voltado para a compra de produtos produzidos de forma sustentável. Outra do curso de letras apresentou como foco a produção de maneira sustentável; e um jovem do curso de engenharia mecânica relacionou consumo sustentável ao uso de recursos renováveis e não renováveis.

Essas variações nas respostas podem se justificar, bem como foi apontado na apresentação dos conceitos de consciência ambiental, pelas atividades que os jovens universitários exercem com maior frequência ou que possuem relação direta com seu dia a dia, e ainda, pelo tipo de informação recebida, promovendo assim, um discurso em que seu conteúdo expressa um contexto de maior familiaridade para os jovens (POLLI; KUHNNEN, 2011).

Outro fato que chamou atenção no discurso dos jovens universitários foi a insegurança ou dificuldade em definir consumo sustentável, conforme também já se observou em algumas falas dos entrevistados. Grande parte deles (onze) usou as expressões: “difícil, mas eu acho que...”, “eu acredito que seja...”, “eu acho que...”, “seria isso?”, “acho que eu não sei a definição, mas pela lógica pra mim seria...”, “acho que é isso”, “Acho que mais nesse sentido”, “Ah eu acho que...”, “Não sei... Não seria...”, “Acho que...”

Eu nunca ouvi falar em termos especificamente não, mas acho que é isso (E9, Engenharia de Alimentos).

Difícil, mas eu acho que é você consumir apenas o que for necessário para você nada além do necessário (E2, Licenciatura em Ciências biológicas).

A entrevistada quatro (E4), para definir consumo sustentável utilizou como exemplo o ambiente rural:

“Pensando assim em ambiente rural, eu acredito que é quando você consegue talvez produzir alguma coisa sustentável para você ali” (E4, Letras).

No entanto, ao ser indagada quanto ao conceito, tendo em vista as suas atividades de consumo, foi possível observar que a entrevistada possui como referência

para o consumo sustentável a área rural, apresentando dificuldade em relacioná-lo à sua forma de consumo.

Igual eu não moro na roça, eu não sei explicar direito, por exemplo, eu tento fazer algumas medidas para que eu consiga ser mais sustentável, digamos assim (E4, Letras).

Mesmo com essas divergências ou dificuldades em relação à definição de consumo sustentável, foi possível observar que os jovens universitários da UFV internalizam alguns dos conceitos. Esse dado é compatível com os resultados encontrados pela pesquisa do Ministério do Meio Ambiente, *O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável* (de 1992 a 2012). Essa pesquisa mostra que conceitos como “desenvolvimento sustentável”, “consumo sustentável” ou “biodiversidade” já fazem parte do repertório de muitos brasileiros, e que este tende a se ampliar à medida que as fontes de informação sobre o tema aumentam, traduzindo para o dia a dia a aplicação de tais conceitos (BRASIL, 2012).

Realmente a informação é um fator muito importante nesse entendimento e também desejada pelos jovens universitários entrevistados. Esses alegam deficiência dessa abordagem no âmbito universitário, e, conforme foi mostrado, esta se encontra explícita nos discursos dos jovens, através das dúvidas, incertezas e questionamentos.

A gente tá dentro de uma universidade, e aqui dentro a gente sente falta. Já foi falado isso até no curso, que a gente sente falta de conscientizar os próprios alunos, porque parece assim que, por a gente ser universitários a gente deve saber o que fazer. Tá, a gente sabe, mas a forma que a gente cresceu, a forma que a gente mora, cria hábitos (E15, Cooperativismo).

A fala da entrevistada quinze confirma a necessidade do sistema de ensino universitário ser mais atuante como fonte de informação e gerador de conhecimento sobre a temática “sustentabilidade” para os jovens. Esses, por já estarem cursando o seu último ano de graduação, prontos para atuar no mercado de trabalho, ou seja, em sociedade, deveriam sair da universidade com uma formação voltada para a cidadania ambiental.

Por isto, a seguir, serão apresentadas e discutidas as fontes de informação que contribuem para a conscientização dos jovens universitários, possibilitando assim, maior aprofundamento nesse tema e compreensão dos limites e aspirações para a educação ambiental no ensino superior.

4.1.3 Influência das fontes de informação no processo de decisão dos jovens universitários

Nesta seção, objetiva-se identificar as fontes de informação que os jovens universitários acessam durante o processo de decisão de compra e para as práticas sustentáveis, as quais contribuem ou contribuíram para a formação da sua consciência ambiental e para o seu comportamento de consumo sustentável.

Em relação às fontes de informação utilizadas pelos jovens universitários durante a escolha de produtos, esses foram solicitados a indicar, de forma livre, quais eram suas referências para a compra de alimentos, produtos eletrônicos e artigos de vestuário.

Entre as respostas fornecidas pelos entrevistados as principais fontes de informação pessoais que os jovens acessam durante a compra são a família (pai, mãe ou irmão) e os amigos. Além desses, na compra de alimentos um jovem utiliza-se de informações passadas pela nutricionista ou pelos professores da UFV. Já para compra de eletrônicos e artigos de vestuário, o(a) namorado(a) também foi citado.

Dentre as fontes de informações públicas e comerciais, conforme denominadas por Kotler e Armstrong (2013), a propaganda através da televisão apareceu como uma importante fonte de informação para a compra de alimentos. Já a internet auxilia os jovens universitários na obtenção de informações para a compra de eletrônicos. Para aquisição de artigos de vestuário, consultam as tendências da moda ditadas, na maioria das vezes, pela mídia ou pelos grupos de referência.

As informações veiculadas pela mídia exercem influência, tanto direta como indireta, no comportamento de consumo dos jovens. Como exemplo da influência indireta, tem-se o relato da entrevistada três (E3), que, mesmo dizendo não ter nenhuma referência para a compra de artigos de vestuário e produtos eletrônicos, pois não se deixa influenciar, em várias partes da entrevista citou a televisão como fonte para obtenção de informações sobre as questões ambientais, bem como sobre os produtos eletrônicos que pretende comprar.

Eu não peguei nenhuma referência, eu não me deixo influenciar nesse... Busco informação na televisão (E3, Direito).

Quanto às principais fontes de informação sobre os aspectos e práticas ligados à preservação ambiental, os jovens universitários foram solicitados a ordenar entre as opções fornecidas (não era necessário indicar todas) ou citar outras referências. Compunham esta lista as seguintes opções: família, amigos, UFV, Jornais e revistas, internet e ensino fundamental e médio. Quanto maior número de vezes que a fonte de informação foi citada, maior a sua importância.

De acordo com os resultados encontrados, o ensino fundamental e médio foi apontado como a principal fonte de informação para nove jovens universitários. Este ocupou essa posição ao lado da família, que também foi considerada como principal referência por oito jovens, ficando por isso em segundo lugar.

Seguindo essa sequência, a televisão foi indicada em terceiro lugar; jornais e revistas, em quarto; a UFV ficou em quinto lugar; em sexto, a internet; e em sétimo os amigos. Além dessas, três jovens indicaram outras fontes de informação: comunidades tradicionais e agricultores familiares (terceiro lugar), projeto de extensão (segundo lugar) e livros (sétimo lugar).

Apesar de a UFV e a internet terem sido citadas como principal fonte de informação (UFV por dois entrevistados e a internet por um), nas outras posições, essas ficaram distribuídas com baixa indicação. A UFV ocupou desde a primeira até a sétima posição, havendo maior número de citações no terceiro e sexto lugar, por três entrevistados, mas, pela classificação, essa ficou em quinto lugar.

Com a intenção de aprofundar o conhecimento da importância das instituições de ensino na formação da consciência ambiental dos jovens universitários, e, especificamente, da Universidade Federal de Viçosa, os entrevistados foram questionados quanto à sua percepção sobre a forma como é abordada a questão ambiental no ensino fundamental e médio e na UFV.

Nesse sentido, considerando-se que o ensino fundamental e médio ocupou a primeira posição, citado por grande parte dos entrevistados, e a UFV, apesar de ter ficado em quinto lugar, foi lembrada em todas as posições, isso pode indicar que a principal fonte de informação para que os jovens tenham conhecimento dos problemas ambientais e, conseqüentemente, reflitam sobre seu comportamento de consumo é a educação recebida nas instituições de ensino. No entanto, conforme já mostrado, as

outras fontes de informações também são muito relevantes para o aprendizado dos jovens universitários e fazem parte da sua vida cotidiana.

Como se observa, o ensino fundamental e médio ocupa um importante papel na formação da consciência ambiental dos jovens universitários, reforçando a reflexão aqui proposta, de que os constantes estímulos por meio da educação ambiental, podem contribuir para uma mudança de comportamento frente a questões ambientais.

Bronfenbrenner (2002) nos auxilia nessa compreensão ao enfatizar a importância dos estímulos para o comportamento humano, devendo ser considerados, pois o comportamento é passível de alteração em função da exposição e da interação do indivíduo com o ambiente. Portanto, é importante haver constantes estímulos para que as ações pró-ambientais sejam incorporadas às práticas dos jovens universitários, ocorrendo desde a infância e permanecendo durante todo o curso de vida.

Souza e Pereira (2011) reforçam que, para conseguir sensibilizar as pessoas a práticas pró-ambientais, o processo que envolve e permeia a educação ambiental, precisa ser contínuo e baseado na (re)construção dos valores humanos, envolvendo-se para isto, a escola, a família e a comunidade local.

A importância da instituição de ensino e da família como fonte de informação pode ser comprovada pelos resultados da pesquisa de Alves (2013). Nessa os universitários que disseram ter a escola ou a família como espaço para obter informações sobre a sustentabilidade, apresentaram um maior nível de consciência ambiental em relação àqueles que utilizavam a internet ou a televisão como referência.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacional (BRASIL, 1997), pelo fato de não ser a escola o único agente educativo, é importante que sejam considerados como fatores que influenciam o comportamento dos jovens, os padrões de comportamento da família, bem como as informações, valores e procedimentos aprendidos em casa, além das informações veiculadas pela mídia.

Essa consideração feita pelos Parâmetros Curriculares Nacional é corroborada pelos resultados desta pesquisa, uma vez que, ao observar as redes de informação utilizadas na decisão de compra e práticas sustentáveis pelos jovens universitários entrevistados, estas se encontram, principalmente, no seu microssistema - contexto familiar e instituição de ensino - nos quais os indivíduos passam uma quantidade de tempo significativa. Esses microssistemas, em inter-relação, constituem-se no mesossistema no qual o conhecimento é partilhado (TUDGE, 2008). A família está presente tanto na decisão de compra dos produtos mais consumidos pelos universitários

quanto como um dos importantes meios de influência nas ações pró-ambientais desses jovens. Pode-se perceber então que, apesar das outras redes exercerem um papel muito significativo na conscientização ambiental e no comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários, a rede de informação desses gira em torno do microssistema com atuação dos outros sistemas influenciando tanto nas decisões familiares quanto nas decisões dos jovens universitários, em uma relação de bidirecionalidade, conforme afirma Bronfenbrenner (2002).

Segundo Bronfenbrenner (2002), o desenvolvimento humano é fruto das interações bidirecionais entre o indivíduo biopsicologicamente ativo e o sistema ecológico humano (micro, meso, eso e macrossistema), e, nessa relação de bidirecionalidade, as informações adquiridas dos grupos envolvidos influenciarão nas ações dos jovens, sendo posteriormente repassadas.

A educação é considerada um dos desafios mais importantes da humanidade no século XXI (MARCOMIN; SILVA, 2009). A busca pela sustentabilidade implica na necessidade de se multiplicarem as práticas sociais baseadas no fortalecimento do direito ao acesso à informação e à educação ambiental. Para isto, é preciso incrementar os meios de informação e o acesso a eles, especialmente através dos conteúdos educacionais (JACOBI, 2003).

A educação ambiental deve capacitar ao pleno exercício da cidadania, através de uma formação abrangente, técnica e culturalmente capaz de permitir a superação dos obstáculos à sustentabilidade, inter-relacionando os aspectos sociais, ecológicos, econômicos, políticos, culturais, científicos, tecnológicos e éticos (DIAS, 2003; BRANDALISE et al., 2009).

Apesar da constatação dessa importância da educação para a formação da consciência ambiental dos jovens universitários, percebe-se que no ensino superior essa abordagem não é tão efetiva, não recebendo a devida atenção. Isso pode se justificar, entre outras coisas, pelo projeto político pedagógico desse nível de ensino em comparação ao ensino básico, com extenso conteúdo de disciplinas específicas para cada curso e a reduzida carga horária.

Segundo dezoito jovens universitários entrevistados, o enfoque dado a esse assunto é relativamente baixo nos cursos de graduação da UFV. Esses apontaram para a necessidade de uma formação ambiental mais proativa. Apesar da metade deles já terem cursado alguma disciplina que aborda a questão ambiental, declararam que essas eram muito restritas, visando atender às questões financeiras do mercado de trabalho ou à

legislação, conforme já mencionado na primeira etapa desta pesquisa, não objetivando a formação de uma consciência crítica nos estudantes, como se verifica nos relatos dos entrevistados cinco e sete:

[...] o jeito que eles abordam seria como evitar que agrave (deu exemplo da erosão), porque isso gera danos para os produtores. Então eles (os professores) acabam tratando de maneira... Não dão a devida importância a esses impactos (E5, Agronomia).

Não é tão trabalhado. É mais uma receitinha básica pra você chegar no final (mercado) e ser peão, movimentado por alguém. Você não tem consciência própria. Eles não pregam pra você ter crítica, você ser crítico, saber selecionar, saber discernir as coisas. [...] Não ensina a gente a trabalhar com o coletivo, não ensina a gente a trabalhar em prol do meio ambiente, com o meio ambiente. Ensina a gente a usar ele, que é uma ideia contraditória pra mim, e um dia acaba! (E7, Agronomia).

De acordo com os relatos dos entrevistados, pode-se dizer que há um consenso quanto à forma como é abordada a questão ambiental pelos professores, sendo que esta se mostra tecnicista, reproduzindo uma tendência do capitalismo em que a visão da expansão dos lucros se sobrepõe à preocupação com o impacto ao meio ambiente e a manutenção dos recursos naturais.

De acordo com Batista e Ramos (2011), essa realidade, em parte, é determinada pelos direcionamentos que assumem as políticas educacionais do ensino superior, cujos currículos são formulados de forma a alcançar uma homogeneização curricular para atender aos interesses econômicos. E isso não se restringe somente ao Brasil.

Para os autores, apesar de não ser papel da universidade dar retornos imediatos ou resolver os problemas sociais, é importante que a universidade tenha envolvimento com a problemática ambiental em sua política institucional e, para isto, cabe a ela formar um quadro crítico, ou seja, profissionais com competência técnica, científica e social, para o enfrentamento dos problemas socioambientais. “O propósito da educação ambiental não pode se fechar em si mesma, precisa estar direcionada às outras instâncias da sociedade, a questionar o modelo econômico e político escolhido” (BOMFIM; PICCOLO, 2011, p. 192).

Dentre os entrevistados, dois jovens universitários consideraram que o tema é bem explorado em seu curso, como é o caso dos estudantes de enfermagem e da engenharia florestal. Apesar destes não terem considerado a UFV como principal fonte de informação, essa pode se justificar, por exemplo, pela visão que a estudante de enfermagem tem dessa abordagem nos demais cursos, como apontado em sua fala:

No meu curso eu acho que é bem explorado, assim, porque a gente precisa também dessa educação ambiental. Mas em outros, eu acho que nem tanto, muitos não têm essa consciência e alguns programas não são divulgados (E14, Enfermagem).

Eu acho que o pessoal da engenharia florestal sai já com uma visão boa, pelo menos na nossa área de atuação, pra fazer as coisas da maneira menos impactante possível. Aliás, no setor florestal é bem forte nessa área pelo que eu vejo nos professores. Então eu creio que esteja bom, acho que se falar mais do que isso chega a ser desnecessário, do jeito que tá pra mim tá ok (E19, Engenharia Florestal).

No entanto, percebe-se que o fato de cursar uma disciplina, não significa que o jovem universitário se sinta informado sobre a temática. Dentre os que já cursaram uma disciplina, apenas dois deles citaram a UFV como principal fonte de informação, dois não a indicaram, e para seis entrevistados a instituição ocupou entre segunda e sexta posição. Para esses universitários, em primeiro lugar veio o ensino fundamental e médio, a família ou a internet.

Esses relatos corroboram os resultados da pesquisa de Brandalise et al. (2009), nessa, mesmo aqueles que possuíam uma disciplina relacionada às questões ambientais na grade curricular de seus cursos, não mencionaram a instituição de ensino como principal fonte de informação sobre as questões ambientais.

Uma justificativa pode ser devido à maioria desses jovens terem cursado somente uma disciplina, com exceção daqueles cujos cursos possuem ênfase nessa área. Além disso, conforme declararam cinco jovens universitários, grande parte das disciplinas oferecidas nessa temática são optativas, e por isto “*deveria ter mais disciplinas que abordem esse assunto*” (E20, Geografia), pois “*os conteúdos das disciplinas são pouco voltados para a preservação ambiental*” (E5, Agronomia).

Outro ponto importante, segundo relato de dezessete jovens universitários entrevistados (quatro do CCA, quatro do CCB, quatro do CCH e cinco do CCE), é a falta de incentivo ao comportamento pró-ambiental dos jovens universitários. Para esses, falta informação e divulgação de campanhas, programas e projetos, além dessa abordagem ser muito pontual, com movimentos isolados no campus ou com muita teoria e pouca prática. Uma jovem do curso de geografia, ainda, faz uma comparação com o ensino médio, alegando que neste, se percebiam os resultados:

Não, aqui mais é participação em minicurso mesmo. Mas pra mim não surtiu muito efeito como no ensino médio, porque lá, além da gente aprender, a gente colocava em prática na escola, mudando a estrutura da escola referente a isso, e aqui eu não vejo muito (E20, Geografia).

Mas, a entrevistada do curso de enfermagem (E14) discorda que a conscientização ambiental partindo do ensino médio seja melhor que a proporcionada pela UFV. Para ela, essa é uma opção do estudante. Conforme afirmou Carvalho (2010), a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos com a educação ambiental depende também da receptividade dos educandos. Mas, durante o discurso da entrevistada, percebe-se que ela, de uma forma geral, concorda que no ensino básico possui alguns aspectos que conseguem envolver mais as crianças e jovens:

Eu acho que o que acontece é que no ensino médio isso acaba sendo imposto pra gente e aqui é uma questão de opção. Em alguns cursos não, no meu curso eu tenho a disciplina obrigatória, mas pra maioria aqui não tem disciplina. Então, pra alguns é imposto, pra outros não. Então acho que por isso que no ensino médio, pelo menos eu, tive uma base bacana, ensino fundamental e médio (E14, Enfermagem).

Portanto, foi possível constatar que o ensino superior possui uma defasagem em relação à formação socioambiental de seus discentes. Mas, conforme relatam Batista e Ramos (2011), as instituições acabam tendo que optar por currículos que respondem de forma mais imediata aos interesses competitivos do mercado de trabalho, e, devido a

aspectos como tempo de duração dos cursos, número de disciplinas e o conteúdo de seus programas, muitas vezes, acabam recaindo em uma abordagem tecnicista. O estudante do curso de engenharia mecânica corrobora essa afirmação:

Sim, se tivesse ia ser muito bom, mas também, por conta da carga horária e a grade que ainda é muito fechada, acho que ainda não foi possível. Se fosse possível, acho que seria melhor (E8, Engenharia Mecânica).

Hartmann e Zimmermann (2008), afirmam que nem sempre há consenso sobre como os problemas socioambientais podem ser resolvidos, mas estes e a ideia da sustentabilidade impõem novas exigências educacionais que estimulem a participação de todos os cidadãos na tomada de decisões. No entanto, Carvalho (2010) afirma que muitas vezes não se encontra uma verdadeira educação ambiental, aquela sensibilizadora, que mobiliza e provoca a alteração de comportamento.

A inserção de políticas de conservação da natureza no ensino superior é um tema complexo, não sendo tarefa simples de se realizar. Segundo Silva e Pereira (2015), envolvem mudanças estruturais significativas, além de necessitar de mudança dos paradigmas, das posturas, na cultura e valores, enfim, deve haver alterações no fazer educacional. Além disso, será preciso romper com as estruturas tradicionais acadêmicas e administrativas da instituição, necessitando de esforços por parte de toda a comunidade acadêmica para que essa temática seja incluída nas diferentes atividades de ensino, pesquisa, extensão, e também, em sua gestão.

No entanto, essa se faz de extrema relevância, uma vez que o conhecimento das questões ambientais e o que deve ser feito em prol do meio ambiente, refletirá nas ações dos jovens universitários, e, portanto, impactará também em suas escolhas. Conforme afirmou Alves et al. (2011), o envolvimento do consumidor com essas questões irão contribuir para sua formação ambiental e para o processo de decisão de compra.

4.2 Entre a Preservação Ambiental e o Consumo

4.2.1 Critérios de escolha e suas implicações ambientais

Para investigar os critérios que os jovens universitários da UFV utilizam durante o processo de decisão de compra e verificar se as implicações ambientais fazem parte

dessa escolha, foram selecionados três tipos de produtos que estão presentes no cotidiano de compra dos jovens: alimentos, produtos eletrônicos e artigos de vestuários.

Os jovens foram questionados a respeito das características que observam e consideram importantes durante a escolha de compra. Suas respostas foram apresentadas sem que houvesse indicação de alternativas, com isso, ficaram livres para responder sobre os principais critérios que utilizam e que são decisivos no momento da seleção dos produtos. Os resultados podem ser observados no Quadro 6.

Quadro 6: Critérios usados pelos entrevistados na escolha de Alimentos, Produtos Eletrônicos e Artigos de Vestuário. Viçosa/MG – 2016.

N	ALIMENTOS	N	PRODUTOS ELETRÔNICOS	N	ARTIGOS DE VESTUÁRIO
16	Preço	10	Preço	14	Preço
11	Qualidade	9	Funcionalidade	10	Beleza
4	Marca	6	Marca	5	Qualidade
4	Tipo de Embalagem	5	Qualidade	4	Necessidade
4	Benefício para a Saúde	4	Necessidade	3	Composição
4	Origem/Produção	2	Eficiência	3	Conforto
	(1)Agroecológico	2	Vida útil/ Durabilidade	2	Vestir bem, agradecer
3	Sabor	2	Beleza	1	Marca
2	Composição	1	Reposição de peças		
	(1) Não ser Transgênico	1	Duração da bateria		
1	Aparência	1	Tipo de mão de obra		
1	Orgânico	1	Custo benefício		
1	Costume				
1	Praticidade				

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme se observou nas respostas dos participantes da primeira etapa da pesquisa, apresentadas no Capítulo 3, e de acordo com os critérios citados pelos entrevistados, indicados no quadro acima, o preço é determinante para a decisão de compra dos jovens universitários participantes desta pesquisa. Esse é utilizado na escolha de produtos eletrônicos, artigos de vestuário, e, principalmente, para a compra de alimentos. Dezesesseis jovens observam o preço para realizar a escolha dos alimentos, dez para produto eletrônico e quatorze para artigos de vestuário.

De acordo com Bedante (2004), Alves et al. (2011) Gomes, Gorni, Dreher (2011), Tamashiro et al. (2012), preço e qualidade são utilizados como principais critérios para nortear as aquisições dos consumidores, especialmente para os jovens. No entanto, dentre os participantes desta pesquisa, a qualidade parece não ter o mesmo

nível de importância, pouco mais da metade dos jovens entrevistados priorizam a qualidade dos alimentos, já em relação aos eletrônicos e artigos de vestuário, somente cinco a citaram.

Pelo fato dos produtos ecologicamente corretos serem mais caros, segundo Bedante (2004), a parcela da população sensível a preço, principalmente de baixa renda, não estaria disposta a pagar um valor mais elevado por um produto que possua apelo ambiental. Neste grupo parecem estar incluídos os jovens universitários da UFV, que, independentemente de sua renda familiar, utilizam o preço como critério de escolha e ainda apresentaram o mesmo tipo de discurso ao serem expostos a dois produtos, ecológico e convencional, “daria preferência para o ecológico desde que o preço fosse o mesmo”. Uma justificativa pode ser o fato dos universitários não possuírem renda própria, limitando assim seus gastos.

Questão financeira acho que pesa muito. Que, às vezes, essas coisas mais voltadas a menos consumo, proteção ambiental, esses costumam ser mais caros. Então, a gente vai muito influenciado pelo preço, e estudante, em geral, não tem uma alimentação muito boa (E3, Direito).

A compra de alimentos orgânicos, mesmo não tendo sido muito citada dentre os critérios de escolha, durante toda a entrevista foi relacionada pelos jovens universitários ao consumo de produtos ecologicamente corretos, assim como nos estudos de Bedante (2004). No entanto, verifica-se que essa associação e a disposição em adquirir esses alimentos, muitas vezes, não são derivadas da intenção de colaborar com a preservação ambiental, conforme discutido na primeira etapa desta pesquisa, mas sim, em função dos seus benefícios à saúde. Além de estar implícito na fala de alguns entrevistados, como no caso da entrevistada vinte (E20), o benefício à saúde foi citado como critério de escolha por quatro jovens universitários.

*Eu acho importante, por exemplo, quando eu vou comprar frutas e eles falam que aquela não tem agrotóxico. Eu compro aquela que não tem, por mais que sejam mais caras, geralmente são bem mais caras do que aquelas que tem agrotóxico. **Mas não só pela questão ambiental, mas também pela questão da***

minha saúde. Eu coloco ela como melhor para saúde, o não ter agrotóxico envolvido ali na composição delas (E20, Geografia).

Segundo Bedante (2004) alguns consumidores estariam dispostos a consumir produtos ecologicamente corretos desde que estes lhes trouxessem benefícios diretos, como é o caso dos alimentos orgânicos ou sem aditivos químicos, que, para os jovens universitários, representa realizar uma alimentação saudável.

A preocupação com a saúde vem desencadeando um aumento na procura por produtos ecológicos e orgânicos. Estes produtos são percebidos pelos consumidores como superiores com relação ao sabor, a qualidade, segurança, impacto na saúde e no meio ambiente (WIEDMANN et al., 2014 apud TAMBOSI et al., 2014).

Eu tento comprar coisas mais orgânicas, assim, dependendo do preço, porque eu sei que é caro. Mas eu não olho muito esse negócio de embalagem. Eu acho que isso é meio que um defeito, Tipo assim, qual a quantidade de embalagem que ta vindo, se a embalagem é mais sustentável ou não. Isso não é uma das coisas que eu considero, geralmente eu olho se é orgânico, se é saudável e o preço (E17, Engenharia Ambiental).

Como se observou na fala da Entrevistada dezessete (E17), apesar de tentar priorizar a compra de alimentos orgânicos, nem sempre o consumidor leva em consideração o impacto do consumo para o meio ambiente. Quando se fala em preservação e em educação ambiental, essa é, em grande parte das vezes, relacionada à geração de resíduos (lixo). Isso corrobora a afirmação de Marcomin e Silva (2009), quando dizem que os jovens possuem uma visão fragmentária da concepção de educação ambiental, que, entre outras, é remetida à reciclagem do lixo.

Verifica-se que, mesmo a entrevistada fazendo essa relação, ela não dá preferência para embalagens mais sustentáveis ou que possam contribuir para geração de menos resíduos, como escolher uma embalagem maior ao invés de menor. No geral, os jovens universitários entrevistados, ao realizar suas compras, disseram não levar em conta como as embalagens serão descartadas. Apenas quatro universitários disseram usar o tipo de embalagem como critério de escolha, e ainda assim, somente “às vezes” essa característica é observada, conforme relatou o Entrevistado oito (E8).

Primeiro o preço, depois eu vejo a qualidade do produto, como eu falei, com relação a gosto ao sabor, e também em relação ao volume que eu estou gastando por aquele preço, e depois eu olho a relação do benefício pra minha saúde e olho também, às vezes, com relação ao material que foi usado naquela embalagem daquele alimento (E8, Engenharia Mecânica).

Dentre os critérios utilizados pelos jovens universitários da UFRV em suas compras, a procedência dos produtos consumidos também se mostrou importante para alguns desses. A marca dos alimentos foi apontada como uma das características utilizadas para a decisão de compra, citada por quatro jovens universitários, já a origem do alimento, ou seja, como e por quem este foi produzido, faz parte do critério de escolha de quatro destes, sendo que uma universitária diz verificar se a fonte de produção é agroecológica.

Origem, saber onde produziu, como produziu, como foi embalado, não ser transgênico. [...] Se a pessoa tiver condição de produzir, melhor ainda, se não tiver, da preferência aos produtores locais, vai conhecer a horta, vai conhecer o lugar onde é produzido, certifica você, um selo não vai te dar um certificado melhor do que seu olho não (E7, Agronomia).

Na compra de produtos eletrônicos também a marca foi um dos critérios mais citados durante a escolha: seis jovens universitários disseram observar este critério ao comprar produtos eletrônicos. Para artigos de vestuário somente um entrevistado levava esse aspecto em consideração.

Apesar da procedência do produto ser considerada como um aspecto benéfico para o meio ambiente, uma vez que as empresas se sentem pressionadas a atender às exigências desse consumidor, segundo Bertolini, Rojo e Lezana (2012) o envolvimento ambiental dos consumidores durante o processo de escolha se limita, na maioria das vezes, ao produto e não ao processo de produção utilizado pelas empresas. Alves et al. (2011) compartilha desse pensamento. Para os autores, a origem dos produtos e mesmo a matéria-prima, utilizadas em sua produção não é a preocupação central dos consumidores, e esse pouco interesse é devido à falta de conhecimento sobre as

questões ambientais. O aumento do nível educacional e a melhoria dos indicadores socioeconômicos da população poderiam ajudar a reverter esse quadro.

A educação e a informação que essa fornece sobre os problemas ambientais e o que deve ser feito para tentar reverter o quadro de degradação ambiental, proporciona aos jovens mais conhecimentos para lidar com essa situação, questão reivindicada pelos próprios jovens universitários.

Porque, igual até eu mesmo, tem muita... Falando por mim, não tem conhecimento, igual de empresas, que você tinha comentado né, com selo de qualidade, essas coisas. Então, sei lá, se tivesse uma conscientização melhor, talvez a gente procuraria aderir né, mudar, poucas coisas, mas pra ajudar (E12, Matemática).

Mas um dos fatores que pode levar o jovem a desconsiderar as características das empresas e da produção ao adquirir seus produtos está relacionado ao descrédito nas ações de responsabilidade socioambiental dessas. Esse fato também foi percebido na primeira etapa desta pesquisa, com baixa média para essa questão (Não compro produtos fabricados ou vendidos por empresas que prejudicam ou desrespeitam o meio ambiente – média 2,83).

A fala do entrevistado do curso de Engenharia de Alimentos pode resumir esse sentimento de desconfiança dos jovens universitários:

Hoje o marketing, propaganda, tá tudo voltado para o consumo. Ninguém tá fazendo conscientização de nada. Igual eu falo, até mesmo na minha área, por exemplo, uma empresa que tem plantio de árvores, isso é muito pouco pelo mal que ela causa pro meio ambiente. Então eu acho assim, que é só meio pra falar assim: “oh, se você for decidir entre um e outro, compra o meu que eu pelo menos to plantando uma árvore ali”, entendeu? Mas se for ver, ou se for fazer o rateio de tudo que aconteceu pra produzir aquele produto, é muito mais que uma árvore (E9, Engenharia de Alimentos).

Já um aspecto muito observado pelos jovens universitários foi a funcionalidade dos produtos eletrônicos: nove estudantes utilizam esse critério para suas compras. Mas, um fato que chamou atenção foi em relação à qualidade desses produtos, como já mencionado anteriormente. Essa não é muito considerada durante a compra, apenas cinco entrevistados a citaram.

Por se tratar de um bem durável, para garantir uma boa vida útil do aparelho, a qualidade é uma das características que deve ser levada em consideração durante a escolha de compra, e por isto, pode ser um dos indicadores de que quem o está adquirindo é um consumidor consciente. Ao estar atento a qualidade, a vida útil, a possibilidade de reposição de peças, o consumo de energia elétrica, entre outros atributos que garantam um bom funcionamento do aparelho, o consumidor consegue fazer com que as empresas atentem à utilização de matéria prima de qualidade, como também, passam a se preocupar com o desenvolvimento de uma política de responsabilidade socioambiental.

Segundo Tamashiro et al. (2012), ao preferirem produtos favoráveis ao meio ambiente, os consumidores acabam pressionando as empresas a produzir com responsabilidade, sem degradar o meio ambiente, e com isso, contribuem para a redução dos impactos sobre esse.

Portanto, os jovens universitários precisam perceber que essas também são ações necessárias em prol do meio ambiente, e não somente a realização de atividades como a participação em coleta seletiva do lixo (muito citada pelos entrevistados, apesar de grande parte deles nem participarem) ou economia de água.

Segundo Pato (2005), comportamentos relacionados à limpeza urbana, economia de água e de energia elétrica são considerados mais simples de serem executados, por envolverem menor esforço para sua realização, e por isso são mais citados. Já os comportamentos de ativismo-consumo e reciclagem, envolvem um esforço maior, necessitando também de um maior nível de informação e consciência, além de depender de outras pessoas, de estruturas e organizações para que possam se manifestar. Sendo considerados mais complexos, de maior dificuldade e mais raros de se observar.

Já com relação ao consumo de energia elétrica, essa somente é considerada pelos entrevistados, durante o processo de escolha de aparelhos eletrônicos, em função da redução da despesa gerada. Apenas uma jovem universitária disse observar esse consumo em função da preservação ambiental. Já outra entrevistada parece não

compreender a relação entre a economia de energia elétrica e sua contribuição para manutenção do meio ambiente, como poder ser observado ao falar da UFV.

Além de formação, não tem muito cuidado assim neh, incentivo. É, tem assim, plaquinha de apagar a luz, mas isso também, não tem muito a ver com consciência ambiental (E10, Pedagogia).

Essa falta de percepção de que algumas atividades e/ou comportamentos podem afetar o meio ambiente, como não verificar como o produto é produzido pela empresa, é percebida também nas escolhas dos produtos a serem comprados, conforme fala do entrevistado oito (E8).

Com relação ao meio ambiente, eu nunca olhei, não sei nem se tem influência desses eletrônicos. Algumas empresas são mais preocupadas do que as outras, com a consciência ambiental, assim, eu nunca cheguei a checar não (E8, Engenharia Mecânica).

De acordo com Cinedeze (2013), as informações relacionadas ao desempenho empresarial e os recursos utilizados para determinada produção, vêm se tornando relevantes para os consumidores que apresentam, ainda que de maneira principiante, preocupação com os impactos ambientais que a atividade industrial possa vir a acarretar e as implicações desses na vida das pessoas.

No entanto, algumas dessas características não são observadas pelos jovens universitário da UFV. A maioria dos entrevistados não tem o hábito de olhar os rótulos dos produtos e verificar se estes possuem selo de certificação ambiental, e também, não buscam informação sobre como os produtos são fabricados pelas empresas.

Se for pra observar rótulo, é mais tabela nutricional ou alguma outra informação assim, mas pra ver se é um produto que é pensado agroecologicamente ou que foi desenvolvido pensando alguma coisa na questão ambiental, sinceramente não (E16, Economia Doméstica).

Apesar disso, alguns entrevistados se mostraram mais conscientes da necessidade de uma mudança de hábitos de consumo da atualidade. Mesmo os jovens

sendo apontados como os principais consumidores de produtos eletrônicos (celular, smartphone, computador, tablet), e, muitas vezes, serem considerados consumistas, observa-se que alguns não se deixam levar pelos constantes lançamentos de produtos no mercado, compram por necessidade – o aparelho estragou.

Eu não sou muito “fissurada” com essas coisas de tecnologias não, comprei até um celular agora porque o meu tava muito ruim, muito capenga, mas eu não sou muito influenciada pelo último modelo, se tiver atendendo bem as minhas necessidades, tá ótimo (E3, Direito).

Meu computador já tem mais de cinco anos. Eu creio que a gente é muito movimentado, o consumismo aí existe. A gente é muito movimentado a comprar um celular novo todo dia, mas não precisa. [...] Então, e até essa ideia do lixo eletrônico. Os lixos que a gente vai produzindo, a gente não tem consciência, porque não fica dentro da casa da gente, a gente manda pra outro lugar, e vai pra lá e se vira, não pensa no outro (E7, Agronomia).

Compro assim, se for o último caso, necessidade mesmo. Eu não tenho costume, assim, tenho um celular agora, mês que vem compro outro porque saiu a nova versão, não sou desse tipo (E16, Economia Doméstica).

Conforme apontaram os resultados desta pesquisa, os jovens universitários da UFV possuem um alto grau de consciência ambiental, e essa consciência, segundo Leff (2007), é capaz de mudar valores sociais, fato que já começa a ser percebido em alguns dos entrevistados.

Entretanto Monteiro et al. (2012) acredita que mesmo quando há um aparente envolvimento com as causas ambientais, não se pode afirmar que o consumidor demonstra consciência ambiental em suas práticas de consumo, ou seja, que este avalie de maneira criteriosa os produtos que compra e que tem consciência dos impactos causados no meio ambiente em razão de sua atitude de consumo.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2014), o consumidor consciente leva em conta, ao escolher os produtos que compra, o meio ambiente, a saúde humana e animal, as relações justas de trabalho, além de questões como preço e marca, além de buscar o equilíbrio entre a sua satisfação pessoal e a sustentabilidade, através da minimização do impacto de suas escolhas de consumo, tanto para si, como para as relações sociais, econômicas e a natureza.

Com relação a compra de artigos de vestuário, a preocupação ecológica ficou um pouco mais evidente na fala de dois entrevistados (E1 e E8), no entanto, no geral, verifica-se que essa questão não é considerada pelos jovens universitários.

Composição dele, produto de origem animal eu não gosto, só sintético, couro sintético eu acho maravilhoso, mas de origem animal não (E1, Medicina).

Preço, qualidade do material, e, com relação a isso, já começo a olhar mais com relação ao produto que ta sendo usado, por exemplo, eu uso sandálias que são de materiais reciclados, que é a marca “Goqui”. Eu prefiro eles, mas não é o principal que eu olho também, mas comparado ao alimento eu já olho mais. Também a fama da empresa com relação a melhoria ao meio ambiente (E8, Engenharia Mecânica).

Ah, eu olho principalmente o tipo de tecido, basicamente a composição né, mas talvez mais por conforto do que por pensamento ambiental, e preço também (E5, Agronomia).

A beleza foi um dos critérios mais utilizados, sendo citada por 10 universitários. Isso está de acordo com a citação de Solomon (2008), quando diz que os consumidores tendem a fazer mais pesquisas externas, neste caso, considerar o que está na moda e consultar a opinião das pessoas, ao adquirir itens como roupas, tudo isso em função de consequências sociais desagradáveis, caso a escolha seja errada.

Como se observou, a preocupação com a preservação ambiental não é diretamente considerada pelos jovens universitários da UFV em sua decisão de compra, constatando que esses não utilizam as implicações ambientais como critérios de escolha. No entanto, verificou-se por grande parte dos entrevistados, o desejo de estar adquirindo

esses produtos. Segundo Bertolini, Rojo e Lezana (2012), o envolvimento dos consumidores é capaz de influir nesses fatores, assim como o grau de conhecimento pode afetar os critérios de avaliação.

4.2.2 Comportamento ecológico dos jovens universitários: entre o certo e o errado

Conforme já definido, o comportamento ecológico significa o mesmo que pró-ambiental, ou seja, um agir em favor do meio ambiente, tendo como consequência, a utilização dos recursos de maneira sustentável. Mas será que os jovens universitários agem em favor do meio ambiente? O que dificulta esse comportamento?

Os principais aspectos levantados pelos jovens universitários, participantes deste estudo, refletem-se nas dificuldades e incentivos à conscientização ambiental e à mudança de hábitos de consumo nos dias atuais. Destaca-se que as dificuldades são muitas: falta informação, com explanação do que possa ser feito para que haja uma mudança na forma de consumo; defasagem de uma educação ambiental no ensino superior; em contrapartida, o incentivo que a mídia faz ao consumismo, citado por oito entrevistados, e que, segundo relato de um desses jovens, *“é muito difícil você lutar com uma mídia que te volta o tempo todo para o consumo, e isso parece que é necessário pra você”* (E2, Licenciatura em Ciências Biológicas).

Esses fatos são corroborados por Gomes, Gorni e Dreher (2011). Para os autores, os jovens ainda encontram barreiras para a implementação de um consumo mais consciente, como a influência da mídia para aquisição, cada vez maior, de novos produtos tecnológicos, e mesmo, pela falta de incentivos por parte dos gestores públicos, através de projetos e programas voltados para a conscientização da preservação ambiental e de mecanismos para contenção dos danos à natureza.

Além dos aspectos já citados, encontram-se: a durabilidade dos produtos, preço dos produtos ecologicamente corretos, falta de ações de responsabilidade socioambiental pelas empresas, falta de lixeiras para coleta seletiva, falta de projetos, campanhas e a divulgação desses e falta de motivação para as ações dos jovens.

Durante as entrevistas, foi possível perceber que a motivação e, ao mesmo tempo, a crença de que suas ações terão resultados, encontram-se entre os principais fatores que dificultam esse comportamento. Os jovens demonstraram não dar

credibilidade às empresas que dizem ter projetos de responsabilidade socioambiental, por não acreditarem e não ter informação de que essas ações são mesmo efetivas.

Essa desmotivação foi percebida também, com relação à separação do lixo para a coleta seletiva. Mesmo estando cientes de que seu comportamento de não separação, não era adequado, justificaram-se em função da falta de incentivo, por não observarem um resultado dessa ação, sentindo-se desestimulados, como se observa na fala da entrevistada três:

A gente não tem muito incentivo aqui (na cidade de Viçosa). Tá errado, eu sei disso, mas também, mesmo assim, mesmo que eu separe, a gente tem a ideia assim: “eu separo, eu coloco lá em baixo, vai juntar, porque eu vou ter esse trabalho?” Entendeu? Inútil. E às vezes eu penso em fazer isso e o outro? Não que eu ache isso correto, mas também não tem o modelo de recolhimento adequado, talvez se tivesse tudo separado eu ia com certeza me forçar a isso. Mas aí desmotiva também né, você não vai ter resultado prático você vai fazer? (E3, Direito).

No entanto, a falta de um programa de coleta seletiva no bairro de residência desses jovens, é também uma justificativa da maioria dos entrevistados para a não realização da separação do lixo. A jovem universitária do curso de Economia Doméstica acrescenta que esse é um trabalho em vão:

Apesar de eu saber o que eu deveria fazer, tem algumas coisas que aqui pelo menos na cidade são muito limitadas, como por exemplo, em relação a coleta seletiva. Lá no meu prédio a gente separa o lixo, mas ele não é destinado pra nenhum local específico pra ser reciclado, então acaba que é em vão o que a gente faz. Pode ser que lá no lixão não seja, mas não sei, eu acredito que seja em vão. Então eu acredito que é meio desestimulante até pra você dar continuidade naquilo (E16, Economia Doméstica).

Mesmo aqueles jovens que realizam ou já realizaram a separação do lixo, como relatou a entrevistada quatro (E4), reclamam que este, ao ser coletado pelos profissionais da limpeza pública, são misturados aos demais.

Uma vez lá em casa a gente estava fazendo isso, de separar o lixo, o vidro pelo menos, aí na hora de “botar” na lixeira aí a gente “botava” separado, só que aí eles pegavam tudo e jogavam no mesmo lugar, aí a gente ficava assim... (E4, Letras).

Portanto, percebe que em alguns casos os problemas estão além da presença de uma consciência ambiental pelos jovens universitários, o que pode justificar o alto grau de consciência ambiental e um baixo comportamento de consumo sustentável, uma vez que a disposição final de produtos e/ou embalagens também faz parte do processo de consumo (ALVES, et al., 2011).

Segundo Carvalho (2010), o papel de formação da consciência ambiental, tendo como resultado o comprometimento com a sustentabilidade do planeta, não é responsabilidade somente das instituições de ensino. Se no cotidiano dos jovens forem presenciadas situações de desrespeito, isso irá repercutir em seu comportamento, uma vez que não é possível esperar que a informação por si só, modifique o comportamento.

Reforçando essa ideia, Bronfenbrenner (2002), ao considerar que o comportamento é fruto da exposição e da interação com o ambiente, deixa claro que quando a pessoa em desenvolvimento é estimulada em suas ações, ou seja, percebe um retorno positivo, ela adquire uma concepção mais ampliada, mais diferenciada pela qual percebe o ambiente, se sentindo motivada e mais capaz de se envolver nessas atividades. Mas caso esses estímulos sejam negativos, o indivíduo tende a não prosseguir com a ação, e com o tempo de exposição a esse contexto, ela pode alterar seu comportamento.

No entanto, é preciso que o jovem também tenha interesse e se disponha a colaborar com as atividades propostas. Dentre os jovens universitários entrevistados, observou-se que três deles não se dispuseram a procurar informação sobre a existência de coleta seletiva em seu bairro ou alegaram não realizar essa atividade por falta de tempo ou era mãe quem descartava o lixo. E ainda, três jovens que residem em Viçosa somente para cursar a universidade, declaram não fazer separação do lixo, mas em sua cidade de origem, na casa dos pais, tinham o hábito de realizar essa atividade, conforme pode ser observado nas falas a seguir:

*Em casa eu descarto no lixo mesmo, mas quando eu estou...
Se eu sei que tem um lugar com coleta seletiva, eu até guardo*

pra jogar nesse lugar, aqui em Viçosa não, porque no meu prédio não tem coleta seletiva, mas lá em Ribeirão, onde eu moro, tem. Então, lá em casa sempre separa (E16, Economia Doméstica).

Onde você mora (bairro de Viçosa) não tem coleta seletiva?

Não que eu saiba. Se tiver coleta... Igual lá em Muriaé, onde eu moro, a gente faz coleta seletiva porque existe. Tem um dia da semana que o lixo recolhe pra reciclagem lá. Ai a gente divide em orgânicos e não orgânicos. Mas aqui em Viçosa, que eu saiba... Nunca fiquei sabendo, então... (E11, Agronegócio).

Seria importante desenvolver com esses jovens, atividades que os envolvam aos aspectos socioambientais da cidade, para que estes se sintam mais pertencente a esta, tendo a consciência de que suas ações pró-ambientais são necessárias em qualquer local que estejam. Mas a falta de incentivo, também, pode ser uma das responsáveis por essa mudança de hábito, conforme menciona o estudante de Medicina:

A mudança de hábito ocorreu também pelo fato de em Viçosa não ter muito incentivo e oportunidades de realizar atividades voltadas para a educação (E1, Medicina).

Já quando indagados quanto à contribuição da UFV para o incentivo ao comportamento ecológico dos jovens universitários, esses também focaram no lixo. Alguns jovens disseram sentirem falta de lixeiras simples ou para coleta seletiva dentro do campus, e ainda, de um programa de reciclagem do lixo gerado nos diversos setores da universidade, como mostram as falas a seguir:

Acho que deveria sim ter lixeira de coleta seletiva, não só em Viçosa como até na UFV. Na reta (avenida principal da universidade), você tá comendo um chocolate, você come um chocolate rápido, cinco minutos no máximo você tá com um lixo na mão. Normalmente você não encontra lixeira aqui na UFV (E9, Engenharia de Alimentos).

Eu acho, por exemplo, com relação a lixeiras, não vejo muitas lixeiras, acho que precisava ter mais lixeiras espalhadas pelo

campus, eu acho que falta, mais eu acho que é muito pouco levado em conta (E18, Ciências da Computação).

O estudante das Ciências da Computação levantou também, sua preocupação com relação aos resíduos eletrônicos gerados no departamento do seu curso.

No meu departamento, lá é complicado a lixeira, eles não olham para essa parte. [...] A gente manipula lá, mas com relação a descarte fica a cargo do departamento, eu não sei quê que eles fazem, provavelmente eles devem participar de alguma coisa sobre o descarte, mas eles não informam a gente não (E18, Ciências da Computação).

Mas, segundo dois entrevistados, a UFV possui um ambiente que propicia o desenvolvimento de uma consciência ambiental devido aos universitários quererem o seu bem e pela sua beleza. No entanto, conforme constatado nesta pesquisa, isso se restringe à preservação do campus, visto que não propicia o desenvolvimento de um comportamento ambientalmente correto nas atividades cotidianas de seus discentes. Essa constatação pode ser observada na fala das estudantes dos cursos de Direito e Agronegócio.

A UFV já é um lugar muito bonito, muito arbóreo, muita lagoa isso tudo traz uma consciência ambiental pelo simples olhar do local, você quer preservar tudo o que é bonito. Então, isso já é pra mim um atrativo a preservar a consciência ambiental, a estética dela mesmo. Porque assim, é algo que a gente gosta, acha bonito, a gente tem que cuidar, não tem o direito de degradar. É muito arbóreo e te convida a essa consciência ambiental, eu sinto isso (E3, Direito).

Existe um bom senso em relação à universidade. Todo mundo preserva muito a universidade. Mas eu vejo muito mais em questão da universidade em si, o bem que todo mundo tem com a universidade, do que em relação ao meio ambiente. Pessoal faz questão de preservar, não jogar lixo, preservar os... Mas é muito mais em relação ao patrimônio do que em relação ao

meio ambiente (E11, Agronegócio).

Pinheiro (1997) diz que o ambiente físico precisa ser estudado junto com sua dimensão social, pois estes são condições determinantes das inter-relações pessoa-ambiente, exercendo influência sobre o comportamento dos indivíduos, determinando seu modo de agir sobre o ambiente. Os aspectos funcionais dos ambientes devem ser considerados ao lado de seus atributos simbólicos, pois cada indivíduo age e reage de maneiras diferentes em relação a cada um deles e às pessoas que os compõe.

Bronfenbrenner utiliza as palavras “ecologia” ou “ecológico” para ressaltar a interdependência que há entre o indivíduo e o contexto (TUDGE, 2008). Ele considera que o que fazemos, nosso comportamento, encontra-se nas interações entre as características pessoais e os ambientes, passados e presentes. Para ele, se queremos mudar os comportamentos, precisamos mudar os ambientes. Mas para isto, é preciso considerar, também, os aspectos sociais e culturais (BRONFENBRENNER, 2002).

As atividades de educação ambiental devem, portanto, ter como foco esses aspectos, pois assim, seus resultados serão mais amplos e duradouros, conseguindo mobilizar um número maior de pessoas. Esse fato também foi percebido durante a conversa com o entrevistado nove (E9), quando o mesmo disse que em sua viagem de intercâmbio à França, notou como algumas cidades daquele país eram limpas e, por isto, passou a ter o hábito de não jogar lixo no chão. Esse relato deixa claro que o contexto em que o indivíduo se encontra, quando preservado, cuidado, é capaz de promover mudanças de hábitos com relação ao comportamento pró-ambiental.

Corral-Verdugo (2011) reforça essa tese ao apontar resultados de pesquisa em que a estrutura física de um local pode inibir ou facilitar alguns comportamentos de proteção do meio ambiente. Esse cita estratégias que a ciência do comportamento desenvolveu para prover condutas pró-ambientais, como: a estimulação indutora baseada em sinais, avisos, cartazes e informações; a criação de normas e regras sobre o uso de recursos; a aplicação de reforçadores extrínsecos e a educação ambiental que orienta o desenvolvimento de atitudes positivas para o meio ambiente; e a estimulação de condutas para o cuidado do meio ambiente físico e social.

Essas estratégias apresentadas por Corral-Verdugo (2011) são corroboradas pelos relatos dos jovens entrevistados. Muitos desses citaram como ações de incentivo ao comportamento pró-ambiental pela UFV, cartazes que são afixados nos restaurantes universitários, os quais orientam os estudantes a reduzir o desperdício de alimentos ou

quanto ao consumo de água. E ainda, os jovens relataram que são observados resultados dessa ação, há redução do desperdício nos períodos subsequentes à afixação dos cartazes.

Às vezes eles colocam alguma coisa no restaurante, de conscientização, de não jogar comida fora. [...] Quando começa aí o número ta bem grande de desperdício, aí com o tempo, começa a melhorar. Eu acho que é legal isso (E4, Letras).

Outra medida efetiva da UFV, segundo os entrevistados, é a implantação de postos de coleta de pilhas, baterias e celulares em alguns pontos da instituição. Percebeu-se que oito universitários citaram como conduta que realizam em prol do meio ambiente, o descarte de pilhas, e alguns, o descarte também de baterias e aparelhos celulares nesses locais.

Eu costumo juntar um monte lá em casa e depois, eu vejo que aqui na UFV tem ponto de coleta, então eu jogo aqui (E6, Medicina Veterinária).

E ainda, três jovens (Medicina, Agronomia e Engenharia Florestal) citaram que ao comprar produtos eletrônicos tem como preocupação, verificar se estes necessitam de pilhas, o que influencia em sua decisão de compra.

[...] por exemplo, barbeador a pilha ou barbeador elétrico. Prefiro o elétrico, porque, o quê que eu vou fazer com as pilhas, não pode jogar no lixo normal? Aqui na UFV ainda tem um lixo que recolhe baterias, que fica em frente a biblioteca (E1, Medicina).

Conforme se observa, em pequenas ações, já foi possível perceber que a UFV consegue influenciar na decisão de compra de três jovens, além de também influenciar no descarte correto de alguns resíduos eletrônicos. Desse modo, verifica-se que a instituição também pode desempenhar um importante papel no processo de tomada de decisão de compra dos jovens universitários, e, conseqüentemente, contribuir para um comportamento de consumo sustentável, promovendo assim, a consciência ambiental de seus discentes.

Portanto, considera-se que a junção das abordagens quantitativa e qualitativa foi muito relevante para uma melhor compreensão dos fatores envolvidos no comportamento de consumo sustentável dos jovens universitários da UFV, deixando claro a importância do papel desempenhado pela instituição na conscientização ambiental e nas ações pró-ambientais de seus discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir as discussões da presente pesquisa, cujo objetivo foi investigar se a conscientização ambiental está associada a um comportamento de consumo sustentável por jovens universitários, e em que medida a compreensão dos problemas ambientais impacta na decisão de compra desses jovens, cabe retornar às questões iniciais propostas nesta pesquisa: Qual a relação que os jovens estabelecem entre a preservação ambiental e o consumo? Os critérios utilizados na escolha de produtos levam em consideração suas implicações para o meio ambiente? A inserção desses jovens na academia gera mudanças na sua concepção ambiental? Quais as dificuldades encontradas por esses estudantes para o exercício de uma prática de consumo mais consciente?

O consumo sustentável, a grosso modo, representa a relação entre consumo e preservação ambiental. Dentre os jovens universitários da UFV, participantes da pesquisa, percebeu-se que essa relação não é tão harmoniosa, visto que, muitas vezes, não sabem o seu papel como consumidor, no enfrentamento dos problemas ambientais e o impacto de suas escolhas e ações sobre o meio ambiente. Mesmo assim, foi identificado um alto grau de consciência ambiental entre esses jovens. No entanto, aliando as abordagens quantitativa e qualitativa, verificou-se que, apesar da mensuração da consciência ambiental ser restrita à análise de algumas variáveis, essa, em conjunto com a entrevista em profundidade, possibilitou concluir que os universitários, estão conscientes de que a relação humano-ambiental, incluindo a sua, não é desenvolvida de forma correta e que esta necessita de mudanças.

Desse modo, assim como foi apontado pela literatura, a existência de uma consciência ambiental não implica, na mesma proporção, em um comportamento de

consumo sustentável, mas, por possuir um relacionamento positivo, ou seja, aumentando-se a consciência ambiental, o comportamento de consumo sustentável dos universitários, participantes deste estudo, também aumentará, embora existam outros fatores influenciando esse comportamento.

Um deles se relaciona ao preço dos produtos. Percebeu-se que a questão econômica está muito ligada ao consumo dos jovens universitários, uma vez que relataram não comprar produtos ecológicos, devido às suas condições financeiras, mas, notou-se que esta acaba sendo utilizada como justificativa em meio à falta de conhecimento sobre o que pode ser feito em prol do meio ambiente através das relações de consumo. Ao analisar mais a fundo os critérios utilizados pelos jovens nas escolhas dos produtos a serem comprados, verificou-se que, muitas vezes, esses jovens não sabem das implicações de suas escolhas para o meio ambiente.

Pelas propostas para o consumo sustentável apresentados na revisão de literatura, este vai além da compra, representando a relação que o consumidor estabelece com o consumo. Engloba todo o processo de tomada de decisão; indo desde a identificação da necessidade até o descarte do produto, passando assim, pelos aspectos sociais (como as relações justas de trabalho), o uso da água e da energia elétrica (bem como em seu consumo pelos equipamentos), a escolha e descarte das embalagens, enfim, o tipo de produto que se está comprando, seja ele, convencional ou ecologicamente correto.

Portanto, uma das principais necessidades dos jovens universitários para que haja uma mudança de comportamento, relaciona-se à informação. Mesmo estes estando inseridos no ensino superior, verifica-se que a universidade não consegue sensibilizar totalmente os jovens quanto às suas ações pró-ambientais devido à falta de preocupação com a formação pró-ambiental dos estudantes nesse nível de ensino. Foi possível constatar uma deficiência de disciplinas, programas, projetos e campanhas voltados para a conscientização ambiental e mecanismos para contenção dos danos à natureza, tanto por parte da UFV, quanto pelos gestores públicos.

Assim, a incorporação da dimensão ambiental na formação profissional constitui-se em um dos principais desafios a serem enfrentados pelos educadores e pelas instituições de ensino superior. Apesar de já vir sendo inserida no âmbito universitário desde a década de 1960, devido aos impactos que o meio ambiente vem sofrendo em função das ações humanas, necessitando por isto, de um engajamento do sistema educacional na busca pela sustentabilidade ambiental, ainda hoje se observa uma falta

de clareza acerca dos caminhos mais adequados para que a temática seja incorporada ao currículo universitário, percebendo-se que pouco se fez para contornar essa defasagem na formação ambiental dos discentes.

Através da presente pesquisa, foi possível observar que, se comparada aos resultados encontrados no estudo realizado por Bedante em 2004, verifica-se que, mesmo tendo passado doze anos, algumas opiniões e dificuldades encontradas para a não implementação dos hábitos de consumo sustentável pelos jovens universitários, permanecem as mesmas, e, pelo que se percebe, essas barreiras ainda estão longe de serem transpostas.

Desse modo, diante do aprofundamento proporcionado pela entrevista semiestruturada, a seguir apresenta-se um resumo dos fatores que foram identificados como empecilhos à inserção das práticas pró-ambientais e de consumo sustentável nas atividades cotidianas dos jovens consumidores universitários:

- Falta de informação e incentivo sobre o que pode ser feito para tentar minimizar ou reverter os problemas ambientais, ou seja, defasagem de uma educação ambiental;
- Para a aquisição dos produtos ecologicamente corretos, um dos dificultadores é o preço, a falta de informação sobre esses produtos e a pouca disponibilidade no mercado;
- Falta de conhecimento e consciência das implicações das escolhas de compra para o meio ambiente;
- O incentivo que a mídia faz ao consumismo;
- Falta de acesso a políticas de reciclagem de resíduos.

Para haver uma alteração desse quadro, os jovens também precisam se engajar nesta questão. Verificou-se que os universitários entrevistados estão dispostos a realizar atividades que demandem menos esforços como a separação do lixo para coleta seletiva e economia de água. No entanto, observou-se que algumas ações que demandam mais esforços por parte dos jovens, como pesquisar as empresas antes de comprar um produto ou verificar como este é produzido, não fazem parte do seu cotidiano.

Mas a pesquisa constatou que os jovens universitários, participantes deste estudo, estão dispostos a contribuir mais para a preservação do meio ambiente. Para isto, afirmaram ser necessário haver mais atividades voltadas para a conscientização da comunidade acadêmica, como projetos, campanhas, palestras e oficinas ambientais no campus da UFV, um meio de ampliar sua fonte de informação e de promover maior

conhecimento sobre a temática. Além disso, demonstraram interesse em estar cursando disciplinas nessa área, apontadas por eles como importantes para sua formação.

Portanto, torna-se necessário o desenvolvimento de outras pesquisas que inter-relacionem educação ambiental e consumo, como forma de ampliar os conhecimentos sobre esse tema, dentro e fora das instituições de ensino superior, propondo caminhos para que se possa alcançar a sustentabilidade ambiental. E um desses caminhos encontra-se na educação do consumidor. O consumidor educado, isto é, consciente, saberá escolher os produtos que compra, observando-se suas implicações ambientais, e também, sociais.

Apesar de se ter alcançado os objetivos propostos, a importância de se realizar novas pesquisas também se deve às limitações encontradas para a realização desta. Dentre elas, pode-se citar o número reduzido de participantes, o que não permite inferências ou generalizações. Essa limitação se deve à utilização de um questionário *on-line*, em que, muitas vezes, as pessoas tendem a ignorar assuntos que, ou não são de seu interesse ou que demanda tempo em respondê-lo. Outra limitação relaciona-se à dificuldade em localizar os jovens universitários, uma vez que muitos desses não acessam seus *e-mails* institucionais.

Quanto ao instrumento de coleta de dado, apesar de terem sido utilizadas escalas já testadas (EC e ECCB), de comprovada eficácia na mensuração da consciência ambiental e do comportamento de consumo sustentável, suas perguntas são muito pontuais, o que acaba desqualificando as respostas ou cansando o respondente. Sugere-se, portanto, para novos estudos, a inclusão de outras variáveis que possibilitem ampliar a compreensão dessa temática.

Por fim, além dos objetivos propostos, a pesquisadora, como funcionária técnico administrativa dessa instituição, alcançou seu objetivo pessoal que era oferecer sua contribuição para o crescimento da UFV, e também, para a formação cidadã de seus discentes, em busca de um objetivo ainda maior, que é a construção de um mundo mais sustentável.

Sem dúvida ainda há um longo caminho a ser trilhado, no entanto, para que este seja encurtado, propõe-se que, de alguma forma, essa temática esteja inserida na grade curricular dos diferentes cursos de graduação do ensino superior, com o intuito de formar profissionais capacitados a atuarem na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, N.B. **A Consciência Ambiental dos Jovens**: uma pesquisa com estudantes no nível médio técnico e superior tecnológico. 2013. 94f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ALVES, R.R. et al. **Consumo Verde**: comportamento do consumidor responsável. Viçosa, MG: Editora UFV, 2011.

ARRAIS, D. D. **Consumo da Telefonía Móvel por Jovens Universitários**: o papel da comunicação na construção da identidade do jovem. 2011. 168f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP, São Paulo, 2011.

ABEP. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. Critério Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016. São Paulo: ABEP. 2016. Disponível em <<http://www.abep.org/criterio-brasil>> Acesso em: 27 set. 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

BATISTA, M. S. S.; RAMOS, M.C.P. Desafios da Educação Ambiental no Ensino Superior – das Políticas às Práticas no Brasil e em Portugal. In: POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO. XXV Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação e II Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação, 2011, São Paulo. **Cadernos ANPAE**, vol. 11, p. 1-13, 2011. Disponível em: <www.anpae.org.br/simpósio2011>. Acesso em: 15 set. 2016.

BEDANTE, G. N. **A influência da consciência ambiental e das atitudes em relação ao consumo sustentável na intenção de compra de produtos ecologicamente embalados**. 2004. 159f. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BERTOLINI, G. R. F.; POSSAMAI, O. Proposta de instrumento de mensuração do grau de consciência ambiental, do consumo ecológico e dos critérios de compra dos consumidores. **Revista de Ciência & Tecnologia**. v.13. n. 25/26. p.19-27. Jan./Dez. 2005.

BERTOLINI, G.R. F.; ROJO, C.A.; LEZANA, A.G.R. Modelo de análise de investimentos para fabricação de produtos ecologicamente corretos. **Revista Gestão & Produção**, São Carlos, v. 19, n. 3, p. 575-588, 2012.

BOMFIM, A. M.; PICCOLO, F. D. Educação Ambiental Crítica: A Questão Ambiental entre os Conceitos de Cultura e Trabalho. **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, ISSN 1517-1256, v. 27, jul. /dez. 2011.

BORGES, S. Meio ambiente e sustentabilidade na perspectiva das novas gerações. **Marketing**, Centro de Altos Estudos da ESPM (CAEPM), out. 2012. Disponível em:

<http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/estudos_out_12.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2016.

BRANDALISE, L. T. et al. A percepção e o comportamento ambiental dos universitários em relação ao grau de educação ambiental. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 16, n. 2, p. 273-285, abr.-jun. 2009.

BRASIL. **Lei Nº 12.852**, de 5 de Agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm> Acesso em: 10 set. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio ambiente. Experiências de todo o Brasil. **Agenda 21 & Juventude**, Edição nº 3, junho 2009. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/agenda21>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Educação. **Juventude, cidadania e meio ambiente**: subsídios para elaboração de políticas públicas. Brasília: Unesco, 2006. 204p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao10.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Educação. **O que é consumo sustentável**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel/conceitos/consumo-sustentavel>> Acesso em: 12 dez. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Quem é o consumidor consciente?** Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel/consumo-consciente-de-embalagem/quem-e-o-consumidor-consciente>> Acesso em: 31 out. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável**: pesquisa nacional de opinião: principais resultados. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Rio de Janeiro: Overview, 2012. 82 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>> Acesso em: 21 nov. 2016.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Tradução André de Carvalho-Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CALEGARE, M. G. A.; SILVA-JUNIOR, N. Inter e/ou transdisciplinaridade como condição ao estudo de questões socioambientais. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.9, n.2, p.216-245, jul./dez. 2012.

CARVALHO, I.C.M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2006.

CARVALHO, M.M. et al. Percepção e Preocupação Ambiental: estudo de caso da Universidade Federal de Viçosa. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS – ENABER, 2015, Curitiba. **Artigos...** Curitiba: ABER, 2015. Disponível em: <<http://www.brsa.org.br/site/encontros.php>>. Acesso em: 01 set. 2016.

CARVALHO, P. T. A Formação de Consciência Ambiental a partir das Práticas de Educação Ambiental no Ensino Superior. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2010.

CINEDEZE, D. **Percepção ambiental de consumidores universitários**: um estudo com alunos dos cursos de Biologia e de Engenharia de Produção. 2013. 87f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Centro Universitário de Araraquara (UNIARA), Araraquara. 2013.

COLLODEL-BENETTI, I. et al. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, v.9, p.89-99, 2013.

CORRAL-VERDUGO, V. Contribuciones del análisis de la conducta a la investigación del comportamiento pro-ecológico. **Revista Mexicana de Análisis de la Conducta**, v. 32, n. 2, p.111-128, 2006.

CORRAL-VERDUGO, V.; DOMINGUEZ-GUEDEA, R.L. El rol de los eventos antecedentes y consecuentes en la conducta sustentable. **Revista Mexicana de Análise de conduta**, México, v.37, n.2, p.9-29, jan. 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

DANCEY, C.P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia**. Tradução Lorí Viali. Porto Alegre: Artmed, 608p. 2006

DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L. (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano**. Tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005. 278p.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 8 ed. São Paulo: GAIA, 2003.

GIGLIO, E. M. **O Comportamento do Consumidor**. 4ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GOMES, G.; GORNI, P. M.; DREHER, M. T. Consumo Sustentável e o Comportamento de Universitários: Discurso e Práxis! **FACECLA/ Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, Campo Largo, Paraná, v. 10, n. 2, p. 80-92, jul.-dez. 2011.

HARTMANN, A.M.; ZIMMERMANN, E. Sustentabilidade e sociedade sustentável: como estudantes universitários concebem a apresentação dessas ideias em Museus de Ciência. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 3, n. 2, p. 49-75, 2008.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 de set. 2016.

IGLESIAS, F.; CALDAS, L.S.; RABELO, L.A.T. Negando ou Subestimando Problemas Ambientais: Barreiras Psicológicas ao Consumo Responsável. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 3, p. 377-386, jul.-set. 2014.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 118, n. 1, p. 189-205, 2003.

KOTLER, P. **Administração de marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. Edição Milenium. São Paulo: Prentice Hall. 2000.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. **Princípios de Marketing**. 12. Ed., 7 reimp. Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Pearson Prentice-Hall, 2013. 600p.

LAGES, N.; NETO, A. V. Mensurando a consciência ecológica do consumidor: um estudo realizado na cidade de Porto Alegre. **Anais 26º ENANPAD**, Salvador, 2002.

LAYRARGUES, P.P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (Orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179-219.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela. 4 ed. Ver. São Paulo: Cortez, 2007. 239 p.

LEFF, E. **Saber Ambiental**: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOUREIRO, C.F.B. (Org.). **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais da Bahia, 2003.

MARCOMIN, F. E.; SILVA, A. D. V. A sustentabilidade no ensino superior brasileiro: alguns elementos a partir da prática de educação ambiental na Universidade. **Contrapontos**, Itajaí, v. 9, n. 2, p. 104 - 117, Mai./Ago. 2009.

MARTINS, L. M. S. M. Educação Ambiental - Uma Perspectiva Transdisciplinar no Ensino Superior. In: II SEAT – SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E TRANSDISCIPLINARIDADE UFG/IESA/NUPEAT, 2011, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2011.

MATEUS, M.B.; SANTOS, H.P.; JACOVINE, L.A.C. Consciência ambiental e Pegada Ecológica de estudantes dos cursos de Ciências Biológicas e Engenharia Civil da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. **Educação Ambiental em Ação**, v. 42, 2012.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, métodos e criatividade**. 29ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

MONTEIRO, T.A. et al. Consciência ecológica e atitudes dos consumidores: um estudo exploratório sobre seus impactos diante de produtos e marcas. **Revista de Administração da UNIMEP** – v.10, n.3, p. 183-198, Set./Dez. 2012.

OLIVEIRA, E. C. et al. Comportamento Ambiental de Jovens Universitários: identificação de variáveis que discriminam os grupos mais ambientalmente favoráveis e menos ambientalmente favorável. **Racef – Revista de Administração, Contabilidade e Economia da FUNDACE**, ed. 8, p. 1- 17, Dez. 2013.

PATO, C. Comportamento ecológico: chave para compreensão e resolução da degradação ambiental? **Democracia Viva**, 27, p. 102-107, jun.-jul. 2005.

PATO, C.; TAMAYO, A. A escala de comportamento ecológico: desenvolvimento e validação de um instrumento de medida. **Estudos de Psicologia**, n. 11, p. 289-296, 2006.

PEREIRA, S.O.; REIS, L.P.C. Contextos de Interação e sua Inter-relação com o Comportamento Ecológico. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, no prelo.

PINHEIRO, J. Q. Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. **Estudos de Psicologia**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997.

PINHEIRO, J.Q.; PINHEIRO, T.F. Cuidando ambiental: ponte entre psicologia entre psicologia e educação ambiental? **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, p. 25-34, jan./abr. 2007.

POLLI, G.M.; KUHNEN, A. Possibilidades de uso da teoria das representações sociais para os estudos pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.16, n.1, jan.-abr. 2011.

PORTILHO, F. Consumo sustentável: limites e possibilidades de ambientalização e politização das práticas de consumo. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 3, n. 3, p. 01-12, 2005.

PORTILHO, F. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SEMESP. **Mapa do Ensino Superior no Brasil**. Sindicato das mantenedoras de ensino superior. 2015. Disponível em: <<http://convergenciacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf>> Acesso em: 20 set. 2016.

SERRANO, C. M. L. **Educação ambiental e consumerismo em unidades de ensino fundamental de Viçosa-MG**. 2003. 91f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) - Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa, 2003.

SILVA, I.P. et al. Consciência Ambiental *versus* as Práticas de Comportamento Pró-Ambiental de Acadêmicos de Graduação. **Revista Gestão.Org**, v. 14, Edição Especial, p. 59-74, 2016.

SILVA, M. L. A educação ambiental no ensino superior brasileiro: do panorama nacional às concepções de alunos (as) de pedagogia na Amazônia. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, ISSN 1517-1256, v. especial, p. 18 – 33, mar. 2013.

SILVA, N. M.; MACIEL, T. M. F. Atitudes de Estudantes Universitários em Relação à “Simplicidade Voluntária” e à Preservação Ambiental. **Oikos**, Viçosa, v.18, n.3, p 51-66, 2007.

SILVA, N.N.E.S.; PEREIRA; J.L.G. A Educação Ambiental e o Planejamento Educacional no Ensino Superior: a formação do professor. **Revista de Educomunicação Ambiental**, LATEC/UFRJ, V.5, n.2, Jul./Dez. 2015.

SILVA, W.G.; HIGUCHI, M.I.G.; FARIAS, M.S.M. Educação ambiental na formação psicossocial dos jovens. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 21, n. 4, p. 1031-1047, 2015.

SINT. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015. Coordenação de População e Indicadores Sociais, Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 137p. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>> Acesso em: 02 out. 2016.

SOLOMON, M. R. **O comportamento do consumidor**: comprando, possuindo e sendo. 7. ed. Tradução de Lene Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2008, 680 p. Tradução de Consumer Behavior, 7th Edition.

SOUZA, P.P.S.; PEREIRA, J.L.G. Representação social de meio ambiente e educação ambiental nas escolas públicas de Teófilo Otoni-MG. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Rio Grande, n. 6, p. 35-40, 2011.

STRAUGHAN, R. D.; ROBERTS, J. A. Environmental segmentation alternatives: a look at green consumer behavior in the new millennium. **Journal of Consumer Marketing**, v.16, n.6, p. 558-575, 1999.

TAMASHIRO, H.R.S. et al. Comportamento socioambiental do consumidor: um estudo com universitários do interior paulista. **Produção**, v. 22, n. 2, p. 201-212, mar.-abr. 2012.

TAMBOSI, S.S.V. et al. Consciência Ambiental, Hábitos de Consumo Sustentável e Intenção de Compra de Produtos Ecológicos de Alunos de Uma IES de Santa Catarina. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo**, v. 5, n. 3, jul.-dez., 2014.

TUDGE, J. A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? In: MOREIRA, Lúcia V. C.; CARVALHO, A. M. A. (Ed.). **Família e educação: Olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 209-231.

UFV em números. Universidade Federal de Viçosa. In: **Relatório de Atividades da UFV 2016** – Base de dados 2015. SILVA, L. M. P. (org.); JACOB, M. (ed.); FARIA, E. (at.). Elaborado em jul. 2016. Disponível em: <<http://www.ppo.ufv.br/wp-content/uploads/2012/05/UFV-EM-NUMEROS-2016-Base2015.pdf>> Acesso em: 15 set. 2016.

UFV. Universidade Federal de Viçosa. **Estude na UFV: Graduação**. Disponível em: <<http://www.ufv.br>> Acesso em: 10 set. 2016.

WEBER, L.N.D.; DESSEN, M.A. (Org.). **Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados**. Curitiba: Juruá, 2009. 238p.

YUNES, M.A.M.; JULIANO, M.C. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação (FaE/PPGE/UFPel)**, Pelotas, n. 37, p. 347 - 379, set./dez. 2010.

ZANDONÁ, N.L.F. Psicologia e Meio Ambiente: estudo preliminar sobre as relações psicossocio-ecológicas do desenvolvimento. **Interação**, Curitiba, v. 1, p. 9-28, jan./dez. 1997.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

Indique, por favor, em que medida cada uma das seguintes frases traduz o seu comportamento frente ao meio ambiente, assinalando seu grau de concordância com cada uma das afirmações numa escala que vai de “discordo totalmente” (1) a “concordo totalmente” (5).

Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL - Escala EC (Environmental Concern)

1. As plantas e os animais existem, basicamente, para serem utilizados pelos seres humanos.
2. Os seres humanos têm o direito de modificar o meio ambiente para ajustá-lo às suas necessidades.
3. Os seres humanos não precisam se adaptar ao meio ambiente pois podem adaptá-lo às suas necessidades.
4. A humanidade está abusando seriamente do meio ambiente.
5. Os seres humanos devem viver em harmonia com a natureza para que possam sobreviver.
6. Quando os seres humanos interferem na natureza, isso frequentemente produz consequências desastrosas.
7. O equilíbrio da natureza é muito delicado e facilmente perturbado.
8. Para manter uma economia saudável teremos que desenvolvê-la de forma que o crescimento industrial seja controlado.
9. Existem limites de crescimento para além dos quais a nossa sociedade industrializada não pode se expandir.
10. Estamos nos aproximando do número limite de habitantes que a terra pode suportar.

COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR ECOLOGICAMENTE CONSCIENTE - Escala ECCB (Ecological Conscious Consumer Behaviour)

INTENÇÃO DE COMPRA DE PRODUTOS ECOLÓGICOS

1. Nas suas compras o preço sempre é mais importante
2. Prioriza compra de produtos em embalagens biodegradáveis.
3. Compraria um produto numa embalagem reciclável em alternativa a comprar um produto similar numa embalagem não reciclável.
4. Estaria disposto a comprar alguns produtos (que agora compro em embalagens menores) em embalagens maiores e com menor frequência.
5. Compraria um produto numa embalagem pouco tradicional (por exemplo, redonda quando a maioria é quadrada) se isso se traduzisse na geração de menos resíduos sólidos (lixo).
6. Compraria um produto com uma embalagem menos atrativa se soubesse que todo o plástico e/ou papel desnecessário nesta embalagem tivesse sido eliminado.

HÁBITOS DE CONSUMO SUSTENTÁVEL

1. Quando tenho que escolher entre dois produtos iguais, eu escolho sempre o que é menos prejudicial às outras pessoas e ao meio ambiente.
2. Não compro produtos fabricados ou vendidos por empresas que prejudicam ou desrespeitam o meio ambiente.
3. Faço sempre um esforço para reduzir o uso de produtos feitos de recursos naturais escassos.
4. Quando possível, escolho sempre produtos que causam menos poluição.
5. Já convenci amigos e familiares a não comprar produtos que prejudicam o meio ambiente.
6. Para a minha casa não compro produtos que prejudiquem o meio ambiente.
7. Não compro um produto quando sei dos possíveis danos que ele pode causar ao meio ambiente.
8. Não compro produtos e alimentos que possam causar a extinção de algumas espécies animais ou vegetais.
9. Procuro comprar produtos feitos em papel reciclado.
10. Sempre que possível, compro produtos feitos de material reciclado.
11. Tento comprar apenas produtos que possam ser reciclados.
12. Evito comprar produtos que não sejam biodegradáveis.
13. Compro produtos naturais porque são mais saudáveis.
14. Prefiro alimentos sem fertilizantes químicos porque respeitam o meio ambiente.
15. Estou disposto a pagar um pouco mais por produtos e alimentos que estejam livres de produtos químicos que prejudiquem o meio ambiente.
16. Quando compro produtos e alimentos, a preocupação com o meio ambiente influencia a minha decisão de escolha.

PERFIL SOCIOECONOMICO E DEMOGRÁFICO

- | | |
|-------------------------------------|---|
| • Idade | () Ciências Exatas e Tecnológicas |
| • Sexo | • Local de origem |
| () Masculino | () Urbana () Rural |
| () Feminino | |
| • Estado Civil | • Com quem reside em Viçosa ou região? |
| () Solteiro (a) | () Família () Amigos (as) |
| () Casado (a) | () Mora sozinho (a) |
| () Divorciado (a) | |
| () União estável | • Qual a Renda Familiar em sua residência? Somado todas as receitas |
| () Outro | () até R\$ 1.000,00 |
| | () R\$ 1.000,01 a R\$ 2.000,00 |
| • Área Acadêmica | () R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00 |
| () Ciências Humanas Letras e Artes | () R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00 |
| () Ciências Biológicas e da Saúde | () R\$ 4.001,00 a R\$ 5.000,00 |
| () Ciências Agrárias | () Mais de R\$ 5.000,00 |

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevista Nº: _____ Data: _____ Hora de início: _____ Hora de Término: _____

Entrevistado:

Idade: _____ Sexo: _____ Estado Civil: _____ Curso: _____

Origem: _____ Renda familiar: _____ Com quem reside: _____

Para você, o que quer dizer consciência ambiental?

Qual a definição de consumo sustentável em sua opinião?

Em relação ao seu grau de responsabilidade com os problemas ambientais, quanto você se sente responsável e/ou envolvido no agravamento dos mesmos? Porque?

O que você faz em benefício do meio ambiente? Participa ou já participou de algum projeto de Educação Ambiental?

Já cursou alguma disciplina ou participou de algum curso que aborde a questão ambiental aqui na UFV? Lembra o nome do curso ou da disciplina?

O que você ainda não faz mas gostaria de fazer em prol do meio ambiente?

O que você sabe sobre a preservação ambiental, aprendeu com quem? (Responda ordenando de acordo com a principal fonte de informação) (Adaptado de BARCELOS, 2013)

() Família

() Amigos

() Na UFV

() Na televisão

() Nos jornais e revistas

() Internet

() No ensino fundamental e médio

() Outro: Qual? _____

Como considera a abordagem ambiental no campus da UFV? E dentro do seu curso?

Quais as características você considera mais importante e que definem qual produto comprar?

Alimentos _____

Artigos de vestuário _____

Produtos eletrônicos (celulares, *smartphones*, computadores, *tablets*, entre outros equipamentos portáteis) _____

Você costuma observar os rótulos dos produtos e verificar se este possui algum selo ou certificação ambiental?

Se sim. Quais você conhece? Você compra esses produtos?

Ao adquirir um produto eletrônico, você costuma observar seu consumo de energia?

Durante o processo de escolha de alimentos, produtos eletrônicos ou artigos de vestuários, você costuma avaliar como estes serão descartados? Se sim. Isso interfere na sua escolha? Como?

Como você descarta as embalagens dos produtos consumidos?

Como você descarta os aparelhos eletrônicos, roupas e outros artigos de vestuário?

O que você pensa sobre uma mudança de hábito de consumo pelos jovens? Como você acha que se daria esse processo?

Há algum tipo de incentivo para uma mudança de hábito pelos jovens? Se sim, quais? Se não, porque?

Entre as pessoas do seu convívio diário, quais são referência para você na escolha dos seguintes produtos?

Comprar alimentos: _____

Comprar produtos eletrônicos: _____

Comprar roupas ou outros artigos de vestuário: _____

ANEXO C – HÁBITOS DE CONSUMO SUSTENTÁVEL

Questões	DT	D	NE	C	CT
Quando tenho que escolher entre dois produtos iguais, eu escolho sempre o que é menos prejudicial às outras pessoas e ao meio ambiente.	4	28	54	39	23
	2,7%	18,9%	36,5%	26,4%	15,5%
Não compro produtos fabricados ou vendidos por empresas que prejudicam ou desrespeitam o meio ambiente.	8	48	61	23	8
	5,4%	32,4%	41,2%	15,5%	5,4%
Faço sempre um esforço para reduzir o uso de produtos feitos de recursos naturais escassos.	1	24	50	54	19
	0,7%	16,2%	33,8%	36,5%	12,8%
Quando possível, escolho sempre produtos que causam menos poluição.	1	18	35	67	27
	0,7%	12,2%	23,6%	45,3%	18,2%
Já convenci amigos e familiares a não comprar produtos que prejudicam o meio ambiente.	14	46	45	32	11
	9,5%	31,1%	30,4%	21,6%	7,4%
Para a minha casa não compro produtos que prejudiquem o meio ambiente.	8	53	65	19	3
	5,4%	35,8%	43,9%	12,8%	2,0%
Não compro um produto quando sei dos possíveis danos que ele pode causar ao meio ambiente.	7	38	49	36	18
	4,7%	25,7%	33,1%	24,3%	12,2%
Não compro produtos e alimentos que possam causar a extinção de algumas espécies animais ou vegetais.	7	25	46	42	28
	4,7%	16,9%	31,1%	28,4%	18,9%
Procuro comprar produtos feitos em papel reciclado.	6	27	61	37	17
	4,1%	18,2%	41,2%	25,0%	11,5%
Sempre que possível, compro produtos feitos de material reciclado.	1	25	39	62	21
	0,7%	16,9%	26,4%	41,9%	14,2%
Tento comprar apenas produtos que possam ser reciclados.	15	39	55	34	5
	10,1%	26,4%	37,2%	23,0%	3,4%
Evito comprar produtos que não sejam biodegradáveis.	10	43	57	31	7
	6,8%	29,1%	38,5%	20,9%	4,7%
Compro produtos naturais porque são mais saudáveis.	5	14	30	74	25
	3,4%	9,5%	20,3%	50%	16,9%
Prefiro alimentos sem fertilizantes químicos porque respeitam o meio ambiente.	6	17	32	63	30
	4,1%	11,5%	21,6%	42,6%	20,3%
Estou disposto a pagar um pouco mais por produtos e alimentos que estejam livres de produtos químicos que prejudiquem o meio ambiente.	12	17	35	61	23
	8,1%	11,5%	23,6%	41,2%	15,5%
Quando compro produtos e alimentos, a preocupação com o meio ambiente influencia a minha decisão de escolha.	8	24	57	46	13
	5,4%	16,2%	38,5%	31,1%	8,8%

Fonte: Dados da pesquisa.

ANEXO D – ANÁLISE DE VARIÂNCIA - ANOVA

Correlação entre o Grau de Consciência Ambiental e o Índice de Consumo Sustentável em relação a Área Acadêmica dos Jovens Universitários. Viçosa/MG – 2016.

		Soma dos Quadrados	Df (gl)	Quadrado Médio	F	Sig.
Grau de Consciência Ambiental	Entre Grupos	3.802	3	1.267	6.914	0.001
	Nos grupos	26.393	144	0.183		
	Total	30.194	147			
Índice de Consumo Sustentável	Entre Grupos	0.281	3	0.094	0.315	0.814
	Nos grupos	42.774	144	0.297		
	Total	43.055	147			

Testes Post Hoc

Variável dependente	(I) Área Acadêmica	(J) Área Acadêmica	Diferença média (I-J)	Erro Padrão	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
Grau de Consciência Ambiental	Ciências Agrárias	Ciências Biológicas e da Saúde	-0.46534*	0.11857	0.001	-0.7735	-0.1571
		Ciências Exatas e Tecnológicas	-0.07338	0.11267	0.915	-0.3662	0.2195
		Ciências Humanas Letras e Artes	-0.20524	0.10888	0.239	-0.4883	0.0778
	Ciências Biológicas e da Saúde	Ciências Agrárias	0.46534*	0.11857	0.001	0.1571	0.7735
		Ciências Exatas e Tecnológicas	0.39196*	0.10046	0.001	0.1309	0.6531
		Ciências Humanas Letras e Artes	0.26010*	0.09619	0.038	0.0101	0.5101
	Ciências Exatas e Tecnológicas	Ciências Agrárias	0.07338	0.11267	0.915	-0.2195	0.3662
		Ciências Biológicas e da Saúde	-0.39196*	0.10046	0.001	-0.6531	-0.1309
		Ciências Humanas Letras e Artes	-0.13187	0.08882	0.449	-0.3627	0.0990
	Ciências Humanas Letras e Artes	Ciências Agrárias	0.20524	0.10888	0.239	-0.0778	0.4883
		Ciências Biológicas e da Saúde	-0.26010*	0.09619	0.038	-0.5101	-0.0101
Índice de Consumo Sustentável	Ciências Agrárias	Ciências Biológicas e da Saúde	0.04119	0.15095	0.993	-0.3512	0.4335
		Ciências Exatas e Tecnológicas	0.12338	0.14344	0.825	-0.2495	0.4962
		Ciências Humanas Letras e Artes	0.09615	0.13862	0.899	-0.2641	0.4565
	Ciências Biológicas e da Saúde	Ciências Agrárias	-0.04119	0.15095	0.993	-0.4335	0.3512
		Ciências Exatas e Tecnológicas	0.08218	0.12789	0.918	-0.2502	0.4146
		Ciências Humanas Letras e Artes	0.05496	0.12245	0.970	-0.2633	0.3733
	Ciências Exatas e Tecnológicas	Ciências Agrárias	-0.12338	0.14344	0.825	-0.4962	0.2495
		Ciências Biológicas e da Saúde	-0.08218	0.12789	0.918	-0.4146	0.2502
		Ciências Humanas Letras e Artes	-0.02722	0.11307	0.995	-0.3211	0.2667
	Ciências Humanas Letras e Artes	Ciências Agrárias	-0.09615	0.13862	0.899	-0.4565	0.2641
		Ciências Biológicas e da Saúde	-0.05496	0.12245	0.970	-0.3733	0.2633
		Ciências Exatas e Tecnológicas	0.02722	0.11307	0.995	-0.2667	0.3211

Fonte: Dados da pesquisa. *. A diferença média é significativa no nível 0.05.

ANEXO E – ANÁLISE DE VARIÂNCIA - ANOVA

Correlação entre o Grau de Consciência Ambiental e o Índice de Consumo Sustentável em relação a Renda. Viçosa/MG – 2016.

		Soma dos Quadrados	Df (gl)	Quadrado Médio	F	Sig.
Grau de Consciência Ambiental	Entre Grupos	1.525	5	0.305	1.511	0.190
	Nos grupos	28.669	142	0.202		
	Total	30.194	147			
Índice de Consumo Sustentável	Entre Grupos	0.578	5	0.116	0.387	0.387
	Nos grupos	42.477	142	0.299		
	Total	43.055	147			

Fonte: Dados da pesquisa. A diferença média é significativa no nível 0.05.

Correlação entre o Grau de Consciência Ambiental e o Índice de Consumo Sustentável em relação a Moradia (Amigos, Família, Sozinho). Viçosa/MG – 2016.

		Soma dos Quadrados	Df (gl)	Quadrado Médio	F	Sig.
Grau de Consciência Ambiental	Entre Grupos	0,014	2	0,007	0,034	0,967
	Nos grupos	30,180	145	0,208		
	Total	30,194	147			
Índice de Consumo Sustentável	Entre Grupos	0,700	2	0,350	1,198	0,305
	Nos grupos	42,355	145	0,292		
	Total	43,055	147			

Fonte: Dados da pesquisa. A diferença média é significativa no nível 0.05.

ANEXO F – TESTE T

Correlação entre o Grau de Consciência Ambiental e o Índice de Consumo Sustentável em relação ao Gênero. Viçosa/MG – 2016.

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Grau de consciência ambiental	Variâncias iguais assumidas	8.356	0.004	-2.421	146	0.017	-0.18360	0.07585	-0.33350	-0.03369
	Variâncias iguais não assumidas			-2.254	90.364	0.027	-0.18360	0.08147	-.34544	-0.02176
Índice de consumo sustentável	Variâncias iguais assumidas	0.136	0.713	0.671	146	0.504	0.06184	0.09223	-0.12044	0.24412
	Variâncias iguais não assumidas			0.677	116.745	0.500	0.06184	0.09138	-0.11914	0.24282

Fonte: Dados da pesquisa. A diferença média é significativa no nível 0.05.

Correlação entre o Grau de Consciência Ambiental e o Índice de Consumo Sustentável em relação à Origem (Urbana ou Rural). Viçosa/MG – 2016.

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Grau de consciência ambiental	Variâncias iguais assumidas	2.861	.093	-0.455	146	0.650	-0.06225	0.13685	-0.33272	0.20821
	Variâncias iguais não assumidas			-0.367	12.191	0.720	-0.06225	0.16967	-0.43129	0.30678
Índice de consumo sustentável	Variâncias iguais assumidas	.148	.701	-1.901	146	0.059	-0.30715	0.16155	-0.62642	0.01212
	Variâncias iguais não assumidas			-1.791	12.743	0.097	-0.30715	0.17148	-0.67837	0.06407

Fonte: Dados da pesquisa. A diferença média é significativa no nível 0.05.

APÊNDICE A – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UFV



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Conscientização Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável de Jovens Universitários

Pesquisador: Lilian Perdigão Caixêta Reis

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53436816.3.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Doméstica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.445.557

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO

Campus Universitário - Viçosa, MG - 36570-900 – Telefone: (31) 3899-1233 / 1235 – Fax: (31) 3899-1236

AUTORIZAÇÃO

Eu, professor Frederico José Vieira Passos, na qualidade de Pró-Reitor de Ensino da Universidade Federal de Viçosa, autorizo a realização da pesquisa intitulada “CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL E COMPORTAMENTO DE CONSUMO SUSTENTÁVEL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS” a ser conduzida sob a responsabilidade das pesquisadoras, professora Lílían Perdigão Caixêta Reis e da mestranda Sandra de Oliveira Pereira.

Declaro, que esta Instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa, estando as pesquisadoras, autorizadas a coletar junto aos coordenadores de curso da UFV/Campus Viçosa, nome e endereço de correio eletrônico dos discentes que estiverem matriculados no último ano de seus respectivos cursos de graduação.

Esta autorização só é válida no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa para a referida pesquisa.

Viçosa, 17 de fevereiro de 20 16

Prof. Frederico José Vieira Passos
Pró-Reitor de Ensino

Frederico José Vieira Passos
Pró-Reitor de Ensino
UFV

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa cujo título é **“Conscientização Ambiental e Comportamento de Consumo Sustentável de Jovens Universitários”**, desenvolvido pela pesquisadora Sandra de Oliveira Pereira e orientada pela Professora Dr.^a Lílian Perdigão Caixêta Reis, do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa - UFV. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso haja dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Os objetivos do estudo são estritamente acadêmicos e, em linhas gerais, pretende-se investigar se a conscientização ambiental está associada a um comportamento de consumo sustentável por universitários, e em que medida a compreensão dos problemas ambientais impacta na decisão de compra desses jovens. O motivo que nos leva a estudar a temática se deve aos graves problemas ambientais que o mundo enfrenta, sendo a educação, um importante caminho para o enfrentamento dessa questão. Para alcançar o objetivo dessa pesquisa, serão realizadas entrevistas por meio de conversa com a pesquisadora, podendo o(a) participante decidir se será gravada ou não. Caso não seja autorizada a gravação, as informações serão anotadas pela pesquisadora e lidas para o(a) entrevistado(a) verificar a veracidade das anotações.

Os riscos envolvidos com esta pesquisa são mínimos, estando relacionados ao desconforto e a inibição em prestar as informações solicitadas, e neste caso, o(a) participante poderá se negar a dar qualquer tipo de informação que cause constrangimento ou mesmo desistir da pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo. Durante a pesquisa terá toda liberdade de fazer qualquer pergunta ou questionamento relacionado ao estudo. Os benefícios para o(a) participante serão indiretos, visto que este estudo poderá proporcionar à Universidade Federal de Viçosa, dados para que sejam elaborados programas de educação ambiental para os discentes e mesmo, para toda a comunidade acadêmica, contribuindo assim, para uma maior conscientização e a busca por minimizar os problemas ambientais.

Sua participação é voluntária, não havendo qualquer incentivo financeiro ou qualquer custo para participar da pesquisa, com a plena liberdade de recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem que isso acarrete em qualquer

penalidade. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados ficarão arquivados com a pesquisadora por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. O(a) participante não será identificado(a) em nenhuma publicação. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizará as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu _____ abaixo assinado, declaro que concordo em participar da pesquisa acima citada, por minha própria vontade. Fui esclarecido(a) que para obter informações e no caso de irregularidades éticas durante a pesquisa poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa-MG- CEP/UFV no seguinte endereço e contatos: Prédio Arthur Bernardes, piso inferior, telefone (31) 3899-2492, correio eletrônico: cep@ufv.br, bem como, entrar em contato com a pesquisadora (Sandra) pelo telefone (31) 99646-0465 pelo correio eletrônico: sandrad.oliveira@ufv.br ou com a orientadora da pesquisa (Profª LÍlian) no Departamento de Economia Doméstica da UFV, pelo telefone (31) 3899-1629 e pelo correio eletrônico: lilian.perdigao@ufv.br.

Declaro que entendi as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que fui informado (a) que o uso dos dados por mim oferecidos serão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) de acordo com a Resolução CNS 466/2012. Declaro que recebi uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por mim, pela orientadora e pela pesquisadora. Eu li, compreendi e assino o presente termo.

Nome do(a) Participante: _____

Contato do(a) Participante: _____

Assinatura do(a) Participante: _____

LÍlian Perdigão Caixêta Reis
Professora orientadora

Sandra de Oliveira Pereira
Pesquisadora

Viçosa, _____ de _____ de 2016.